

revista | série de psicanálise

topos

REVISTA TOPOS, V.19, ANO 2024 - ISSN 2675-7745

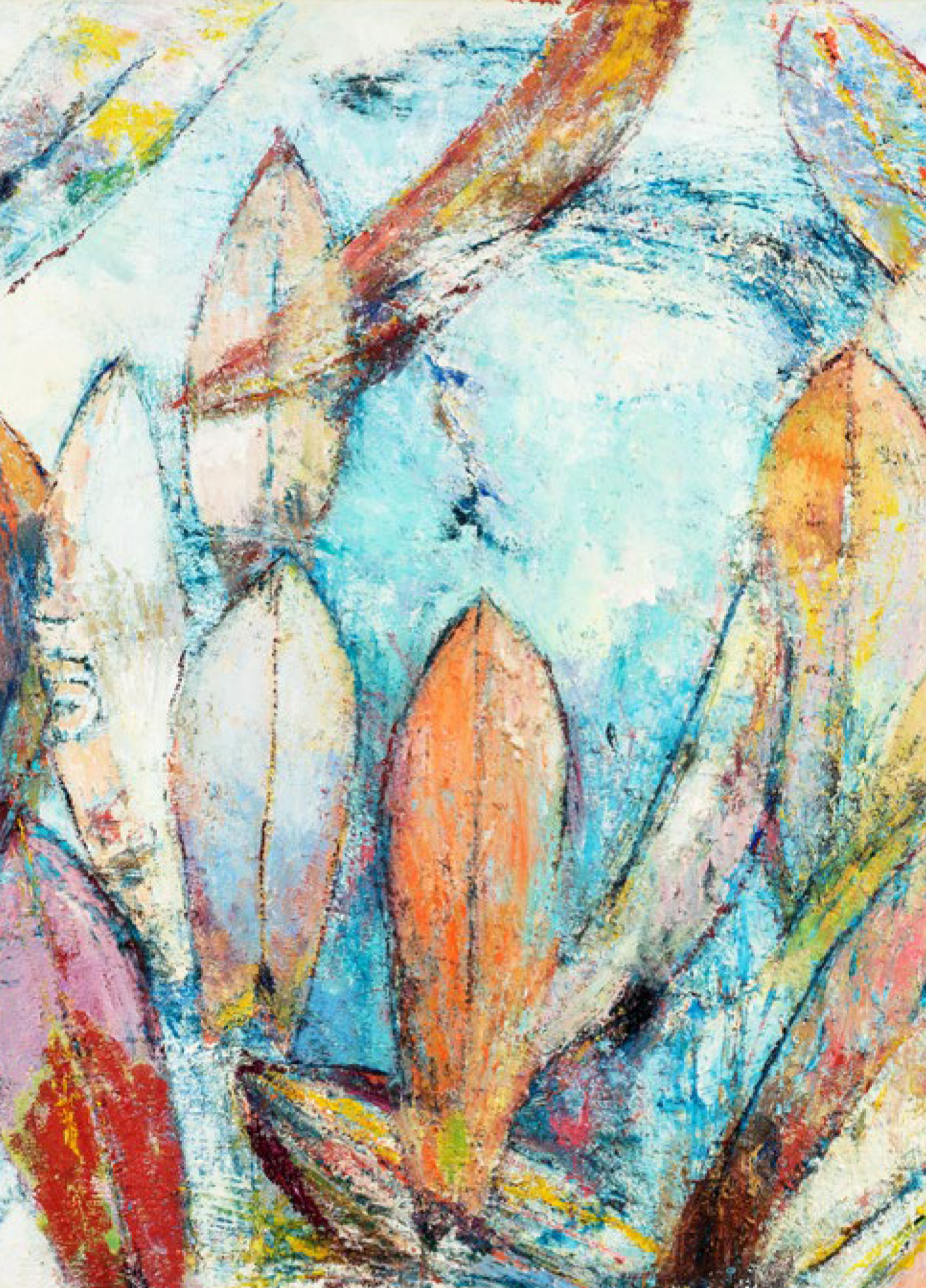


E S P A Ç O



MOEBIUS

PSICANÁLISE



REVISTA TOPOS, V.19, Ano 2024 - ISSN 2675-7745

Projeto Gráfico: João Ferreira | @joaoferreira.design

Imagens: Obras da série *Águas* – gentilmente cedidas pela artista plástica Fátima Tosca – homenageada nessa edição.

Revisão: Luiz Alberto Tavares / Letícia Patriota da Fonseca

CORPO EDITORIAL:

Comissão Editorial

Denise Carvalho Barbosa

Letícia Patriota da Fonseca

Liane Trece

Luiz Alberto Tavares

Maria Auxiliadora Fernandes

Conselho Editorial

Aurélio Souza

Denise Carvalho Barbosa

Letícia Patriota da Fonseca

Liane Trece

Luiz Alberto Tavares

Sandra Pedreira

Periodicidade anual

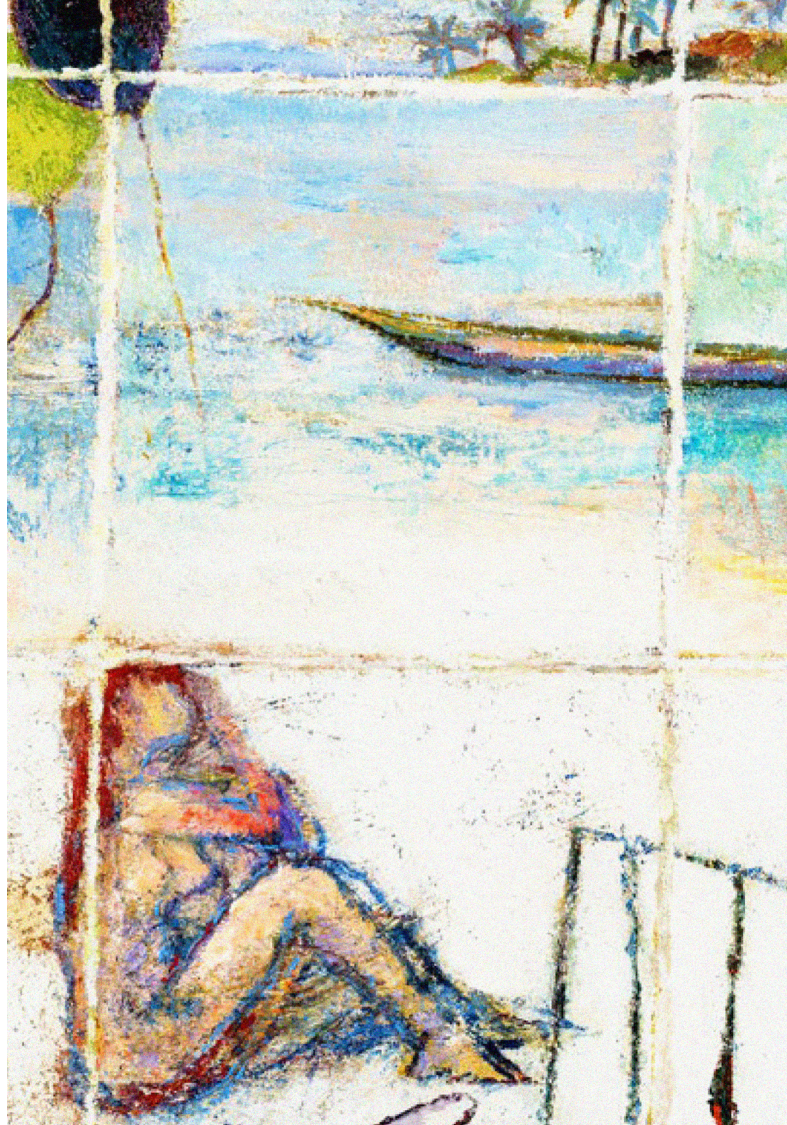
Espaço Moebius Psicanálise

Salvador, Bahia, Brasil

E-mail: secretaria@espacomobius.com.br

Telefone: +55 (71) 99328-3758

<http://www.espacomobius.com.br/revistatopos>



*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta.
Pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

DRUMOND DE ANDRADE, C. *Procura da poesia*. In: *A rosa do pozo*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.12.

*Já disse sobre ele o suficiente para que saibam que o gozo é o tonel das Danaides,
e que uma vez que ali se entra não se sabe aonde isso vai dar. Começa com as
cócegas e termina com a labareda de gasolina.
Tudo isso é, sempre, o gozo.*

LACAN, J. *O avesso da psicanálise* [1969-70].
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992, p.68.

ÍNDICE

EDITORIAL

LUIZ ALBERTO TAVARES

I. DO PAI

CONFERÊNCIA

AURÉLIO SOUZA

DO PAI, AO NOME-DO-PAI E AOS NOMES-DO-PAI

ARTIGOS

LIANE TRECE

DO PAI HERRESSIA (RSI-A)

CAIO DE MATTOS FILHO

O PAI MODELO NÃO É O PAI EDUCADOR, MAS O PÈRE-VERTIDO

ELIECIM FIDELIS

SOBRE OS NOMES DO PAI E SEUS ENIGMAS

ISABELLA REGINA GOMES DE QUEIROZ

A DEFICIÊNCIA E O PAI

MÔNICA PORTUGAL

PAI RESSENTIDO

II. DO GOZO E DA CONTEMPORANEIDADE

CONFERÊNCIA

AURÉLIO SOUZA

DOS GOZOS AO GOZO, O DE SEMPRE NA EX-SISTÊNCIA DO SUJEITO

ARTIGOS

MARDONIO COELHO

UMECO DISTANTE - *"Can you hear me Major Tom?"*

ZEILA FACCI TOREZAN

ONDE ESTÁ O PONTO DE PERDA?

LETÍCIA PATRIOTA DA FONSECA

AS DESVENTURAS CONTEMPORÂNEAS DA SEXUAÇÃO

LAUDINALVA LÚCIA MATOS

NO ENTRE ... DOIS

EDUARDO LEDO

O GOZO E O CORPO NOS LABIRINTOS DA MEDICALIZAÇÃO

ENSAIO

CORINNE TYSZLER

MUNIR-SE DO IMAGINÁRIO NARRATIVO PARA SE SEPARAR

[CORPO EDITORIAL](#)

[NORMAS DE PUBLICAÇÃO](#)

[ENDEREÇO DE CONTATO](#)

[EDIÇÃO ATUAL](#)

[EDIÇÕES ANTERIORES](#)

LINKS



EDITORIAL

Prezados leitores,

Ao longo dos últimos dois anos o Espaço Moebius escolheu como temas de trabalho, respectivamente, *O Pai, de Freud à Lacan e Formas de gozo na contemporaneidade*. Os fóruns, cartéis, seminários e jornadas realizados pela instituição, durante esse tempo, suscitaram questões e debates em torno desses objetos de estudo e resultaram na elaboração dos escritos que integram a Revista TOPOS nº 19. Composta de conferências, de artigos e um ensaio, a Revista reúne a produção dos membros do Espaço Moebius, além de colegas convidados, com os quais compartilhamos uma transferência de trabalho.

A pergunta em torno do Pai permanece central na experiência psicanalítica, desde Freud até o presente. A primeira seção da Revista versa sobre esta temática cujas articulações propostas pela psicanálise, a partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, moveram o trabalho institucional durante o ano de 2022.

Iniciamos com a conferência de **AURÉLIO SOUZA**, intitulada *Do Pai, ao Nome-do-pai e aos Nomes-do-pai* em que faz um minucioso percurso sobre o tema, situando a relevância da linguagem e dessa condição significante que nomeia o Pai. Ressalta como a noção do Pai sofreu diversas alterações desde Freud e, ao longo do ensino de Lacan, sobretudo com a introdução da topologia borromeana, quando formalizou a função dos *Nomes-do-Pai*, que além do Imaginário, do Real e do Simbólico, incluiu como uma de suas funções o *ato de nomear*. O autor aponta, por fim, que é possível, depois de ter se servido do Pai, que se possa deixá-lo para seguir adiante, e ir além dele.

Ainda na temática do Pai, o texto de **LIANE TRECE**, *Do Pai herressi-a (RSI-a)*, aborda a passagem do singular para a pluralização dos Nomes do pai, acompanhando seus diversos desdobramentos no

ensino de Lacan. Situa o Pai como um operador nodal, uma função lógica, ou *Pai função*, sobretudo a partir do Seminário *O Sinthoma*, para articulá-lo com a cadeia borromeana e ao enodamento das três consistências, convocados para dar conta de como a psicanálise opera na prática, pela experiência da fala e pelos seus efeitos de corte.

CAIO DE MATTOS FILHO, em seu trabalho *O pai modelo não é o pai educador, mas o père-vertido*, trata da função paterna, buscando diferenciar o que seria um pai educador, regulador de comportamentos, daquele que opera como agenciador da castração a partir do desejo. Após situar algumas premissas sobre o Pai em Freud e, sobretudo, em Lacan, utilizando a noção de *père-version*, Caio aponta para algumas dificuldades e embaraços que emergem na prática psicanalítica na contemporaneidade.

No texto de **ELIECIM FIDELIS**, intitulado *Sobre os Nomes do Pai e seus enigmas*, o autor realiza um trajeto através dos conceitos de Nome do Pai e nome próprio, em Lacan, partindo das diversas apresentações do objeto *a*, apontadas desde o seminário sobre *A Angústia*. Eliecim ressalta, no seu trabalho, a ênfase dada por Lacan à função do objeto voz, para se aproximar dos ritos religiosos hebreus e da questão da pluralização dos Nomes do Pai, chegando ao cerne da transmissão da psicanálise.

A autora **ISABELLA QUEIROZ** nos apresenta o escrito *A deficiência e o pai*, em que aborda as doenças genéticas da primeira infância, tratando da função paterna a partir de dois casos clínicos. No texto, Isabella discorre sobre a fragilidade da Lei, em diversas dimensões, além de chamar a atenção para a invisibilidade e o silenciamento do sujeito, submetido ao discurso biomédico, ao tempo em que aponta para o trabalho da psicanálise em extensão.

MÔNICA PORTUGAL nomeia o seu texto *Pai ressentido*, no qual trata do afeto do ressentimento para, em seguida, discorrer sobre o declínio da imagem paterna. Destaca em seu trabalho que as condições sociais desfavoráveis, ou deterioradas, propiciam a substituição da Lei pelo autoritarismo e pelo surgimento de governos autocráticos. Após fazer um percurso através dos desenvolvimentos sobre o Pai, em Freud e Lacan, a autora interroga de que modo a psicanálise pode contribuir para apontar e denunciar os efeitos dessas condições que buscam fomentar ódio e ressentimento.

A segunda seção da Revista apresenta alguns escritos sobre o gozo e de que modo este se apresenta, sob variadas formas, na contemporaneidade, sendo o

tema de estudo que percorreu as atividades propostas pelo Espaço Moebius ao longo de 2023.

AURÉLIO SOUZA abre essa seção com a conferência *Dos gozos ao Gozo, o de sempre na existência do Sujeito* na qual trata da questão do gozo, ressaltando a importância da estrutura da linguagem na psicanálise e a presença das três categorias que contemplam as realidades do Sujeito: o Imaginário, o Real e o Simbólico. Ao fazer uma trajetória pelos Discursos e, sobretudo, pela cadeia borromeana, Aurélio localiza os diferentes tipos de gozo, que se diversificam a cada momento na análise, afetando o pensamento e o corpo que sustenta o Sujeito. Considera a psicanálise uma prática discursiva que busca levar o Sujeito, tal como um artesão, a produzir algo, como uma defesa, um saber-fazer, frente a esses diferentes gozos que tendem a ser devastadores em sua existência.

No texto *Um Eco Distante - "Can you hear me Major Tom?"* **MARDONIO COELHO** segue um percurso pela cadeia borromeana e pelos discursos, para abordar, mais precisamente, o discurso do capitalista, chamando atenção para as novas formas de gozo na contemporaneidade. Ao apresentar um fragmento clínico, o autor situa uma condição particular de gozo em que o sujeito, diante do objeto, numa posição de adicto, se faz ele próprio objeto e goza desta unidade consigo mesmo, destruidora da falta e do desejo que constituem sua divisão.

Onde está o ponto de perda? é o texto de **ZEILA FACCI TOREZAN** que parte da proposição lacaniana de *entropia*, como ponto de perda que dá acesso ao gozo, para situar aí o trabalho do saber na direção da verdade. Ao dizer que é somente com a entropia que temos acesso àquilo que está em jogo no gozo, a autora recorre a um fragmento clínico para discorrer sobre os impasses para a entrada e sustentação desse trabalho, com o apalavramento, no dispositivo analítico, marcado pela apatia e ausência de desejo na atualidade.

A autora **LETÍCIA PATRIOTA DA FONSECA** aborda em seu trabalho, denominado *As desventuras contemporâneas da sexualidade*, as dificuldades fundamentais que se revelam na assunção da identidade sexuada e na escolha de objeto diante dos impasses surgidos na contemporaneidade. Ela discute, através dos postulados de Lacan e de analistas que se debruçaram sobre o tema, questões sobre o gozo em jogo na atualidade, convocando os praticantes da psicanálise a estarem atentos às mudanças de discurso presentes em nossa época.

Em seu escrito *No entre ... dois*, **LAUDINALVA LÚCIA MATOS**, movida por questões surgidas no seu trajeto institucional, aborda as modalidades de gozo presentes no decurso de uma análise para tratar da passagem de analisante à analista. Ao situar o objeto *a* no cerne desta questão, a autora refere que o analista se produz a partir desse objeto e como, ao final da partida, ele deve ser levado ao entusiasmo, a amar o seu inconsciente, continuando esse percurso por meio da transferência de trabalho em uma instituição de psicanálise.

O autor **EDUARDO LEDO** no seu trabalho *O gozo e o corpo nos labirintos da medicalização*, tece uma crítica à moderna Clínica Psiquiátrica ao discutir como o corpo é afetado pela excessiva intervenção medicamentosa, resultando no apagamento de toda subjetividade possível. Ao transitar por alguns conceitos psicanalíticos e situar a dimensão da linguagem, Eduardo propõe repensar o campo psiquiátrico através de uma prática que privilegie a palavra do sujeito e leve em conta o alcance e os limites das intervenções farmacológicas.

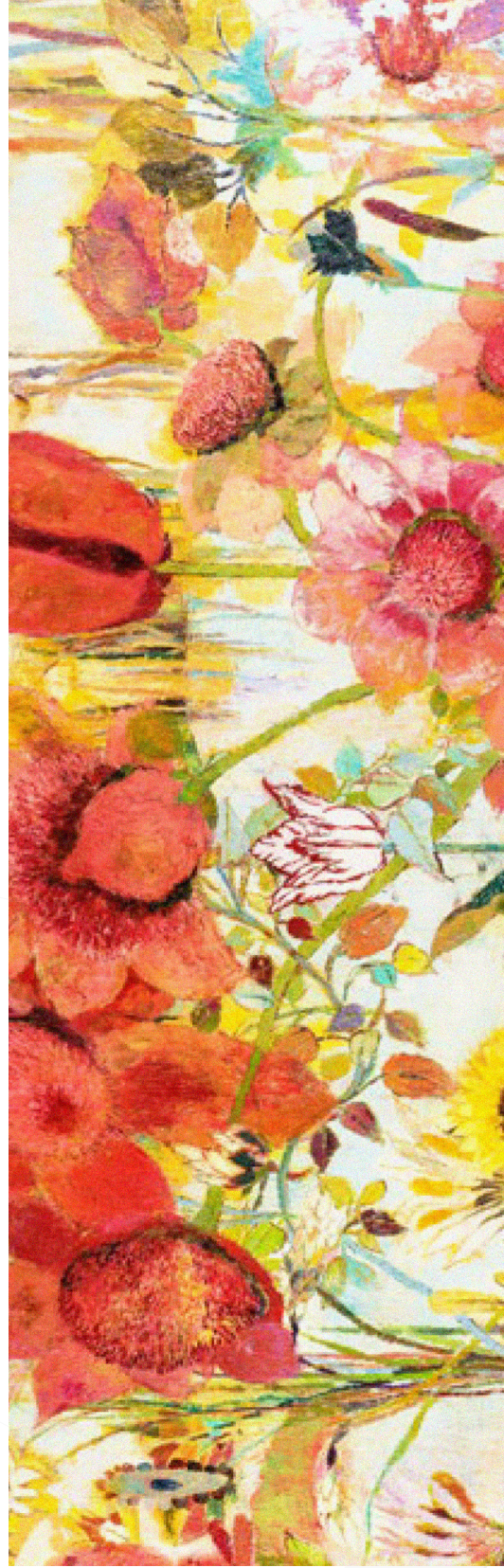
Finalizamos essa seção com o ensaio intitulado *Munir-se do imaginário narrativo para se separar*, em que **CORINNE TYSZLER** descreve sua experiência como analista numa plataforma de atendimento *online*, no período da pandemia de Covid-19. A autora trata das particularidades desta prática clínica que, segundo ela, nos revela um desatamento fantasmático face ao real imposto pelo surgimento do vírus e pelo consequente confinamento. No seu texto, ao mencionar os atendimentos, Corinne recorre ao imaginário narrativo, como meio de techedura, para fazer reemergir a triplicidade do nó nessas situações de incertezas portadoras da morte.

Sabemos que os analistas diante do horror do ato analítico buscam, com seu estilo singular, formalizar este ato nos movimentos da escrita. Convidamos então vocês a acompanhar estes movimentos, através da leitura das suas produções escritas, reunidas nessa edição da Revista TOPOS, movidos pelo compromisso ético de fazer circular o saber psicanalítico e levar adiante a transmissão da psicanálise.

Boa leitura!

Luiz Alberto Tavares
Pela Comissão Editorial

I. DOPAI





DO PAI, AO NOME-DO-PAI E AOS NOMES-DO-PAI

AURÉLIO SOUZA

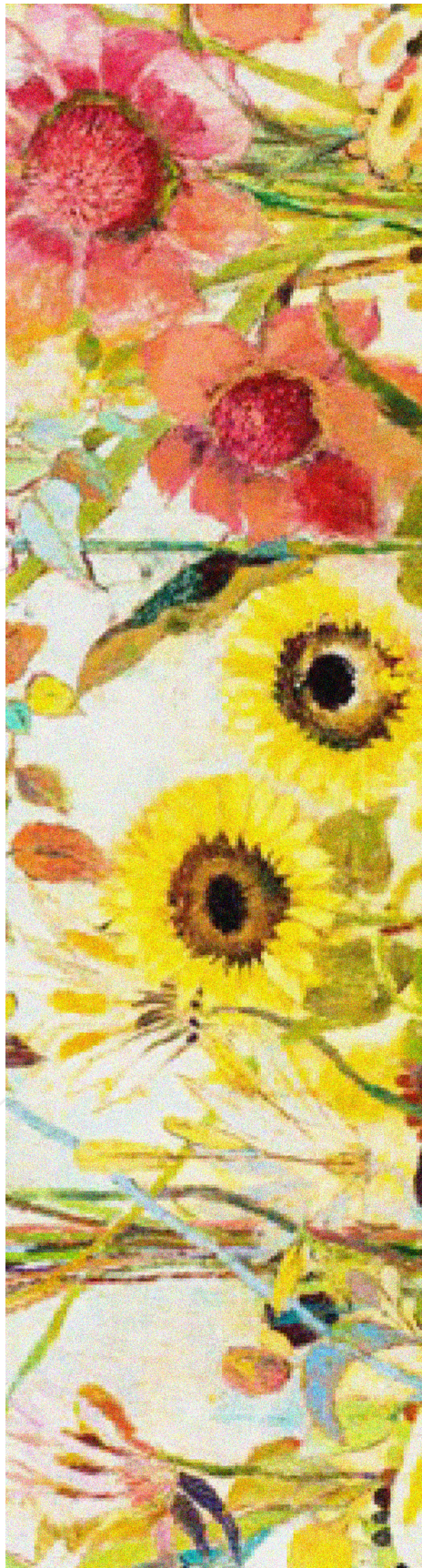
DO PAI, AO NOME-DO-PAI E AOS NOMES-DO-PAI ¹

Aurélio Souza ²

Espero que aproveitem dessa intervenção de Abertura dos Fóruns do Espaço Moebius, de 2022, considerando em primeiro lugar, uma proposta de fazer a psicanálise circular e, ainda, o que cada um pode aprender, pois esse ofício da psicanálise não se ensina e o que se aprende está sempre implicado a uma “pequena etiqueta” que vai formalizar a noção de Discurso. Uma condição que se desenvolve como um laço social, que se desloca do privado ao público e que, através de uma transferência de trabalho, possamos identificar diferentes leituras elaboradas a partir de um Saber que ex-siste no Real e que está implicado ao sofrimento do Sujeito, à produção do analista, à elaboração de diferentes teorias da psicanálise e, tudo isso, obedecendo a uma presença do significante “Nomes-do-Pai”.

Podemos compartilhar, ainda, dessa proposição lacaniana, de que essa noção de Discurso se constrói através de uma escritura formada *por lugares, letras e números*, estabelecendo essa condição que se mostra, na prática analítica, como um “Discurso sem palavras”, ou mesmo como uma “prática de leitura”. Isso traz consequências entre o que está escrito e o que se lê, entre o que se diz e o que se ouve e, mesmo, entre o *Dizer* e o *dito*, obedecendo à essa axiomatização proposta por Lacan, em certo momento de seu ensino: “*Que se diga, fica esquecido atrás do que se diz, no que se ouve*”.

Portanto, isso que se escreve através dos Discursos, não só está implicado ao próprio ensino de Lacan, já que ele o construiu a partir de acertos e erros, abandonos e recuperações, considerando sempre a presença de uma falta, no Saber, que vem testemunhar a não existência de qualquer garantia de um Saber definitivo para a psicanálise. E, ainda, que estas leituras venham obedecer a um dever ético e de ofício, em que se há analista, ele deve ter tolerância e prudência, para suportar estas diversidades de leituras, diferentes da sua, já que elas podem ser modificadas a cada momento, por quem pratica a análise. Aqui, ao falar da tolerância, não se trata de



uma virtude a ser desenvolvida, mas de uma condição que existe na psicanálise para que se possa suportar os limites e, sobretudo, essa noção de uma falta que retorna sempre na prática analítica, equivalente às diferentes perdas que aparecem como Castração, Privação e Frustração, que são temas para um outro momento.

Ao evocar essa noção de Discurso, vou retornar a um momento inicial do ensino de Lacan, quando ele fez uma proposta de um “retorno a Freud”. Não se tratava de uma simples volta às origens, pois seu ensino, dizia ele, só poderia ser esclarecido numa “... segunda volta sobre si mesmo. Tudo deve ser dito sobre uma outra face para que se feche o que ela encerra, que não é certamente o saber absoluto, mas esta posição de onde o saber pode reverter efeitos de verdade”³. Esta referência à “dupla volta” (*double-tour*) corresponde ao traçado do oito interior da fita de Moebius, que traz uma noção topológica do sujeito dividido, como também, à suposição de um impedimento linear de seu ensino, que vai estar relacionado à impossibilidade de qualquer garantia de um saber definitivo para a psicanálise.

Ainda nesse período, aproximando-se do estruturalismo, Lacan tratou de reafirmar as “eternas relações” do humano com a linguagem, buscando recolocar o Discurso Analítico nos trilhos freudianos, de onde havia sido afastado. Para isso, não só assegurou a eficácia do Simbólico na prática analítica, como veio axiomatizar “o inconsciente estruturado como uma linguagem” e, ainda, procurou atualizar diversas noções que já vinham sendo trabalhadas desde o Estádio do Espelho, como o narcisismo primário, a noção do corpo, o Eu, a própria constituição do sujeito e, sobretudo, a função paterna a partir da elaboração do significante Nome-do-Pai.

Ao considerar essa importância da estrutura da linguagem, na psicanálise, que veio a ser formalizada mais para o final de seu ensino, como *Lalingua*, o que se produz sobre o humano e, por extensão, em relação

¹ Conferência realizada na Abertura dos Fóruns do Espaço Moebius, em março de 2022.

² Psicanalista. Membro do Espaço Moebius.

³ LACAN, Jacques [1966]. *Dim. Dessin*. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966 p.363 a 367.

ao sujeito é uma operação inicial de incorporação. Uma condição que tem sido relacionada muitas vezes, de uma maneira intuitiva, à fase oral do desenvolvimento pulsional, em que estes elementos de linguagem que habitam no exterior, deveriam ser colocados no interior do corpo, através do que se poderia metaforizar num banquete totêmico, em que os filhos matam o pai e, em seguida, o devoram, colocando-o em seu interior, para adquirem seus poderes e seus valores. Aqui, no entanto, essa noção de incorporação corresponde a uma outra condição, pois é *Lalíngua* que incorpora o humano, como algo que se pode metaforizar, no “mito de Cronos”, em que o pai devora os filhos colocando-os em seu interior.

No entanto, de uma maneira mais emblemática, quando se trata do sujeito, na psicanálise, essa operação de incorporação é realizada por *Lalíngua*, que incorpora um tipo de “Sujeito primitivo”, produzindo uma *perda* e, ainda, uma divisão irreversível em sua estrutura, que chegou a ser concebida, em alguns momentos, como uma condição em que o sujeito oscilaria entre a consciência e o inconsciente. Todavia, trata-se de outra condição, em que essa divisão do Sujeito o coloca, de um lado, representado por um significante (S1), que manterá uma conexão com outros significantes (S2), que num primeiro momento do ensino de Lacan adquiriu o estatuto de um Saber e que, mais tarde, vai formar uma malha, uma rede sonora e polifônica, de significantes e letras, que adquire o estatuto de *Lalíngua*.

Além disso, através dessa operação de incorporação, inscrevem-se as primeiras letras e os significantes na carne⁴, isto é, na superfície do corpo que sustenta o Sujeito, instituindo diferentes marcas que estabelecem uma coalescência da linguagem com o sexual e o gozo, em que o “o corpo se deixa levar”, é uma expressão usada por Lacan numa *Conferência em Genebra*, para que estas marcas que podem ser mostradas através de cicatrizes, tatuagens, com o uso de *percings*, com a circuncisão, com fenômenos somáticos, inclusive através da *moda*, que não chega a ser uma marca direta sobre o corpo, mas é algo que de uma forma imaginária, procura cobrir aquilo que não pode ser mostrado, que é o Real do sexo.

Com efeito, qualquer uma destas condições vem inscrever uma aliança do Sujeito com o corpo, que passa a ser ordenado numa série que o implica ao próprio campo da linguagem. Estas marcas determinam, não só uma simbolização primitiva, que adquire um valor de signos de pertinência, que irão

produzir diferentes tipos de identificação, sobretudo, como um tipo de identificação primária, isto é, um tipo de identificação ao Pai, que levará o *Sujeito* a ser representado por um determinado significante (S1), entre outros significantes, como também, elas se mostram através de signos eróticos que servem de referência para que o desejo do Outro possa produzir seus efeitos, ainda que esse grande Outro nem mesmo exista.

Essa relação que se mantém do corpo a partir de *Lalíngua*, ou com a mente, em que o “Simbólico toma corpo”, ela inaugura essa condição de um “corpo do Simbólico” e, assim, pode-se inferir que o corpo que sustenta o sujeito é diferente de um corpo animal e, desse modo, é transmutado num instrumento de gozo a serviço do sujeito, que vai interferir e qualificar sua ex-sistência, a partir desse Saber no Real a ser decodificado a cada momento numa análise.

Tendo referido acima a essa identificação ao Pai, a pergunta que vai insistir e que contempla o tema de minha intervenção é, *o que é o Pai*, na psicanálise?

Para ir formalizando uma resposta à essa pergunta, vou considerar, de início, uma vertente social que se diferencia de sua função, na psicanálise. Um candidato a ser Pai, não corresponde só àquele que engravida uma mulher, mas, também, que mantém uma identidade familiar de origem e que venha dar um nome às suas gerações, definindo um estilo e marcas na história de sua filiação. Sobre essa questão Lacan sugeriu, a partir da relação dos pais de Hamlet e de Schreber, em seu trabalho “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*”, aludindo aos pecados do Pai, suas paixões e suas faltas, seus desejos e gozos, que as consistências do Imaginário, do Simbólico e do Real estarão sempre presentificadas.

Aqui existe, de início, uma clivagem entre a presença do Pai, na realidade familiar e social, como um Pai encarnado, que desempenha seu papel, que se diversifica em diferentes momentos da história da humanidade e nas diversas Culturas, exercendo obrigações, deveres e responsabilidades com a família e com seus “produtos”, em que apesar de tudo isso, existirá uma incerteza sobre sua posição, que esteve incluída desde cedo, no Direito romano, como “*pater incertus semper est*”. Mesmo que essa condição possa estar modificada na atualidade pela Ciência, não é excessivo se considerar que a garantia de *ser* Pai, continua sendo efetivada por uma crença, por uma condição de fé, no significante que o nomeia como PAI.

No entanto, na psicanálise, desde o início dos trabalhos de Freud que essa noção do PAI sofreu diversas alterações, sendo deslocada de sua acepção comum que se tem na Cultura e que foi bastante modificada e inovada, com a contribuição de Lacan.

Freud elaborou seu mito histórico sobre o PAI, após ter recorrido a Fliess e confessado que o pai da histórica não era o “sedutor perverso” que ele acreditava e, assim, teria que encontrar uma nova forma de conceber, essa questão, “o que é um PAI”? Não tendo, de início, uma resposta que o satisfizesse, ele vai utilizar de certos mitos, para construir formas discursivas que pudessem ajudá-lo sobre essa noção do PAI. Considerou a presença constante nestes mitos, do parricídio, colocando o *pai assassinado*, o “pai morto”, como determinante nessa função paterna. De certa maneira, pode-se acompanhar esse desenvolvimento freudiano, em que sua primeira narrativa mítica tem por suporte a peça de *Édipo Rei*, escrita por Sófocles, na Grécia Antiga (430 A.C.). Este mito veio se constituir como um dos suportes da psicanálise, como algo realizado no início da infância e que se tornava uma orientação da sexualidade infantil através de uma paixão pela Mãe e de um ciúme do Pai.

A descrição do segundo mito do PAI foi produzida em *Totem e Tabu* (1913), partindo da ideia de um “Pai primevo”, que tinha um poder ilimitado sobre todas as mulheres, podendo gozar de todas elas, enquanto que os filhos eram excluídos por ele dessa possibilidade. Nessa condição, Freud universalizou o complexo de Édipo e instituiu uma condição trágica em relação ao Pai, pois pelas limitações e maltratos que os filhos sofriam, eles se uniram e decidiram assassinar o PAI; em seguida, para adquirirem seus poderes e suas funções, resolveram tomar uma posição canibalística e o devoraram. Esse “ato” produziu efeitos diversificados e irreversíveis, pois com o assassinato do PAI, ocorre, de início, uma identificação ao Pai morto, determinando com isso, limites e instituindo uma Lei para todos os filhos, interferindo sobre a prática generalizada do sexo, uma proibição do incesto, além de determinar uma normatização de seus desejos. No entanto, desde que os filhos foram liberados para uma prática sexual com as mulheres, que até então era proibido, instituiu-se um tipo de rivalidade fraterna, uma “*frèrocity*”, um significante que Lacan inventou, no final de seu ensino, que os encaminhou não só a estabelecerem um pacto para “totemizar o Pai morto”, como vai instituir uma dívida simbólica e uma culpa, em que a partir daí, todos teriam que pagar algo pelo que fizeram. Com isso, o “Pai morto” tornava-se mais poderoso do que era enquanto vivo.

⁴ LACAN, Jacques [1967]. *Séminaire XIV: La logique du fantasme*, aula de 10/5/67. Inédito.

Quanto ao terceiro mito, em relação ao PAI, aparece em “*Moisés e o monoteísmo*” (1939), quando Freud vai desenvolver uma teoria elaborada por Otto Rank, em seu livro “*O mito do nascimento do herói*” (1909), que é um trabalho com raízes históricas, a partir do livro “*Êxodo*”. Nessa ocasião, Freud desenvolveu a tese de que Moisés não era um hebreu e sim um egípcio e, ainda, elaborando a eficácia do inconsciente a partir do “Pai morto”, que se mostra como um significante recalcado.

No momento em que Freud já estava prestes a finalizar seus trabalhos, que tendiam a preservar uma posição monoteísta e religiosa, em relação ao PAI, inclusive de que não se poderia passar sem ele, Lacan começou a formalizar essa noção do PAI, em um de seus textos inaugurais, “*Os Complexos Familiares*” (1938), quando tratou da *Imago paterna*. Na ocasião, ele procurou formalizar a presença do PAI, com uma concepção diferente, afastando-se não só dessa noção de um Pai, da horda, mas, também, através de uma dessexualização, que o excluía de sua versão comum, como aquele que engravida uma mulher para ser Mãe. Assim, obedecendo ao que nomeou de uma “obediência retrospectiva” e considerando a importância da linguagem, o PAI passava a intervir sobre a existência de um gozo primário, entre o “*desejo da Mãe e seu produto*”, através de uma operação que ele nomeou de *Metáfora Paterna*.

Uma operação que pode ser concebida como uma sincronia, que se decompõe em três tempos:

- o primeiro deles, em que o sujeito sustentado no corpo desse produto materno, presentifica-se como um *objeto causa do desejo da Mãe* e, dessa maneira, identificado ao Phalus;
- o segundo tempo, em que o Pai intervém como privador da Mãe, instituindo uma Lei a ser obedecida por ela, diferente daquela que existia antes e que era elaborada por ela mesma;
- por fim, no terceiro tempo, o Pai deve sustentar aquilo que promete, dando provas de que é portador do Phalus e que está pronto e disponível a oferecê-lo à sua Mulher. Um Pai com o qual um filho possa se identificar e que a filha possa desejá-lo.

Essa operação da *Metáfora Paterna*, em seu formato matemizado, contém o germe de uma desconstrução, ou de uma reconstrução da teoria freudiana do Édipo, pretendendo reduzi-la ao que ela tem de essencial e estruturante, como um operador para a Psicanálise. Essa metáfora institui um lugar, simbolizado pela ausência da MÃE e que passa a ser ocupado pelo PAI, que embora torne-se um portador da lei, ele não substitui o desejo da Mãe.

Em seguida, para fundamentar de uma maneira mais eficiente essa noção da função paterna, Lacan passou a trabalhar com os casos clínicos de Freud, considerando diferentes versões normativas do Pai, que apareciam nos textos freudianos, embora sem deixar de afirmar que não havia uma elaboração eficiente sobre o PAI, nestes trabalhos. Assim, para desenvolver essa função do Pai, ele convocou, de início, a instrução religiosa, como uma via de se ensinar à criança, o “nome do Pai e do filho”, nessa procedência da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Dessa maneira, a função do PAI não só passava a se constituir numa metáfora, que implicava o Sujeito, na dimensão Simbólica, estabelecendo uma perda de gozo que vai harmonizar sua ex-sistência, como coloca o Pai sob o estatuto de um significante, que passou a ser concebido com uma versão diferente de sua condição linguística. Assim, o significante não mais guardava a referência de um “objeto” e, nem mesmo, com a propriedade de que “mata a Coisa”, mas de que passava a se relacionar com um outro significante, construindo não só uma “cadeia de significantes”, como também instituindo essa propriedade que vivifica o Sujeito e que passa a representá-lo para outro significante, nessa conexão (S1 / \$ → S2).

Dessa maneira, o Pai tornou-se um “operador simbólico e a-histórico”, na Psicanálise, que veio a ser nomeado por Lacan, como um “significante Nome-do-Pai”⁵, para dar suporte à uma *função* que vai interditar o incesto, que vai estruturar, em cada ser falante, diferentes heteridades do Sujeito e, ainda, que viria reafirmar essa condição da trilogia do Pai: um Pai do Imaginário, um Pai do Real e um Pai do Simbólico.

Aqui, vou fazer um pequeno comentário sobre o que é uma *função*, no ensino de Lacan, que ele utiliza de diversas maneiras, como *função do analista*, *função fálica*, *função simbólica*, *função do saber*, *função paterna*... entre outras, a partir de uma elaboração dos trabalhos de Frege, em que ela é concebida como um lugar, composto de duas partes: uma *fixa*, que corresponde à própria noção de uma *estrutura* que lhe dá suporte e que a capacita a produzir efeitos diversificados; e uma parte *variável*, que veio a ser identificada como o argumento, onde pode-se colocar qualquer coisa e, assim, cada vez que o *argumento* modifica-se, o valor da *função* é alterado.

Dessa maneira, não é excessivo se considerar que a *função paterna*, embora possa ser concebida como uma só, a partir dessa condição lógica, que promove um “lugar vazio” a ser preenchido por diversos “nomes” do PAI, já que eles podem variar, ela não se

limita à presença de um pai que engravida a Mulher, ao pai patronímico, nem mesmo à condição de ser Homem, pois esse lugar do “*argumento*”, pode ser ocupado, também, por uma Mulher e, mesmo, por outros elementos.

Essa *noção do Pai*, em Freud, que já havia sido concebido como não castrado, que mandava e gozava de todas as mulheres, como todo poderoso e suporte de um ideal que aparecia, também, como um “pequeno deus”, a crença em sua onipotência e em seu poder caminhava para uma predominância da religião monoteísta. Lacan foi por um outro caminho, ele que até então vinha procurando dar à psicanálise um estatuto de cientificidade, de uma maneira lenta e progressiva, foi se afastando dessa posição, que vou nomear “religiosa”, em Freud, buscando formalizar a prática analítica e sua teoria através dos matematos⁶, que trouxe como consequência, relativizar o *Nome-do-Pai*, que deixava de ser absoluto, que deixava de ser um único nome, para se tornar um Nome entre outros.

Já em 1963, na espuma de uma questão Institucional, que ficou conhecida como Excomunhão, quando Lacan foi excluído da IPA, ele havia proposto um seminário sobre “*Os Nomes do Pai*”, que teve início e fim, numa única aula, no dia 20 de novembro de 1963. Nessa única aula do Seminário ele voltou a interrogar a *noção do Pai*, em Freud, mostrando sua importância na prática da análise, nas Instituições e, sobretudo, na própria IPA.

Nesse período, procurou desenvolver essa *função do Pai* a partir de duas vertentes: uma primeira, em torno dessa trilogia, de um Pai Simbólico, um Pai Imaginário e um Pai Real e uma outra, através dessa noção do “Nome-do-Pai”, que já havia sido usado por ele, pela primeira vez, no *Discurso de Roma* (em 1953), quando tratou do *complexo de Édipo* e, ainda, com o que identificou a partir da própria estrutura da linguagem, como uma *Lei primordial*, como “*uma ordem da palavra ... do pai (...), não do pai natural, senão deste nome do Pai*”⁷, que vai se mostrar como suporte de uma função simbólica, que passa a produzir efeitos que intervêm de uma maneira necessária, numa posição terceira, entre o Homem e a Mulher, mesmo na ausência de um PAI, da realidade e, ainda, como um representante da Lei⁹, o Nome-do-Pai

⁵ LACAN, Jacques [1966]. *Function et champ de la parole et du langage en psychanalyse*. In: Écrits. Paris: Seuil, 1966, p. 278.

⁶ LACAN, Jacques [1964]. *Séminaire XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.

⁷ LACAN, Jacques [1966]. *Function et champ de la parole et du langage en psychanalyse*. In: Écrits. Paris: Seuil, 1966, p. 278.

⁸ LACAN, Jacques [1955-56]. *O seminário, livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

⁹ LACAN, Jacques [1959]. *Une question préliminaire ...*. In: Écrits. Paris: Seuil, 1966, p. 579.

vai metaforizar o *desejo da Mãe*, para libertar seus produtos, de “suas mandíbulas”.

Ainda sobre essa condição, Lacan vai considerar, mais tarde, que essa operação significativa para produzir efeito de *metáfora* e que seja bem sucedida, é preciso que haja uma atitude a ser desenvolvida pela própria Mãe, ao enunciar o Nome-do-Pai. Desta maneira, ele vai reafirmar que a própria noção do Pai já se constitui numa metáfora, e como tal, deve adquirir o estatuto de um significante, como um significante Nome-do-Pai e que venha produzir efeitos sobre o Sujeito.

Portanto, o significante Nome-do-Pai afasta-se mais uma vez dessa noção freudiana, encaminhando o *Sujeito* a fazer parte de um *pacto simbólico*, que o conduz para uma versão normatizada do seu desejo e, também, sob uma condição que o leva a assumir uma posição trágica de sua existência, pois quando ele se pergunta, “*o que sou eu (je)?*”, a resposta sugerida por Lacan e que já está presente para quem pergunta, é que “*eu sou (ou estou) no lugar ... do que se chama gozo*”¹⁰, determinando, dessa maneira, uma versão “*paiversamente*” orientada para o Sujeito. Esse significante é um neologismo criado por Lacan, que joga com uma homofonia, no francês, entre *perversement* (perversamente) e *pèreversement* (paiversamente), que tende a lançar o Sujeito no inferno do desejo.

Aqui, Lacan usa, ainda, de uma outra polifonia, também, no francês, entre *perversion* (perversão) e *père-version*, que não corresponde só a uma “versão do pai”, como, também, uma “versão para o pai” que vai colocar o *Sujeito* numa orientação para o *desejo do Outro*, como ocorre com os neuróticos, ou até mesmo numa condição normatizada, daquele que se pode nomear de *a-viciado*, que recobre os chamados perversos e outras condições afins que podem normatizar o desejo do *Sujeito*, tornando-o desejante, mas, também, como aparece na escritura da *cadeia borromeana*, vai conduzi-lo à essa condição estrutural em que passa a sofrer os efeitos de diferentes campos de gozo, também, com manifestações somáticas e distúrbios afins. Ainda, na falta dessa operação produzida pelo significante Nome-do-Pai, o Sujeito passa a sofrer a violência de efeitos estruturais que pode levá-lo à condição de psicótico.

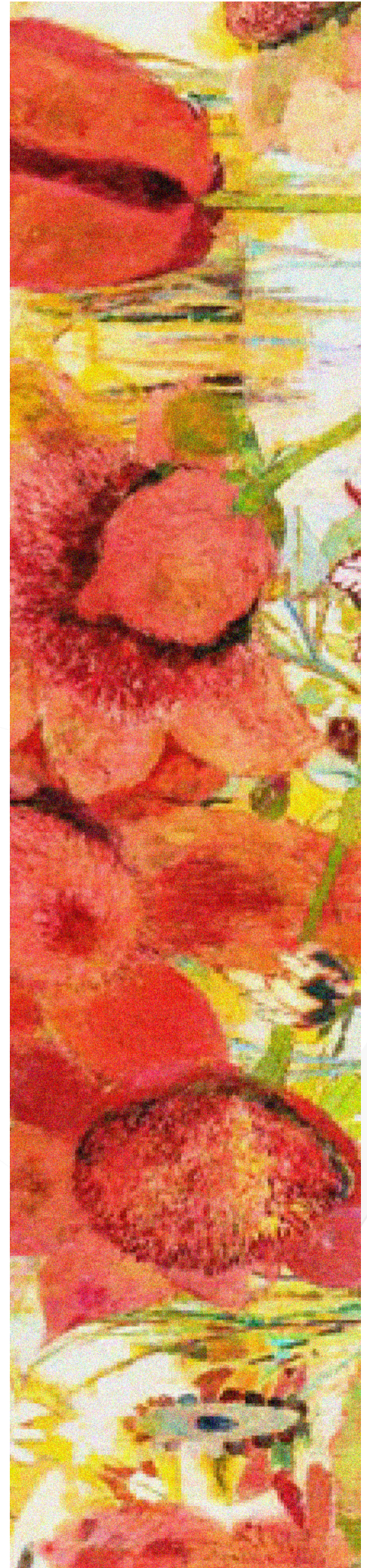
Lacan, ainda, após ter inferido sobre o fracasso e a falta do significante Nome-do-Pai, ele evocou

sobre o “cavalo de Hans”, o “lobo de Serguei”, o “rato de Ernst”¹¹, entre outras condições¹², sugerindo a possibilidade de uma *suplência* para realizar a metáfora paterna. Aqui, vou considerar seu movimento, da religião à lógica, quando ele troca o monoteísmo pelo politeísmo e busca uma pluralidade do Nome-do-Pai. Para dar suporte à essa relativização do significante Nome-do-Pai, ele procurou, ainda, formalizá-lo através de uma teoria geral do Nome, do Nome Próprio¹³, que foi trabalhado, por diversas vezes, em seus seminários, com a linguística e a lógica, como uma “marca aberta à leitura”.

Não vou tratar dos detalhes sobre essa noção, mas considerar que diferente de Gardiner, Russell e, mesmo, Frege, que foram alguns de seus interlocutores sobre esse tema, na época, ele veio afirmar que o *Nome Próprio* não se reduz a um demonstrativo, que viesse designar um objeto particular, como Russell sugeriu, ou mesmo aquilo que é sensível ao significado e aos sons, como elementos distintos, como desenvolvia Gardiner. Ele vai conceber essa noção do Nome Próprio, como algo que está ligado à letra e, assim, passava a ter relação a este traço, que não se define por sua fonetização e, nem mesmo, como uma lembrança da figura do objeto, mas corresponde àquilo que serve de elemento diferencial, para sinalizar com um UM, algo “*que é idêntico a si mesmo*”¹⁴ e, através dessa unicidade, ele apaga o objeto que representa.

Aqui, pode-se acompanhar uma convergência entre o Nome Próprio e o Um e, por extensão, ao traço unário, ao significante fálico e, ainda, ao Nome-do-Pai, mantendo uma equivalência entre eles, através desse traço comum que apaga o que o objeto tem de perceptível para nossos sentidos. Isso pode-se identificar a um lugar vazio, como um buraco, que adquire o estatuto de um operador lógico para a psicanálise e que Sibony, em certo momento de seus trabalhos, afirmou que “*nome (e) buraco ... é a mesma coisa*”¹⁵.

Lacan, ainda, vai usar do Nome Próprio, de uma maneira equivalente a Kripke, como um “*designador rígido*”, que adquire o estatuto de um operador lógico para a psicanálise, como “um lugar que intima a falar”¹⁶, convocando a presença de um outro significante, que apareça no lugar do sucessor. Essa convocação de um significante no lugar do sucessor, não só inaugura o que pode representar para o Sujeito, a cadeia das gerações, que se torna



¹⁰ LACAN, Jacques [1960]. *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien*. In: Écrits. Paris: Seuil, 1966, p. 819.

¹¹ LACAN, Jacques [1975]. *Séminaire XXII: RSI*, aula de 11/2/75. Inédito.

¹² LACAN, Jacques. Idem, aula de 11/2/75. Inédito.

¹³ Isto pode servir, entre outros lugares, no Seminário IX sobre a Identificação.

¹⁴ MARKOV, Andrei. *Le concept d'algorithme*. In: *Ornicar?* n° 16, 1978, p.32 a 36.

¹⁵ SIBONY, Daniel. *L'Autre Incalculable*. Paris: Seuil, 1978, p. 68 a 69.

¹⁶ LACAN, Jacques [1971]. *Séminaire XIX: D'un discours qui ne serait pas du semblant*, aula de 16/06/71. Inédito.

equivalente a àsérie dos números naturais, mas pode-se inferir, também, a existência de um “gozo das origens” e, sobretudo, o que Lacan vai afirmar em sua intervenção *O Despertar da Primavera* (1974), de que embora existam muitos Nomes-do-Pai, só há um que lhe convém, o *Nome de Nome de Nome*, em que se tem que considerar sua *ex-sistência* e, ainda, o nome como semblante por excelência.

Estes três nomes correspondem às três dimensões dos *Nomes-do-Pai*, como Imaginário, Real e Simbólico e, também, em relação à própria estrutura borromeana, que tem sua escritura mínima com os três anéis que suportam estas três consistências. Ainda neste escrito, Lacan vai afirmar que o *Nome do Pai* não corresponde ao Nome Próprio, mas ao Nome, como *ex-sistência*, como uma condição do Real, onde se sinaliza a presença de um lugar *que não diz nada*, um inominável, isso que do *Nome* não se pode falar e, assim, mostra a presença de um *buraco*, na estrutura, que se constitui num elemento essencial em seu ensino¹⁷.

Lacan relacionou, também, essa falta do significante como algo importante na prática analítica, como algo que se movimenta na *forclusão do significante Nome-do-Pai*. Dessa maneira, como o grande Outro não existe e na falta de um significante que represente o Nome-do-Pai, isso determina no Sujeito uma impossibilidade de sua inserção na ordem simbólica e, também, de não poder construir “fixações” que façam borda, que minimizem estes efeitos do Real, encaminhando-o para uma condição de psicótico. Assim, o próprio *Sujeito*, na análise, é intimado como um dever fálico a se fazer representar por um significante e procurar fazer bordas desse buraco que o constitui, para tentar escrever suas respostas sobre a vida e a morte, sobre o sexo, o gozo e, sobretudo, a inventar o saber inconsciente que o determina e que possa minimizar estes efeitos devastadores do Real.

Para ir finalizando, vou afirmar que, de início, o *Nome do Pai* em sua vertente religiosa, tendia a proteger o Sujeito, procurando introduzir uma produção de sentido, uma harmonia e com uma condição fálica em suas diferentes realidades, isso viria determinar que o Outro e Deus existem, querendo o bem para todos. Todavia, mesmo que o Sujeito pudesse se acreditar o “escolhido”, ele deveria fazer sacrifícios, pagar com o que dispõe em seu corpo, inclusive, através dos pensamentos, com seus sintomas e muitas outras manifestações para ser acolhido por Deus. Mais tarde, com a lógica e, sobretudo, com a introdução da topologia borromeana, ocorreu uma modificação essencial no ensino de Lacan, quando formalizou a função dos *Nomes-do-Pai*, na psicanálise,

em que além do Imaginário, do Real e do Simbólico, ele incluiu como uma de suas funções, o “ato de nomear”, de dar nome às coisas. Assim, quando se relativiza esta função do *significantes Nomes-do-Pai*, a partir da lógica e da topologia borromeana, tende-se a produzir uma ruptura da psicanálise com as religiões. Dessa maneira, o objeto *a* e os diferentes campos de gozo, como aparecem na escritura da *cadeia borromeana*, opõem-se ao poder universalizante do Criador e, como uma consequência dessa proposição, o Outro e Deus não mais existem para a prática analítica.

Esse *ato de nomear*, no entanto, não significa etiquetar algo, mas levar em conta as consequências que isto institui, como produzir um “buraco” que determina uma impossibilidade de adequação entre a identidade daquilo que é nomeado e o referente, como um a mais que comporta uma produção limitada de gozo, nessa condição para o sujeito¹⁸. Portanto, ao se considerar o ato de nomear, equivalente a fazer buraco, o que se institui a partir das nomeações do Real, Simbólico e Imaginário é a presença de buracos que se repetem, cada vez com uma intimação de que o sujeito, em sua singularidade possa descobrir, numa versão “*paiversamente*” orientada, de que se serviu do Pai, para descobrir algo que já estava em si mesmo e ele não sabia, portanto, algo que já era dele e não de qualquer “outro” e que isso diz respeito à sua própria forma de gozar, num tipo de *gozo auto erótico*, pois será sempre assim; todo gozo em última instância é sempre gozo do corpo.

Dessa maneira, o sujeito torna-se responsável de inventar seus sintomas, suas manifestações somáticas e, sobretudo, de inventar o inconsciente que o determina, desde quando o sujeito passa a ser concebido por Lacan, como uma resposta do Real. Além disso, de que é possível que depois de ter se servido e usado do *Pai*, de que possa deixá-lo e seguir adiante, podendo ir além dele. Assim, vir saber o que fazer com isso, que é o trabalho da análise, o que nos compete de ajudá-lo.

Como teremos muitas possibilidades de discutir sobre estas questões e muitas outras durante o ano, vou agradecer, mais uma vez, o convite para abrir as atividades do Espaço Moebius e a presença dos colegas e interessados pela psicanálise, que compartilharam esse momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LACAN, Jacques [1959]. *D'une question préliminaire ...*. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 579.
- LACAN, Jacques [1960]. *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien*. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 819.
- LACAN, Jacques [1966]. *Function et champ de la parole et du langage en psychanalyse*. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 278.
- LACAN, Jacques [1966]. *D'un Dessin*. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p.363 a 367.
- LACAN, Jacques [1967]. *Séminaire XIV: La logique du fantasme, aula de 10/5/67*. Inédito.
- LACAN, Jacques [1971]. *Séminaire XIX: D'un discours qui ne serait pas du semblant, aula de 16/06/71*. Inédito.
- LACAN, Jacques [1964]. *Séminaire XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.
- LACAN, Jacques [1955-56]. O seminário, livro 3. As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, Jacques [1974]. *Preface a l'Éveil du Printemps*. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- LACAN, Jacques [1975]. *Séminaire XXII: RSI, aulas de 11/02/75 e 15/04/75*. Paris: Publicação interna da Association Freudienne Internationale.
- MARKOV, Alain [1978]. *Le concept d'algorithme*. In: *Ornicar? n° 16*, p. 32 a 36.
- SIBONY, Daniel. *L'Autre Incastrable*. Paris: Seuil, 1978, p.68 e 69.

¹⁷ LACAN, Jacques [1974]. *Preface a l'Éveil du Printemps*. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

¹⁸ LACAN, Jacques [1975]. *Séminaire XXII: RSI, aula de 15/04/75*. Inédito.

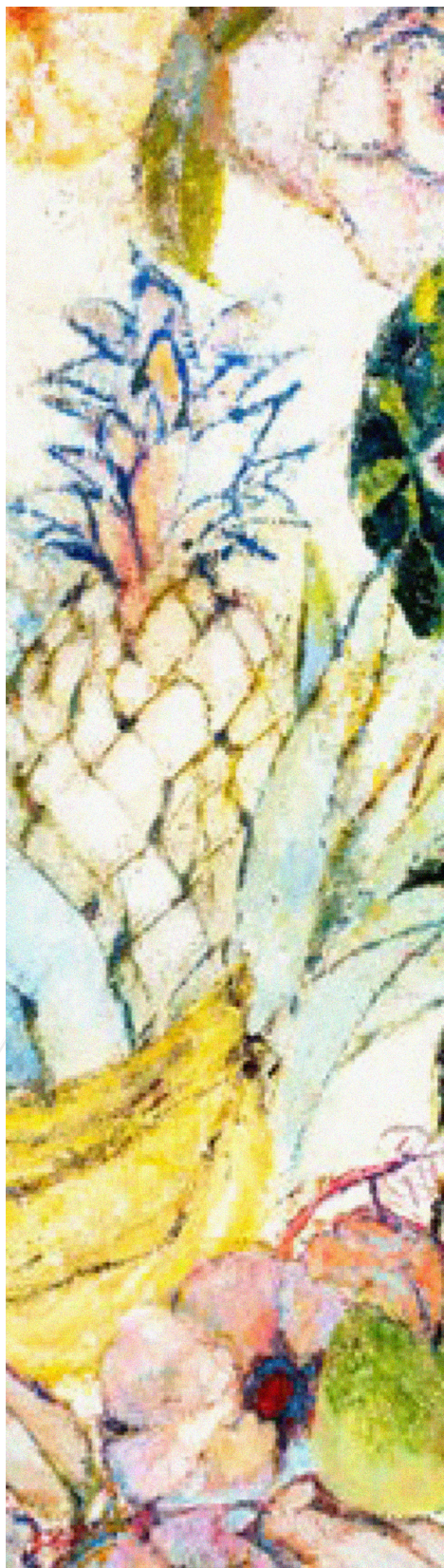


DO PAIHERRESSA (RSI-A)

LIANE TRECE

DO PAI HERRESSI-A (RSI-A)¹

Liane Trece²



RESUMO

Nesse trabalho a autora buscou levantar questões em torno da função do Pai na Psicanálise, afastando-se do seu papel advindo das relações de parentesco. Do singular à sua pluralização, como Nomes do Pai, a autora acompanhou os desdobramentos do significante Nome do Pai, ao longo de ensino do psicanalista Jacques Lacan, desde a sua leitura simbólica dos textos de Freud até a escrita do Real.

Palavras chaves: Nominção. Nomes do Pai. Metáfora paterna. Sintoma. Sinthoma. Objeto *a*. Cadeia borromeana.

ABSTRACT

In this work, the author seeks to raise questions about the function of the Father in Psychoanalysis, moving away from his role in kinship relations. From the singular to its pluralization, Names of the Father, the author follows the unfolding of the signifier Name of the Father throughout the teaching of the psychoanalyst Jacques Lacan, from his symbolic reading of Freud's texts until the writing of the Real.

Keywords: Nomination. Names of the Father. Paternal metaphor. Symptom. Sinthome. Object *a*. Borromean chain.

Lembrem-se do Pequeno Hans... O pai é tudo o que há de mais agradável, é tudo o que há de mais presente, é tudo o que há de mais inteligente, é tudo o que há de mais amistoso para Hans, não parece ser nem um pouco imbecil e leva o Pequeno Hans a Freud – o que, afinal, na época, era dar mostras de um espírito esclarecido; mas, com tudo isso, ele é totalmente inoperante, na medida em que aquilo que diz é precisamente sem efeito – junto à mãe, quero dizer (LACAN[1953-54] 1979, p. 199).

Foi assim que Lacan (1953-54), no Seminário *Os escritos técnicos de Freud*, reverberando gentilmente o romance do romance de Freud, o seu sonho edípico, anunciava o que ele nomearia, ainda fazendo uma leitura, como diz o psicanalista Aurélio Souza, simbólica do Imaginário dos textos de Freud, de significante Nome do Pai, escrevendo-o na sua famosa metáfora paterna, para, alguns anos depois, pluralizá-lo naquele que foi seu Seminário

interrompido em função da sua, como ele mesmo dizia, “excomunhão”.

Excomunhão vem do latim “*excommunicatōe*”, exclusão. Punição eclesíastica que separa o pecador católico da Igreja. Excomungado é quem foi estigmatizado como maldito, amaldiçoado, detestável, porque foi de encontro aos princípios da igreja, aos seus fundamentos. Termo usado pela igreja quando alguém é privado do convívio religioso ou da própria igreja que, no caso de Lacan, se tratava da IPA.

Sempre coerente com sua posição, assim como Santo Atanásio, Lacan também foi excomungado, e criou, não sua própria igreja, pois era um bom herético, e sim sua própria escola. Heresia significa escolha, opção. Tem sua origem no termo grego *haíresis*.

Heresia ocorre quando alguém tem um pensamento diferente de um sistema ou de uma religião, sendo assim, quem pratica heresia é considerado um herege ou herético.

Lacan foi excomungado, não foi aceito pela IPA como analista didático, por ter introduzido as sessões curtas, pelo seu estilo próprio, pelas suas críticas, muitas vezes virulentas, ao princípio da psicanálise da época, que era o complexo de Édipo, e pelo seu retorno à Freud que, como ele mesmo dizia, tinha sido para recolocar a Psicanálise no trilho.

Assim como Joyce, Lacan se dizia um herético, um herético de boa maneira. Esclarecendo o porquê dele ter deslocado a ortografia do sintoma, trabalhando não só com a escrita *symptôme*, do francês moderno, mas também com a grafia antiga, *sinthome*, rica em equívocos, pois ouve-se ressoar em francês o santo e o homem, São Thomas de Aquino, *santomasdiaquino* (*synthomadaquin*), *sinboma* *masdiaquino*, introduzindo algo que o autor de Ulisses usou bastante – o equívoco entre aquilo que se ouve e a grafia do que se vê – diz que as duas são adequadas para Joyce, mas é fato que ele escolhe. Acrescenta que as duas vertentes se oferecem à arte de Joyce e que ele nomeia seu sintoma com o nome que lhe convém, com h (a afirmação “As duas ortografias lhe concernem” foi suprimida das edições

¹ Trabalho apresentado na XXXI Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em novembro de 2022.

² Psicanalista. Membro do Espaço Moebius.

vigentes, mesmo as francesas, só sendo encontrada naquela publicada na edição da “Ornicar?” e que foi traduzida para o nosso português na edição *Heresia*).

Cito:

As duas, as duas ortografias lhe concernem. Mas é fato que ele escolhe. No que ele é como eu, um herético, porque haireisis, é bem isso que especifica um herético. É preciso escolher a via por onde tomar a verdade. Isso tanto mais que a escolha, uma vez feita, não impede ninguém de submetê-la à confirmação, quer dizer, ser herético da boa maneira, aquela que tendo reconhecido a natureza do sinthoma não se priva de fazer uso dele logicamente, quer dizer, de atingir o Real... Sim. Certamente ele fez isso a olhos vistos. Porque não se poderia ter começado pior que ele (LACAN [1975-1976] (2), p. 8).

Assim, acreditava Lacan fazer o campo inventado por Freud avançar. Falo do campo inventado por Freud, a causa freudiana, porque Lacan atribui essa invenção, a invenção da Psicanálise, à Freud, o que não podia ser diferente, apesar dele mesmo dizer que Freud foi um Pai-verso já que os psicanalistas da sua época não conseguiram se desvencilhar dos significantes mestres. Chamando a importância para o assassinato do Pai, da Boa Nova – Deus está morto – eles, os psicanalistas, não podiam sair dessa ordem (quase franciscana) porque não possuíam nenhum Pai a matar...

Abro aqui um parêntese: não sei se por provocação, mas eu tomo uma posição em relação a levar a sério as falas de Lacan, seus lapsos, assim como ele o fez, pois, lendo Lacan com Lacan, mas não sem Freud, considero importante marcar que, vários fundamentos, operadores clínicos importantes para uma análise acontecer, foram transformados ao longo dos anos, na medida que a prática da Psicanálise lhe interrogava. Fundamentos que não são postulados, ou seja, podem variar ao longo do tempo, mas que são pontos de ancoragem para toda psicanálise, seja em intensão ou extensão.

Assim, foi com o inconsciente, este saber inventado em ato pelo Sujeito, no espaço-tempo de uma análise, na medida que toma a fala, e lê de uma outra maneira os seus ditos, nas suas diferentes moradas.

Na conferência *Abertura da seção clínica*, em 1977, Lacan se interroga sobre o que é a clínica psicanalítica. E responde, bem ao seu modo, que não é complicado, que ela tem uma base, pelo menos, é o que se diz em uma psicanálise. A princípio, alguém se propõe a dizer qualquer coisa, mas não em qualquer lugar, mas no que ele chamou, naquele encontro, o

divãnciar analítico. Ainda, nessa mesma conferência, interroga:

“Uma equivocação precisa ser explicada? Certamente não”. “Simplesmente a Psicanálise supõe que estamos advertidos para o fato de que uma equivocação é sempre da ordem significativa, ou seja, da imagem acústica. Há equívoco quando alguém se confunde de significativa” (LACAN [1977], 2001, p.6).

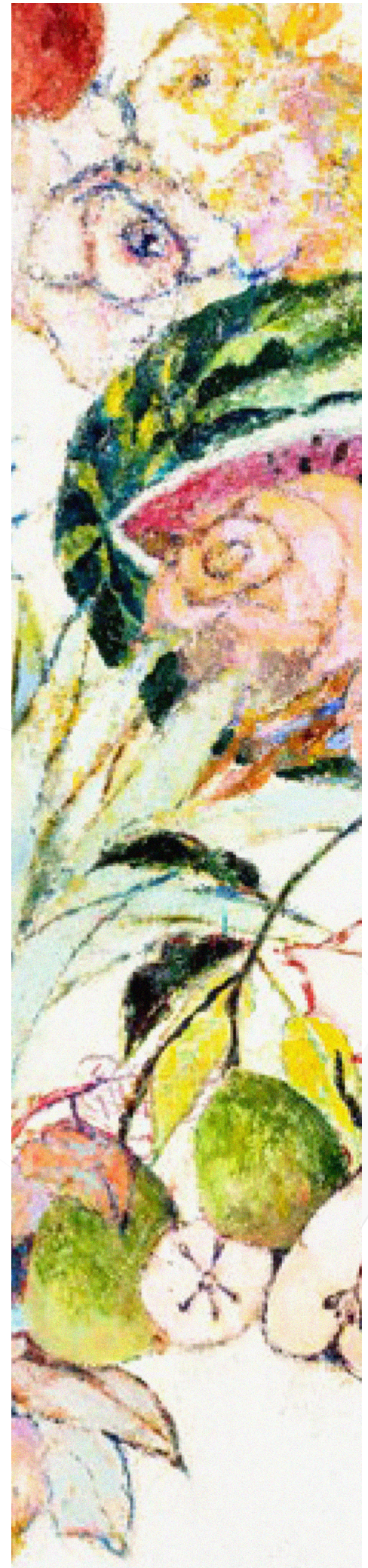
Para avaliar a questão, toma o sentido da palavra *devoir*, em francês – dever e ter – o dever entendido no sentido dos costumes, o devido... E interroga mais uma vez: *“Que sentido dar ao que Freud adiantou em sua Traumdeutung onde ele tramou seu inconsciente”?*

Depois de problematizar a tradução da edição francesa da *Ciência/Interpretação dos Sonhos* afirma que o Inconsciente, o conceito do inconsciente, não é de Freud. Cito: *“O Inconsciente, então, não é de Freud, é preciso que eu o diga, ele é de Lacan. Isso não impede que o campo, ele, seja freudiano”.* Já o objeto *a*, objeto causa do desejo, objeto que ganha o estatuto de equivalência ao Sujeito, sempre foi, e ainda é, uma invenção lacaniana.

Voltemos a heReSI-a lacaniana...

Do Pai herressi-a (RSI-a) que equivoca com heReSI-a, poderia ser também *Do complexo ao mito*, mito que é mais nobre do que o Édipo e a metáfora paterna, pois visa dizer um Real que o Simbólico fracassa em abordar, do mito à estrutura lógica dos discursos, da estrutura ao entrelaço R.S.I... erzi ou heReSI-a.

Abro aqui mais um parêntese: lendo o livro *As metamorfoses do objeto*, de Jean-Jacques Tyszler (2011), me deparei com um testemunho do autor que me fisionou e, por este motivo, trago para compartilhar com vocês. Ele comenta que teve a árdua tarefa de trabalhar sobre a letra dos textos de Lacan e, ao se debruçar no Seminário *R.S.I. - Real, Simbólico e Imaginário*, ficou “se achando”, depois de algum tempo, se considerando muito sabido. Falava disso com os filhos durante todo um mês de férias, e estes reclamavam e pediam “papai, para com isso...”, procurando sempre distinguir bem as palavras, fazendo um esforço de pronúncia formidável... “R”, “S”, “T”. Com a escansão... e ficava muito orgulhoso disso. Foi quando teve a oportunidade, na Associação Lacaniana, de ouvir um CD gravado, com a voz de Lacan, sobre o mesmo seminário “R” “S” “T”. E aí, estupor e temor... *“Lacan, eu ouço a sua voz e ele diz erzi, dito rapidamente, sem escansão nem solenidade... e meus filhos gritando: “Ele diz erzi”.* E, muito tempo depois,



talvez não tanto tempo assim, continua o autor, eu me disse erzi, *béresie*, heresia.

Quando o conceito está bem fixado, normalmente quando fazemos um passinho ao lado, nas grandes tradições religiosas, chamamos isso de heresia, uma falta, herético é uma falta, alguns foram queimados por isso, outros excluídos da comunidade (TYSZLER, 2011, p.180).

Eis aí o Lacan, aquele que já tinha dito, no seminário *O Averso da Psicanálise*, que a ponta de lança da Psicanálise era o ateísmo.

Eis aí o Lacan que retoma, a partir do seu encontro com a cadeia borromeana, a pluralidade dos Nomes do Pai, o Pai como nome e o Pai como aquele que nomeia. Pai função que, como *sinthoma*, enoda as três consistências que formam a estrutura do *falasser*.

Segundo Colette Soler (2018), no livro *Lacan, leitor de Joyce*, coube a ele conceber, a muito custo, a função do Pai, cuja presença na própria experiência de toda a nossa tradição não pode ser apagada.

De fato, Lacan apresentou o Pai como uma função, não edípica, mas lógica e nodal. Lugar vazio...buraco, resposta à pergunta: é possível usar do Pai e prescindir dele?

Sim, o Pai enquanto operador estrutural, não o pai da realidade, essa figura anacrônica. Como disse Melman (2003), no livro *O Homem sem gravidade*, é necessário, mesmo que hoje ele não consiga mais “*manter-se em cartaz*”, mas, para o *falasser*, é preciso mais do que isso... é preciso ir além do Pai... Pai, operador nodal, necessário, pois sem “ele” estamos ferrados.

O que quero dizer com isso é que, estruturalmente, não podemos abrir mão do Pai, Pai enquanto função, dessubstancializado, mas é preciso ter recursos suficientes, Reais, Simbólicos e Imaginários, para do Pai usar, e prescindir Dele, ou seja, dizer não à sua Pai-versão, Versão do Pai, que equivoca com Aversão ao Pai. Tempo relativo ao tempo de uma análise.

Então, se inicialmente o Pai aparece como uma metáfora, um significante, não um significante qualquer, o falo, capaz de dar sentido ao desejo da mãe, a partir dos anos 70, com a retomada da polarização dos Nomes do Pai e suas ressonâncias, os não tolos erram, a consequente mudança da formulação do Pai, como metáfora, para o Pai como dizer, e a mudança a partir da forclusão generalizada do *Não há relação sexual*, que possa ser escrita logicamente, com

a qual todo *falasser* tem que se virar, Lacan revisita sua própria prática e propõe mudanças importantes para a psicanálise na atualidade.

Assim, nos convida a rever nosso arcabouço teórico-prático, nosso fazer. Se faz necessário largar o osso saboroso da lógica fálica freudiana. Não são mudanças, como muitos dizem, para ficar no campo da moda... As mudanças propostas por Lacan, seu deslizar pela topologia das superfícies, pelos matemas, pela lógica do não-todo, até chegar na teoria dos nós, estão ancoradas na prática analítica que cada um inventa ao praticá-la.

No seu livro *Os nomes do pai em Jacques Lacan*, o psicanalista francês Erik Porge (1998) comenta que a introdução da metáfora paterna não é, como muitos psicanalistas atribuem, somente uma maneira de ler os casos de Freud. Para este psicanalista, Lacan, ao introduzir o Nome-do-Pai, visava substituir a teoria do Édipo, segundo Freud, pretendendo reduzi-la ao que esta tem de essencial e de estruturante. Foi necessário para o que veio depois, mas não foi suficiente para seu contento.

Eu, inspirada no neologismo “*laisou*”, digo que Lacan “*freudusou*...”, se serviu do Pai e, quando pôde, o descartou, mesmo ele se dizendo freudiano, contribuindo, a seu estilo, com o avanço da psicanálise... “*Acredito que aplicando-me dessa forma a psicanálise a faço progredir. Na verdade, a ultrapasso*”, disse ele, no Seminário *O momento de concluir* (inédito).

Partimos da premissa da ex-sistência do Sujeito primitivo, quando o somatório de lalingua, através de um processo de “*incorporação*”, o afeta, deixa marcas irreversíveis, pois, é esse *Ato X* que irá determinar a perda radical que instaura o triplo buraco no coração da cadeia borromeana: *troumatisme... troumatisme*, e encontramos um jogo de palavras com o qual Lacan articula as palavras francesas *traumatisme*, trauma, e trou, buraco. “*Ali, onde não há proporção sexual, isso faz troumatismo: inventa-se! A gente inventa o que pode, é claro*” (LACAN [1973-74], 2016, p.143).

Troumatisme que se constitui como sendo uma operação linguageira primeva que, mesmo sendo responsável pela desnaturalização do Sujeito, é uma operação necessária para que o filhote humano saia de uma condição que não lhe convém. *Ato X*, forclusão primitiva, carência central, que no Seminário *RSI*, Lacan vai atribuir à *função do PAI*.

Será essa função indispensável? Vocês podem estar se perguntando. Eu me perguntei durante muitos anos.

Vejamos como bordejo esta questão...

Não, se tomarmos os Nomes-do-Pai como Lacan nos apresenta na passagem do Seminário RSI para o Seminário *O Sinthoma*.

Sim, se acompanharmos os desdobramentos que Lacan introduz ao interrogar a função do Pai, o que eu chamo Pai função, no e a partir do Seminário *O Sinthoma*.

Sabemos que a função radical dos Nomes do Pai é a de dar nome às coisas... está aí toda a sua importância. E, ao nomear, faz buraco e impõe uma ordem... um, dois, três não é um, três, dois... R, S e I não é S, R e I... daí a importância da introdução da quarta consistência. Com essa saída de artesão, Lacan avança um pouco mais com esse operador Pai *Sinthoma*.

Depois de tatear um pouco, Lacan define o *sinthoma* como um dizer que permite enodar as três consistências, R.S.I. Especificamente, o dizer do ser que faz cadeia, enquanto a fala desliza e a trança é trançada: Tressê. Ao Pai nomeado pelo desejo da mãe, substituindo-se pelo símbolo de sua ausência, aparece no RSI a função do Pai como nome e a do Pai nomeador referida ao buraco e seu redemoinho.

Eu serei o que serei, isso é, um buraco...é a partir daí por um movimento inverso, porque um buraco, acredite nos meus pequenos diagramas, um buraco que roda, turbilhona, ou melhor, engole. E então há momentos em que cospe de volta. Cospe o quê? O nome. É o Pai enquanto (como um) Nome (LACAN [1974-1975], Inédito p.64).

Isso mostra que a metáfora paterna é suportada por uma topologia de superfícies (o plano projetivo para o diagrama R), já o Pai, que dá nome, é suportado por uma topologia, a dos nós, nós que fazem cadeia.

O ato da nomeação, reconhecido como o quarto nó de uma cadeia borromeana, abre caminho para a existência de uma pluralidade de Nomes do Pai?

Com efeito, a cadeia borromeana é convocada na nossa prática para dar conta de como a psicanálise opera... dos efeitos de uma experiência de fala, emitida por um dizer, sem o qual não há o surgimento do novo, efeito do corte, só pura repetição.

As asserções categóricas do *Seminário 23*, como o Pai é um *sinthoma*, seriam axiomas lançados à espera de argumentos para serem interrogados?

Lacan chega mesmo a designar o Real, o Simbólico, o Imaginário como “*nomes primeiros na medida em*

que nomeiam algo", como Nomes do Pai (LACAN [1974-1975], p. 44). Afirma que existe um "número indefinido" de Nomes do Pai, uma vez que se pode adicionar quantos anéis se quiser a uma cadeia borromeana (LACAN [1974-1975], p. 64).

Ainda, segundo Porge (1998), com a cadeia borromeana, a singularidade de um Nome do Pai e sua posição hierárquica na triplicidade do RSI não podem mais ocorrer. Há uma espécie de dessacralização disso. A função de nomeação não é mais privilégio do Nome do Pai, ela é pluralizada nos Nomes do Pai.

É o que Lacan apresenta ao final do Seminário RSI. Ele distingue uma nomeação Simbólica (Ns), Imaginária (Ni) e Real (Nr) dependendo se o nó da nomeação está enlaçado com o Simbólico, com o Imaginário ou com o Real.

"Nominação", "Nomes do Pai", "metáfora", "sintoma", "*sinthoma*", são termos que permanecem solidários uns com os outros, mas cujo significado e posições mudam com a topologia nodal. Quando passamos do não às normas paternas, da lógica do dizer que não, do Isso não, para o Pai do Nome, grifamos a nomeação como um acontecimento do dizer e avançamos.

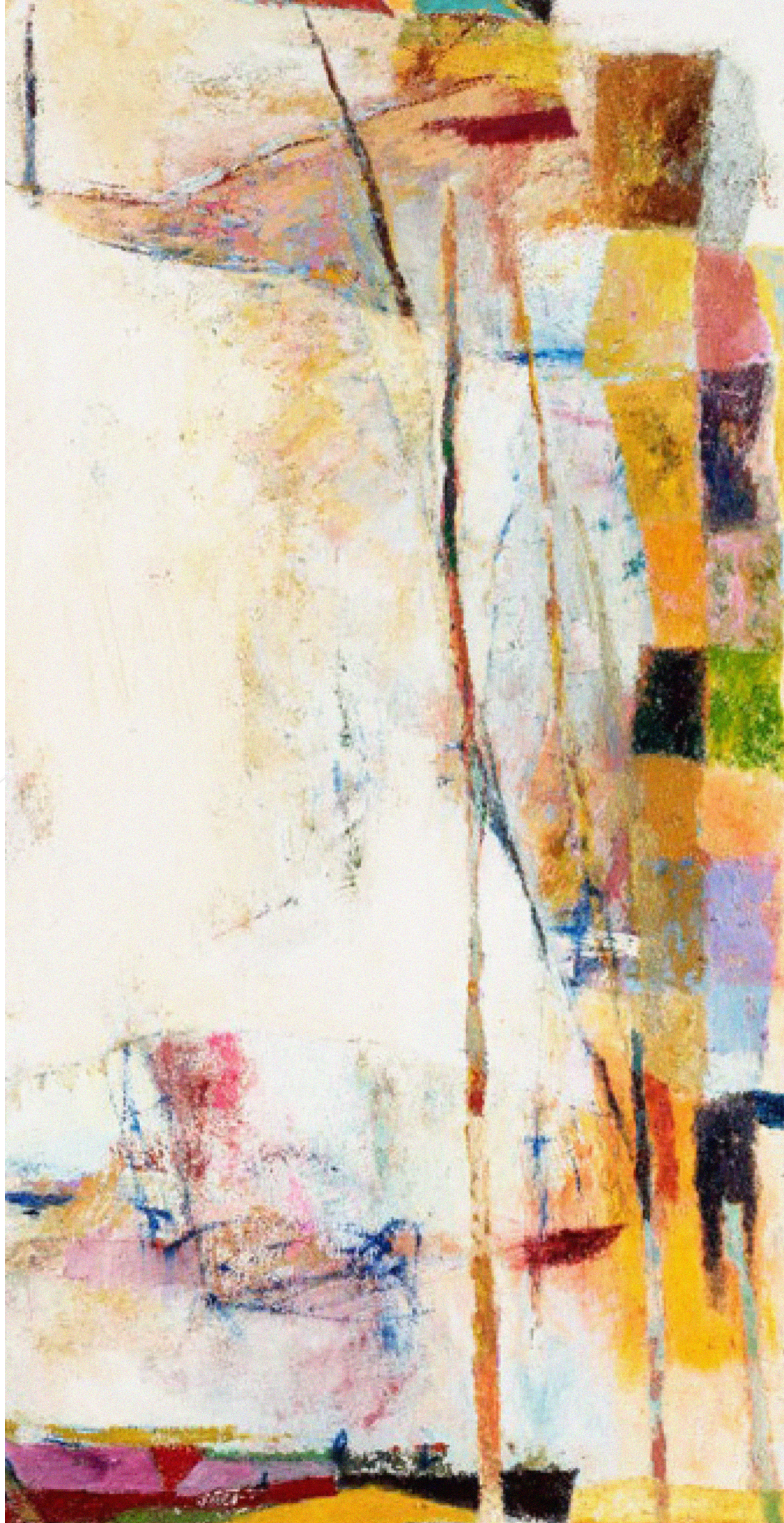
Para ir terminando, mas sem concluir, tomando para mim o verso do poeta Manoel de Barros, "*poucos entendiam quase nada; mas eu entendia um pouco menos*", fico com a ligeira impressão de que, na medida em que Lacan foi interrogando Freud, trilha um novo caminho, o da cifra, passagem para o Real da letra, para além dos efeitos de sentido. Esse foi seu saber-fazer, seu artífice. Ele pode usar do Pai, como ninguém ousou até aquele momento, e o ultrapassou, nos convocando a trabalhar. Muito ainda estar para ser feito.

Se o desafio é certo, se faz necessário não recuar.

Por enquanto é só...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HARARI, Roberto. Como se chama James Joyce? Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- LACAN, Jacques [1953-54]. O seminário, livro 1. *Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.
- LACAN, Jacques [1956-57]. O seminário, livro 4. *A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- LACAN, Jacques [1957-58]. O seminário, livro 5. *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Campo Freudiano do Brasil, Jorge Zahar Ed., 1999.
- LACAN, Jacques [1962-63]. O seminário, livro 10. *Angústia*. Publicação para circulação interna Centro de Estudos Freudianos de Recife, 1998.
- LACAN, Jacques [1973-74]. O seminário, livro 21. *Os não-tolos vagueiam*. Publicação não comercial. Circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius. Salvador: Espaço Moebius, 2016.
- LACAN, Jacques [1974-75]. O seminário, livro 22. RSI. Inédito.
- LACAN, Jacques [1975-76 (1)]. O seminário, livro 23. *Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- LACAN, Jacques [1975-76 (2)]. Seminário XXIII: *O Sinthoma*. Edição Heresia. Inédito. Circulação interna.
- LACAN, Jacques [1977-78]. Seminário XXIV: *O não sabido que sabe de um equívoco é o amor*. Inédito.
- LACAN, Jacques [1977]. Seminário XXV: *O momento de concluir*. Inédito.
- LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, Jacques. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, Jacques [1977]. *Abertura da Sessão Clínica*. In: Opção Lacaniana. No. 30. São Paulo: Edições Eolia, 2001, p. 6.
- MELMAN, Charles. O homem sem gravidade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003, p.34.
- PORGE, Érik. Fundamentos da clínica psicanalítica. São Paulo: Mercado das Letras, 2014.
- PORGE, Érik. Os Nomes do Pai em Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- SOLER, Colette. Lacan, Leitor de Joyce. São Paulo: Aller Editora, 2018.
- SOLER, Colette. Homens, Mulheres. São Paulo: Aller Editora, 2020.
- TYSZLER, Jean-Jacques. As metamorfoses do objeto. Clínica da pulsão, da fantasia e da letra. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, 2011.
- TYSZLER, Jean-Jacques. O Fantasma na Clínica Psicanalítica. Association Lacanienne Internationale. Tradução: Letícia P. Fonseca. Recife: Ed. do Tradutor, 2014.



O PAI MODELO NÃO É O PAI EDUCADOR, MAS O PÈRE-VERTIDO

CAIO DE MATTOS FILHO

O PAI MODELO NÃO É O PAI EDUCADOR, MAS O PÈRE-VERTIDO¹

Caio de Mattos Filho²

RESUMO

Este artigo trata da função paterna do ponto de vista da psicanálise. Busca-se distinguir o pai educador, regulador dos comportamentos, de um pai que seja desejante, père-vertido nos termos de Lacan, cuja incidência é fundamental na constituição subjetiva do seu filho. Assim, partindo da premissa de que a função paterna agencia a castração a partir do desejo, observamos que o pai modelo não é uma espécie de burocrata da normalidade com um projeto pedagógico, ou a disciplina inquebrantável do Ideal, mas alguém que, sujeito desejante, com limites e falhas, desejando e deixando a desejar, transmite a potência do viver.

Palavras-chave: Psicanálise. Pai. Castração. Educação.

ABSTRACT

This article deals with the fraternal function from psychoanalysis' point of view. It attempts to distinguish from the father as an educator, manager of behaviors, to a father who desires, "père-vertido" in Lacan's terms, which incidence is fundamental on the subjective constitution of his son. Thus, from the premise of the fraternal function has agency in castration, from the point of view of desire, we observe that the model father is not a kind of normality bureaucrat with a pedagogic intent, or an unrelenting disciplinarian of the Ideal, but someone whom, desiring subject himself, with limits and faults, desiring and leaving something to be desired, transmit his potency to living.

Keywords: Psychoanalysis. Father. Castration. Education.

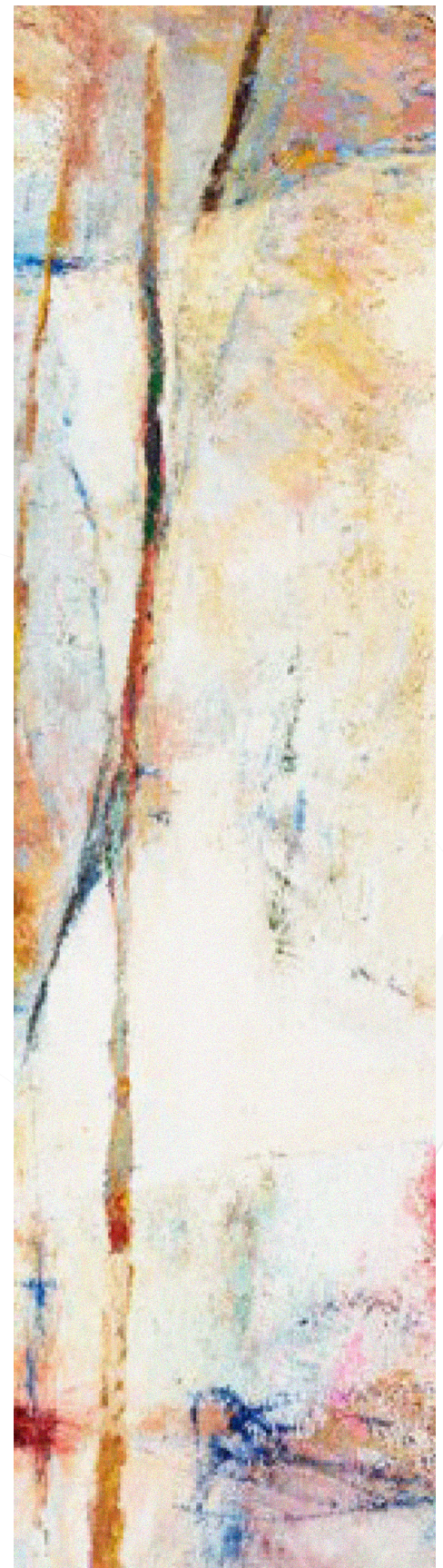
Desde o final do século XIX, a questão do pai já ocupava Freud, ali onde a psicanálise se fundava com a hipótese da Outra cena do inconsciente e a busca de tratamento para as neuroses. Enquanto muitos dos seus colegas estavam engajados na fé positivista de que tudo se reduz a forças psicofísicas de atração e repulsa, o sentido da descoberta de Freud era uma oposição radical a isso. Freud se enveredou pelo campo simbólico, do eco do dizer da pulsão

na psicogênese das neuroses. Freud era o cientista ocupado de contingências fundamentais da vida: o sexo, a morte, a mulher, o pai.

Ao abordar a questão do pai em psicanálise, Freud avançou por um terreno movediço, convencionalmente reduzido a assunto eclesiástico, fundando seu caminho a partir do Complexo de Édipo e do seu mito do assassinato do pai. Na Igreja, sabemos, a questão do pai repousa, entre outras perspectivas, na Santíssima Trindade. Mas, mesmo entre os Padres da Igreja, diz-nos Lacan (2005) em sua aula única sobre os Nomes-do-Pai, o assunto do pai parecia insuficientemente tratado. Mesmo Santo Agostinho – a quem Lacan prestigiou sempre que pôde, e de quem fora leitor desde a puberdade – mesmo Agostinho parecia-lhe ter fugido do tema do pai e ter privilegiado o debate sobre o Filho e o Espírito Santo. Por outro lado, Lacan (2005a) sublinhou a relevância com que é tratada, na Bíblia hebraica, a temática do desejo e do gozo de Deus-pai como hora da verdade, quando soa o encontro com o lado implacável da maldade divina, em função da qual é com nossa carne que saldamos a dívida de existir.

Em psicanálise, a questão do pai é um tema complexo e central. Sua complexidade se observa, por exemplo, na iniciativa de Lacan de definir o pai a partir dos três registros do seu RSI: pai real, pai simbólico e pai imaginário. Mas, além da complexidade da questão, temos também o desafio de interrogar o pai hoje, diante do alvorecer de uma nova ordem global, onde os laços sociais e suas tecnologias se modificam intensamente, e a alienação a eles produz novas manifestações sintomáticas.

Vivemos embalados em uma grande aceleração da vida pelas novas tecnologias da informação, e pautados pelo paradigma do empreendedor como novo trabalhador ideal. Assistimos a mais liberdade sexual, múltiplos e novos nomes de gênero e de enlaces entre os jovens, cada vez mais crescidos e expostos ao apelo narcísico das imagens no que se convencionou chamar de redes sociais, onde se multiplicam em pequenas hordas fraternas – nem



¹ Trabalho apresentado na XXXI Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em novembro de 2022.

² Psicanalista e psicólogo clínico em Salvador. Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ/Paris VIII.

sempre tão pequenas, nem sempre tão fraternas – e também onde a circulação está confinada numa deriva ditada pela inteligência artificial, que nos impõe o refluxo asfíxiante de nossa própria demanda, agora contabilizada por seguidores, curtidas, viralizações, laçações, vácuos, cancelamentos etc. Neste universo, a famosa “bolha” é o sucedâneo do lago de Narciso; bolha que fomenta uma espécie de gozo idiota com mais do mesmo de nossas imagens e demandas. Demanda presa da deriva artificial da oferta digital, que lhe rouba o destino de repetir, como por acaso, o automatismo da mordida do próprio rabo que ela não tem. E tudo em alta velocidade.

Com a modernidade capitalista, o mestre que assegura e transmite o saber estabelecido, herdado e revelado, é substituído pelo cientista que desenvolve e recria o conhecimento. Os sistemas filosóficos totalizantes têm em Hegel sua última figura. Todo conhecimento é fragmentário, passível de revisão. Em vez de mestres e reis absolutistas, cientistas desamparados como Einstein concebem a razão da probabilidade e, horrorizados, duvidam que Deus jogue dados. Ele deve ser sutil. Enquanto isso, Freud inventou um laço social onde o analista joga o jogo de semblante de mestre do saber.

Esta modernidade científica e capitalista é contemporânea do mito freudiano do pai morto. Em sucessão à função czarista e medieval do pai em Dostoiévski, que entendia que “se o pai está morto, tudo é permitido”, Freud funda sua tese, com *Totem e Tabu*, de que, ao contrário, porque o pai está morto na origem, a interdição e a Cultura foram fundadas (Lacan, 1998). Debruçando-se sobre esta tese freudiana, no Seminário 17: *o avesso da psicanálise*, no contexto dos levantes de maio de 1968, Lacan (1992) sustentou que Freud fundara o mito moderno do obsessivo ao postular a ideia do assassinato do pai gozador das mulheres na origem. Dizer que se trata de um mito, e um mito neurótico, contudo, não é uma depreciação da tese freudiana, mas um convite a apreciar o “real” em causa. Afinal, sabemos que Lacan (idem) considerava os mitos uma última trincheira avançada na abordagem do real e da verdade impossível de ser toda dita. Além disso, não podemos esquecer de que Freud também se valeu do mito de Édipo, e da tragédia de Hamlet, para situar o lugar do pai na modernidade.

Em sua visada estrutural, Lacan interrogou o que ele chamou de *estrutura latente* do *sonho manifesto* de Freud, contrapondo as condições míticas do Édipo àquelas do mito do parricídio primitivo. No mito grego, *sem saber*, Édipo mata o pai, goza da mãe, com quem tem quatro filhos malditos e, depois desta

lambança de gozo, encarna o castigo da castração como pagamento por seu amor à verdade. Por outro lado, no mito do parricídio, ao assassinato consumado sucede a irmandade criminoso na culpa e a interdição de gozar das mulheres do clã. Assim, em dívida ao pai morto, cujo símbolo eterniza a prerrogativa do gozo impossível junto às mulheres, todo homem do clã estaria destinado a buscar uma mulher fora do grupo, portando a insígnia identificatória do totem do pai morto. Desde então, o pai teria se tornado o símbolo fundador da Lei e da Cultura: significante-mestre do mundo do significante, onde o gozo do Outro está barrado por princípio.

Nestes termos, o mito do parricídio seria a tentativa freudiana de responder à origem do homem enquanto ser de linguagem, para o qual a pulsão é o rasgão do real, cuja verdade tem a natureza da *falta-a-ser* da castração veiculada pelo significante. Assim, o mito da morte do pai equivale à perda de gozo da entrada na linguagem, sendo o pai, em sua dimensão real, o efeito estrutural da linguagem, que demarca o impossível na repetição estrutural do mais-de-gozar.

Que o pai morto seja o gozo, isso se apresenta a nós como sinal do próprio impossível. E é nisso mesmo que reencontramos aqui os termos que defini como aqueles que fixam a categoria do real, na medida em que ela se distingue radicalmente, no que articulo, do simbólico e do imaginário – o real é o impossível (LACAN [1969-70], 1992, p.116).

O pai mítico em Freud, do gozo impossível, corresponde ao pai real e agente da castração em Lacan. Sabemos que, nos primeiros seminários, Lacan se dedicou a definir três registros do pai na estrutura subjetiva: pai real, pai simbólico e pai imaginário. O pai simbólico seria o símbolo transcendente do pai morto, representado pelo significante Nome-do-Pai, que transmite seu nome e une a lei ao desejo, fazendo intervir a potência paterna como efeitos de interdição do incesto e de significação fálica. Já o pai imaginário é aquele que povoa nossos devaneios na figura do personagem familiar amado e odiado.

Sem temer franquear os umbrais do religioso, Lacan foi enfático em situar que o desejo de Deus-pai aparece como o correlato do gozo incastrável do pai real em psicanálise. No plano de *Totem e Tabu*, o sacrifício totêmico da carne comparece no plano da dívida da castração, produzindo um resto como perda, quinhão de carne ceifada. Este resto real da castração é o objeto *a* de Lacan. Por isso, podemos dizer que o objeto *a* é o nome da imperfeição simbólica da criação significante. Nos termos de uma heresia psicanalítica, o objeto *a* é o nome da

imperfeição de Deus. E, no limite deste *a*-teísmo, o objeto *a* é o real irredutível da questão da existência de Deus, que encontra outra formalização lacaniana no matema $S(\bar{A})$.

No frígir real do ovo originário do *falasser*, onde a questão do pai é lancinante, há o irredutível objeto *a*, ovelha real desgarrada – causa perdida – da cadência significativa. Neste sentido, relembro de um fragmento de *A insustentável leveza do ser* de Milan Kundera:

Quando era garoto e folheava o Antigo Testamento para crianças, ilustrado com gravuras de Gustave Doré, via nele o Bom Deus em cima de uma nuvem. Era um velho senhor, tinha olhos, um nariz, uma longa barba, e eu dizia a mim mesmo que, como tinha boca, devia comer. Se comia, devia ter intestinos. Mas essa ideia logo me assustava, porque, apesar de pertencer a uma família pouco católica, sentia o que havia de sacrílego nessa ideia dos intestinos do Bom Deus. Sem o menor preparo teológico, a criança que eu era naquela época compreendia espontaneamente que existe uma incompatibilidade entre a merda e Deus, e, por dedução, percebia a fragilidade da tese fundamental da antropologia cristã, segundo a qual o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Das duas uma: ou o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus – e então Deus tem intestinos –, ou Deus não tem intestinos e o homem não se parece com ele. Os antigos gnósticos pensavam tão claro como eu aos cinco anos. Para resolver esse maldito problema, Valentino, Grão-Mestre da Gnose do século II, afirmava que Jesus “comia, bebia, mas não defecava”. A merda é um problema teológico mais penoso que o mal. Deus dá liberdade ao homem e podemos admitir que ele não seja o responsável pelos crimes da humanidade. Mas a responsabilidade pela merda cabe inteiramente àquele que criou o homem, somente a ele (KUNDERA, 1986, p. 247).

Nesta humorada reflexão “escatoteológica” de Kundera, podemos discernir do Bom Deus simbólico – aquele do significante, da sublimação, da lei e do nome do pai – o resto real do objeto *a*, merda da obra divina.

Com o avanço do seu ensino, Lacan passou a enfatizar a referência do *pai desejante*, *père-vertidamente* orientado, ou seja, que banca sua *père-ersion*: sua versão do desejo, de fazer de uma mulher objeto causa dele. Neste compasso, e aludindo às suas fórmulas da sexuação, Lacan (1994, p. 23) asseverou, no Seminário 22: RSI, que “um pai só pode ser modelo da função realizando o tipo”. Mas o que isso quer dizer? Paradoxalmente, não basta que o pai seja

aquele que tem a prerrogativa do gozo impossível, para que sua função de operador da castração tenha efetividade. Como acrescentou Lacan no mesmo Seminário RSI:

Não deve a exceção se fazer com qualquer um para com isso se constituir modelo. Isso é o estado ordinário. Qualquer um chega à função de exceção que tem o pai. Sabe-se com que resultado: o da sua Verwerfung (LACAN [1974-75], 1994, p.23).

Ou seja, para um pai exercer sua função – tornando-se modelo de pai e realizando o agenciamento da castração, ou seja, fazendo incidir o significante que une a lei ao desejo, não é suficiente que nele repouse o álbi do gozo impossível, que é a prerrogativa do gozo que salva o sujeito do pior, impondo um ponto de basta, de limite à deriva da demanda e do gozo.

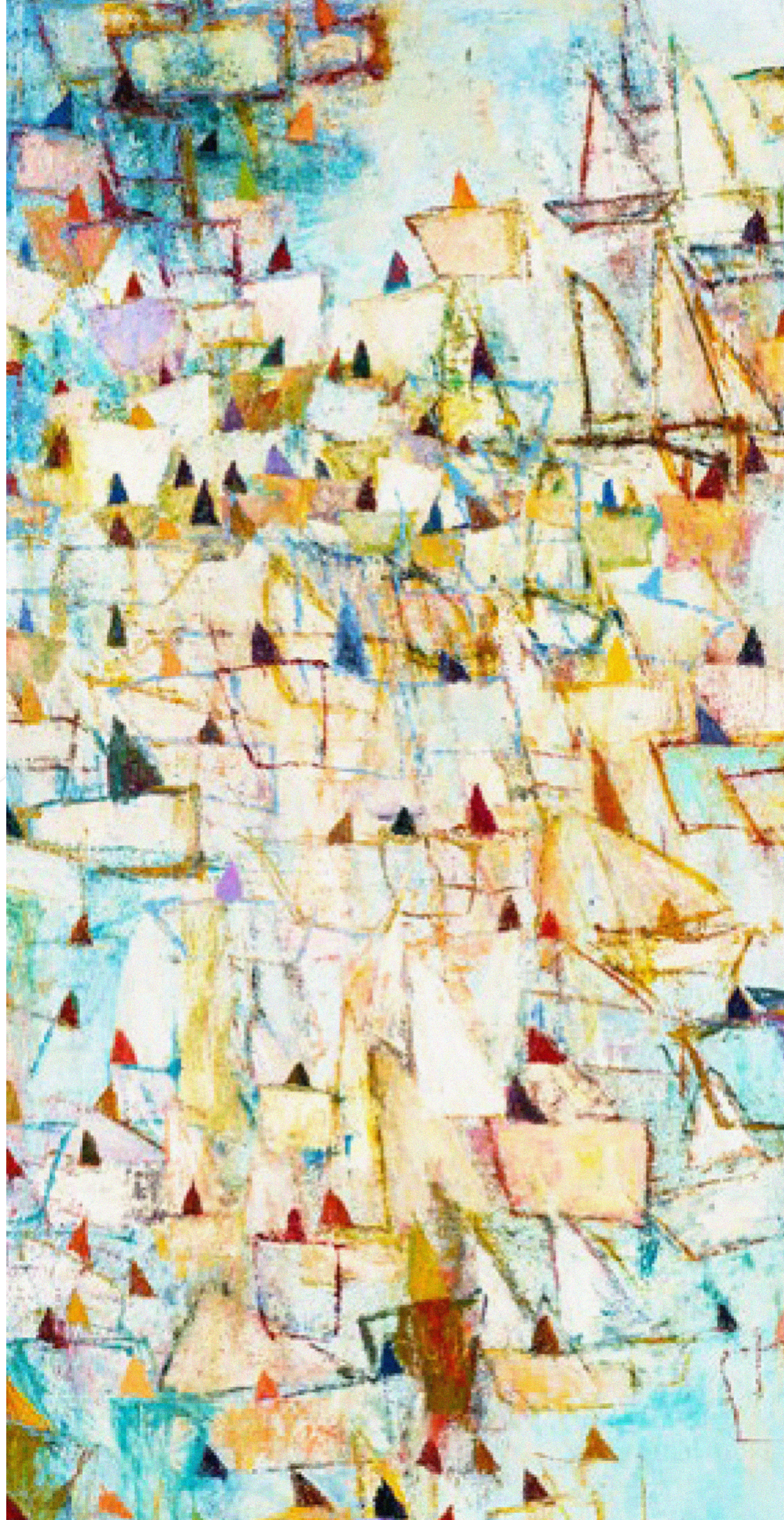
Além de álbi do gozo impossível, o pai deve ser também, paradoxalmente, um sujeito desejante, logo castrado. Alguém que deseja e deixa a desejar, o *père-vertido* é o guardião do enigma do Outro sexo, do enigma do gozo da vida, do enigma da morte. Como nos sugere Lacan, evocando o manto que cobre a nudez de Noé na narrativa bíblica, o pai é aquele que, sujeito desejante, suporta o semblante do *ao menos um* incastrável, da exceção que funda a norma fálica e mitifica o gozo. Para tanto, não esperamos dele o agente sem falhas da disciplina inquebrantável do Ideal, sugerindo a encarnação do lugar de exceção, como aconteceu ao pai disciplinador de Schreber, rendendo a este o *fora-sexo* da psicose. Por outro lado, também não esperamos do pai a farsa imaginária e pedagógica, uma espécie de burocrata da normalidade, como aconteceu ao pai de Hans (FREUD, 1996A).

Na sociedade contemporânea, cada vez mais individualista e cheia de especialistas nos cuidados dos jovens, há uma proliferação de pais burocratas, funcionários da normalidade vendida por um mercado voraz em oferecer respostas médicas, educacionais e psicológicas. Ao largo da responsabilidade de decidir a partir de um desejo que não seja anônimo, consomem-se os manuais e receitas da psicopatologia da vida cotidiana do *coach*, do *personal trainer*, do *digital influencer*, da TCC, e com muita medicação. Tudo é possível, *yes we can!*, desde que você seja funcional. Neste contexto, de fuga diante do desejo do pai, que é substituído por sua demanda burocrática e pela frouxidão social dos limites das satisfações, observamos jovens tristes, com angústia pronunciada, dificuldade de atenção, hiperatividade, inconstância, fragilidade nos laços amorosos, incapazes de tomar decisões e

de se emancipar dos pais. Narcisistas embaraçados com um desejo paterno que deixe a desejar. Nisso, com sua ética do desejo, de bem-dizer o sintoma, nosso discurso analítico tem, hoje, uma importante responsabilidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund [1909]. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- _____. [1913] Totem e tabu. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KUNDERA, Milan. A insustentável leveza do ser. Rio de Janeiro: Editora Rio Gráfica, 1986.
- LACAN, Jacques [1962-63]. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a.
- _____. [1963] Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. [1964] O seminário, livro 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. [1969-70] O seminário, livro 17: *o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- _____. [1974] Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- _____. [1974-75] O Seminário, livro 22: *RSI*. Publicação não comercial - Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1994.



SOBRE OS NOMES DO PAI E SEUS ENIGMAS

ELIECIM FIDELIS

SOBRE OS NOMES DO PAI E SEUS ENIGMAS¹

Eliecim Fidelis²

RESUMO

O autor aborda uma síntese das contribuições teóricas de Lacan acerca dos conceitos de Nome do Pai e nome próprio. Tomando por base o seminário de aula única, apresentado em 20 de novembro de 1963, a função do nome próprio, considerada por Lacan o ponto mais distante a que se chegou na temática paterna, tornou-se o fio condutor do percurso. Partindo da diversidade das formas do objeto *a* apontadas desde o seminário anterior sobre a angústia, ressalta-se a ênfase na função do objeto voz exemplificada na questão da pluralização dos Nomes do Pai e nos ritos religiosos hebreus.

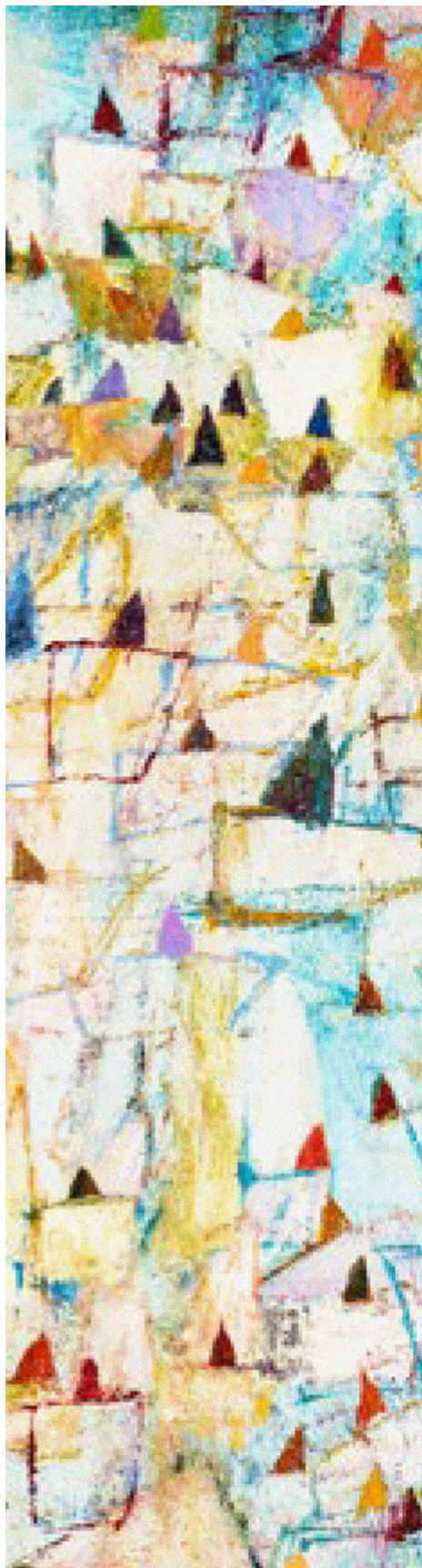
Palavras-chave: Função paterna. Nome-do-Pai. Nome próprio. Pluralização de nomes do pai.

ABSTRACT

The author approaches a synthesis of Lacan's theoretical contributions about the concepts of Name of the Father and proper name. Based on the single lecture seminar, presented on November 20, 1963, the function of the proper name, considered by Lacan as the furthest point reached in the paternal theme, became the common thread of the course. Starting from the diversity of the forms of the *object a* pointed out since the previous seminar on anguish, emphasis is placed on the function of the object voice exemplified in the question of the pluralization of the Names of the Father and in the Hebrew religious rites.⁴

Keywords: Father function. Father's name. Own name. Pluralization of father's name.

Este texto toma por base o período em torno do seminário proferido por Lacan em 20 de novembro de 1963. Diante da aura enigmática que o cerca, entre sigilos e declarações de nunca mais falar do assunto, é comum referir-se a ele chamando-o de conferência, ou seminário interrompido, lacrado ou recalçado. Nada impede, porém, de defini-lo como um



seminário igual aos outros de Lacan, pois o objetivo de um seminário é levar os participantes a reflexões sobre determinado tema, podendo se dar em uma ou mais palestras. Também a etimologia latina da palavra seminário reporta a sementeira, cuja raiz *sēmen* e semente aponta para algo semeado a ser colhido. Nós todos somos testemunhas das férteis sementes plantadas nesse solo, uma vez que seu conteúdo não cessa de retornar, tanto para nós como para o próprio autor. E, se esse seminário não está entre as publicações oficialmente estabelecidas, sabemos que não se trata de uma omissão, mas de algo da ordem do desejo do autor. Voltaremos a esse ponto.

Lacan começa o seminário indicando os textos em que havia tratado do assunto, no período de 1958 a 1962, para servirem de base a quem quiser prosseguir a trilha aberta por ele. Faz uma conexão do tema do pai com a função do objeto *a*, conforme abordara no seminário precedente, *A angústia* (1962-63), lembrando aos ouvintes o sentido da “diversidade das formas assumidas por esse objeto”, desde o nível oral, anal, genital e escópico, até chegar ao objeto voz, a voz do Outro, o quinto nível como ele chama. E, é justamente nesse quinto nível, que se relaciona “com o modo sob o qual o desejo do Outro é apreendido pelo sujeito”, que ele vai situar o Nome-do-Pai³ (LACAN, 2005(1), p. 66).

Afirmando que a teoria e a práxis da psicanálise acham-se em pane porque ninguém ousou ir mais longe do que Freud na questão do pai, ele promete ir além do Deus de Moisés, que foi o legado de Freud. Numa referência a *Totem e tabu* (1913), diz que o pai, no nível mítico, só pode ser um animal, o pai primordial anterior ao interdito do incesto e ao surgimento da cultura. E, perseguindo sua promessa de ir além de Freud, ele diz que é preciso trazer um segundo conceito depois do totem. Esse conceito, por ele acrescentado, é a função do nome próprio, o ponto mais distante a que se chegou, no que se refere à temática paterna (LACAN, 2005(1), p. 72

¹ Trabalho apresentado na XXXI Jornada de Psicanálise do Espaço Möbius, em novembro de 2022.

Nota do autor: Um outro título possível para o trabalho seria: *Pelas trilhas da 'baraka' lacaniana*.

² Psicanalista. Membro do Espaço Möbius. fideliseli@gmail.com

³ A esse respeito declara Lacan: “... toda a dialética do que acontece no quinto nível implica uma articulação mais detalhada do que jamais se fez com o que designei (...) de introjeção” – a qual implica a dimensão auditiva como tal, e a qual implica também a função paterna”. (LACAN, 2005(2), p. 365).

e 73). Chama a atenção acerca da importância do nome próprio, e observa que o analista deve sempre prestar atenção a ele, pois ele nunca é indiferente para o sujeito. (LACAN, 2003, p. 81).

As formulações de Lacan sobre o conceito de nome próprio iniciam-se no seminário *A identificação* (1961-62), onde questiona: “O que é um nome próprio?”, e levanta discussões com lógicos e linguistas acerca da questão. Ele parte de um livro de autoria do linguista inglês Sir Allan Gardner intitulado *A teoria dos nomes próprios*, e faz articulações com as posições de Bertrand Russel e de John Stuart Mill.

Ele critica a definição que Russel dá para o nome próprio como uma palavra que designa as coisas particulares como tais, e diz que, nesse caso, Russel está falando da posição do lógico, e dela consegue ver tudo exceto a função da letra (que o próprio Lacan vai trazer para esse conceito). Sobre o exemplo trazido pelo matemático, de que pode denominar pelo nome de John um ponto marcado com giz no quadro-negro, Lacan discorda, e diz que assim como a cerâmica nunca pode tomar a palavra para dizer qual é a sua marca de fábrica, o matemático jamais vai interrogar o ponto geométrico do quadro na esperança de obter uma resposta. Com isso, Lacan está ressaltando que nem a cerâmica nem a marca do quadro negro são detentores da prerrogativa do objeto voz.

Já no que se refere à controvérsia entre Gardner e Stuart Mill, Lacan procura aproveitar o que lhe parece importante para a psicanálise. Do último, ele destaca a função do sentido como uma marca aplicada ao objeto, e do linguista ele realça a unidade acústica distintiva do nome próprio. Mas, para esse conceito tornar-se apropriado à psicanálise, ele acrescenta os atributos da letra e do traço unário, bem como a função e a posição do sujeito na linguagem⁴ (LACAN, 2003, p. 93).

No seminário *Angústia*, Lacan refere-se a um estudo de Reik, de 1928, que trata da psicanálise e dos ritos religiosos. Ele destaca a função de um instrumento de sopro denominado shofar, que é usado nos ritos religiosos hebreus, uma espécie de chifre de carneiro. Diz que o shofar lhe será útil para substantivar a função do objeto *a*, no quinto nível (do objeto voz),

que permite revelar a sustentação que liga o desejo ao grande Outro. Na bíblia, a referência ao chofar é encontrada no livro do Êxodo, capítulos 19 e 20, versículos 16 a 19, onde é mencionado o som avassalador da trombeta (o chofar), que ecoou entre relâmpagos e trovões, e estremeceu o monte Sinai fazendo o povo do arraial tremer de medo, diante da ressonância da voz de Deus transmitindo ordens a Moisés (LACAN, 2005(2), p. 268).

Um curioso contraponto desse episódio seria comparar a situação de Moisés, nessa hora, àquela em que se viu Álvaro, em *O diabo enamorado*, ao ouvir, do alto da janela, o vozeirão da cabeça de camelo de Belzebu a perguntar-lhe *Che vuoi?*, fazendo o som ecoar pelas cavernas das ruínas de Portici. Mas, quanto ao texto bíblico, Lacan vai dizer que “Moisés, ao descer do Sinai, iluminado pelo amor do Pai, já o havia matado; e a prova disso é que se transformou em um ser enfurecido que destrói o Bezerra de Ouro e dá os pedaços para os hebreus comerem; onde podemos reconhecer a dimensão do banquete totêmico” (LACAN, 2005(2), p. 270).

Depois disso, vamos entrar no tema da pluralização dos nomes do pai. O primeiro nome trazido por Lacan é *Shem*, o nome pelo qual ele vai “introduzir a incidência específica da tradição judaico-cristã”, dizendo que essa incidência “não é a do gozo, mas a do desejo de um Deus, que é o Deus de Moisés, perante o qual a pluma de Freud parou” (LACAN, 2005(1), 76 a 78).

O segundo Nome é *Eybeh acher ehyeb*, com o qual Deus se anuncia idêntico ao Ente supremo quando diz a Moisés “Eu sou aquele que é”.

E o terceiro Nome trazido por Lacan é o nome com que Deus se anunciou a Abraão, Isaac e Jacó: El Shaddai, que quer dizer o Todo Poderoso.

O tema da pluralização dos nomes mostra-se enigmático até aos mais letrados no assunto. No momento, por mais que Lacan tente trazer apenas esses três nomes, ele próprio recorre ao termo ‘Senhor’ e menciona o Eloim, ao referir-se à sarça ardente. E, se Lacan tivesse dado continuidade a seu Seminário, quem sabe, nos levaria muito além, pois o campo é vasto. Uma pesquisa despreziosa apenas sobre o Nome *Shem* poderia nos levar a nada menos do que a 72 Nomes de Deus. Esses nomes são derivados do Tetragrama montado com os versículos 19, 20 e 21 do capítulo 14 de Êxodo, em sua versão hebraica original⁵. Entre os nomes assim obtidos temos, por exemplo, Adonai, Kyrios, El Shadai, Elohim, Yhavé, Jehová etc. Ocorre que, até onde pode acompanhar,

esses nomes dizem respeito a atributos e boas ações praticadas por essas entidades, mas designam nomes de anjos e balains (servos a serviço da fé). Podem até chamá-los de Deus, mas apenas o *Shem Hameforásh*, o Nome de quatro letras: YHWH (Yöd-Hê-Váv-Hê), é que designa propriamente o nome do Deus único, o Deus impossível de ver a face, o Um absoluto.

Vemos assim que o exercício da pluralização se refere aos Nomes. E, se no âmbito monoteísta religioso é preservada a unicidade do Deus-pai, a decorrência clínica da passagem do singular ao plural implica em que o pai, para a psicanálise, é um nome entre outros, e que o Nome-do-Pai não é mais do que uma função cujos efeitos significantes só podem ser aferidos na singularidade de cada sujeito.

Na sequência, Lacan menciona outro termo bíblico, ‘baraká’, que tem também outras aplicações, da cinematografia, a exemplo do documentário americano de mesmo nome⁶, até as práticas terapêuticas xamânicas. Aqui, porém, Lacan está usando esse termo para referir-se à benção que é passada do pai para o filho escolhido. Com base em dois quadros de Caravaggio, ele recorre ao episódio bíblico do sacrifício de Isaac, onde a cena apresenta Abraão, o pai, prestes a sacrificar o filho, Isaac, para atender um apelo de Deus. Abraão está em posição de descer a faca mortífera para executar a ação, quando surge uma intervenção divina, através de um anjo, ordenando a substituição do garoto por um cordeiro.

O que se pode, de início, observar nessa trama é que, se Isaac passou por grande sofrimento, por inocência, covardia ou solidariedade, o maior sacrificado, no caso, foi Abraão: primeiro por ter que esperar noventa anos pela fertilidade de Sara e, segundo, por submeter-se a uma provação esdrúxula que o levaria a arrebatar-lhe o único filho merecedor de sua baraka.

Lacan nos diz que, em suas pesquisas, achou estranho o seguinte comentário feito pelo rabino Rachi:⁷ “Quando Abraão fica sabendo pelo anjo que não estava ali para imolar Isaac”, ele reage e diz a El Shaddai: “Quer dizer que eu vim aqui para nada? Vou, mesmo assim, lhe fazer ao menos um leve ferimento, para sair um pouco de sangue. Isso te dará prazer, Senhor” (LACAN, 2005 (1), p. 82 e 83).

⁵ Para obter esses nomes devem-se escrever esses versículos um sobre o outro, sendo o versículo 19 da direita para a esquerda, o 20 da esquerda para a direita, e invertendo novamente o sentido do versículo 21.

⁶ O assunto do documentário Baraká gira em torno de filmagens de cerimônias religiosas, paisagens, igrejas e ruínas de cidades, numa busca para que cada cena consiga capturar a grande pulsação das atividades diárias da humanidade.

⁷ O rabino Rachi é comentarista do Torá, do Talmud e do Tanakh.

⁴ Cito Lacan: “Chegamos agora, com essa largada que fizemos a partir da função do traço unário, a algo que vai permitir-nos ir mais longe. Digo que não pode haver definição de nome próprio senão na medida em que nós nos apercebamos da relação da emissão nomeadora com algo que, em sua natureza radical, é da ordem da letra” (Lacan, 2003, p. 87/88). Então, “... um nome próprio é algo que vale pela função distintiva de seu material sonoro, como um traço distintivo especial acoplado a um conjunto, ou bateria, onde o uso de uma função do sujeito na linguagem o nomina por seu nome próprio. (LACAN, 2003, p.93).

Mesmo dizendo que não vai ter oportunidade para aprofundar sobre o valor simbólico dessas questões, Lacan destaca:

- 1) Que nós, humanos, como evolucionistas, precisamos de um ancestral animal, e que o cordeiro sacrificado no lugar de Isaac é esse Cordeiro primordial, ou seja, ele é o ancestral epônimo do Deus de nome impronunciável.
- 2) Que nesse episódio marca-se o gume da faca entre o gozo de Deus e o que se presentifica como seu desejo.
- 3) Que é aí que nasce a lei da circuncisão, aquela que gera esse pequeno pedaço de carne cortada como o sinal da aliança do povo com o desejo daquele que o elegeu (Lacan, 2005 (1), p. 84 e 85).

Vemos assim que, se o mito freudiano segue uma cronologia que começa com o Totem, o deus-pai da horda primitiva, em direção ao Deus do cristianismo, agora Lacan, numa direção oposta, está trazendo o Cordeiro primordial como representante da cadeia epônima que simboliza miticamente a ancestralidade divina.

As palavras finais de Lacan nesse seminário são para pedir desculpas aos seguidores, e queixar-se dos traidores. E, conclui dizendo que na práxis da análise sua marcha é progressiva e que “há muito tempo, o nome de Freud torna-se cada vez mais inoperante” (LACAN, 2005 (1), p. 85 a 87). E, aqui, entramos numa trilha que nos leva à questão do pai aviltado e degradante.

Desde *Os complexos familiares*, de 1938, Lacan menciona o declínio social da imagem paterna propagada de pai para filho (LACAN, 2003, p. 65 a 67). Mas sem precisar voltar tanto no tempo, vemos que no Seminário 7, *A ética da psicanálise* (1959-1960), ele critica a posição freudiana que defende a identificação viril que decorre do amor pelo pai, e seu papel na normatização do desejo, concluindo que resta para esse pai uma posição difícil, que o faz até certo ponto um personagem manco (LACAN, 1997, p. 222).

E, no seminário seguinte, *A transferência* (1960-61), ele traz a tragédia contemporânea como uma narrativa em que se pode marcar a interrogação ‘o que é o pai?’. Na trilogia de Claudel, além da questão do desejo, a ênfase recai nas interrogações sobre a fragilidade, e até mesmo a humilhação paterna, como sugerida em um dos títulos: *O refém, o pão duro e o pai humilhado*. Não é o conteúdo literário

que vai ser aqui privilegiado, e sim a importância dada por ele à função da letra. Na primeira peça, para falar do desejo de Sygne de Coufontaine, ele faz jogos homofônicos com as palavras Sygne, signo, non, não, nom, nome, para mostrar como o ‘não de Sygne’ mostra-se denegativamente no nível da covardia moral, ao ceder de seu desejo rendendo-se ao pedido de casamento do Barão Turelure. Quanto à questão da derrisão do pai, alude-se aqui às figuras dos papas Pio VII e Pio IX, envolvidos em tramas políticas que acabam levando os representantes maiores da fé cristã à situação de refém (na primeira peça) e de conselheiro sentimental (na terceira). Ao passo que na segunda peça o fracasso paterno é mostrado na figura do Conde Turelure que desmaia e morre de medo diante do filho Louis, quando este lhe aponta uma arma provavelmente carregada com bala de festim. Morrer de medo? Que pai é esse? Mais uma vez, Lacan ressalta o fracasso paterno diante de uma ameaça frustrada de parricídio, onde o pai mostra sua fragilidade e covardia perante o próprio filho.

Para ir concluindo, vamos retomar aquele ponto que ficou em suspenso quanto ao que teria levado Lacan a manter sob sigilo o seminário Nomes-do-Pai. Vamos começar com duas questões: 1) Antes de completar dois meses de ter suspenso o citado seminário, Lacan deu continuidade a seu ensino na Escola Normal Superior. Por que ele não continuou com o mesmo assunto?⁸ 2) Por que Lacan repetia que tinha falado de coisas importantes às quais jamais retornaria, mas retornou várias vezes ao tema?

No dia desse seminário, Lacan destoava de seu hábito costumeiro: primeiro, declarou que era seu último dia, o que não se confirmou. Segundo, pediu que a plateia ficasse em silêncio, contrariando o que sempre fazia, que era incentivar a participação. E, em tom de desabafo, disse que até a noite anterior havia preparado a lição com o mesmo cuidado que teve ao longo de dez anos. Lacan atravessava um período envolvido em questões pessoais sobre as quais torna-se difícil não atribuir relações causais. Na noite anterior, ele soube do resultado do processo que lhe tirava a condição de analista didata. A partir de então, não podia mais formar analistas, embora continuasse como psicanalista. Além disso, e não menos importante, tramitava o processo da mudança de nome de sua filha, que, de Judith Bataille, passaria a chamar-se Judith Lacan⁹.

Que ecos essas questões teriam trazido ao inquieto psicanalista que consolidava seu retorno a Freud e trazia importantes inovações à psicanálise? E, ainda, ao inventor do nome próprio que se viu na iminência de ir além da teoria e, no campo da realidade, imprimir

seu próprio nome ao nome próprio da filha? Já em janeiro de 1964, ao intitular de *A excomunhão* o primeiro capítulo do seminário 11 - *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, e dizer que sua pena foi mais pesada do que o *kberem* submetido a Spinoza (1656), Lacan aproxima a IPA de uma estrutura de igreja e compara a prática dessa instituição a uma prática religiosa (LACAN, 1990, p. 17 e 18).

No seminário de 1973-1974, *Os não tolos vagueiam* (título dado pela tradução do Espaço Moebius), Lacan diz que o título original em francês *Les non-dupes errent*, não deixa de soar da mesma maneira que *Os nomes do pai*, e que a identidade fonemática entre esses títulos trata exatamente de algo enigmático para ele próprio (LACAN, 2016, p. 13).

Finalmente, no seminário *R.S.I.* (1974-1975), “o plural dos nomes do pai, identificado ao real, simbólico e imaginário, passa a significar a conjunção desses três registros, cujo operador é o Nome-do-Pai” (PORGE, 1998, p. 160), como função estruturante¹⁰ (LACAN, s/d, 11/03/1975, p. 44 a 46).

Nesse seminário, ele retorna ao tema de sua conferência de 1953: “o simbólico, o imaginário e o real”, mas agora a sequência altera-se para “o Real, o Simbólico e o Imaginário”, com iniciais maiúsculas que formam a sigla R.S.I. Se antes esses registros aludiam a uma leitura lacaniana de Freud, a sigla atual, embasada em letras que nomeiam o próprio seminário, imprime uma marca de Nome próprio que representa uma identidade lacaniana, levando-o, inclusive, a deixar de falar, a partir daí, da suspensão do seminário de 1963 (PORGE, 1998, p. 153). E, a forma como Lacan pronunciava as letras da sigla RSI, assim como no poema de Gertrude Stein: “... rose is a rose, is a rose, is a rose,” produzia uma aliteração formando o som da palavra heresia, pois ele as pronunciava de forma lenta e repetitiva: ‘er-cz-i, er-cz-i, er-cz-i’. Seria uma referência ao discurso religioso, ou à comunidade psicanalítica?

Nesse ponto podemos conjecturar, enfim, que, se a exclusão do quadro didático da IPA o fez sentir-se na posição do cordeiro sacrificado, objeto *a*, algo parece descortinar-se no horizonte trazendo-lhe uma reação inovadora a lhe colocar como o

⁸ Erik Porge diz que o ato de Lacan parar o seminário sobre os nomes do pai (...) não representa uma renúncia a manter seu ensino, mas de fazer um ensino específico sobre os nomes do pai. (Cf. Porge, 1998, p. 65).

⁹ Segundo Porge, depois da morte de Bataille, em 1962, Lacan dá início aos procedimentos de legitimação de sua paternidade de Judith. (...) No momento em que cessa de falar sobre o Nome-do-Pai, Lacan é, ele próprio, reconhecido como pai. (...) E Lacan não hesitará em afirmar que não é por acaso que teve que interromper um seminário que justamente se sustentava nos nomes do pai... (PORGE, 1998, p. 65 a 66).

¹⁰ Segundo Porge, o quarto anel é o Nome-do-Pai, o pai como nome inominável, cujo turbilhão cospe os nomes do pai R.S.I. (PORGE, Eric, 1998, p. 186).

Cordeiro primordial que vai representar, não da cadeia ancestral epônima, mas de uma nova linhagem paterna além de Freud, a partir de um ensino que terá seu nome próprio. Assim é que três a quatro anos depois, na proposição de outubro de 1967, Lacan introduz novas configurações para a transmissão da psicanálise que vão de encontro à burocracia hierarquizada, destacando-se o passe como um novo método de aferição didática. Nesse texto, ele assume posição clara falando em 'meu ensino', o que não parece forçar a barra dizer que estamos diante de um dispositivo que pode ser incluído na cesta de seus valiosos avanços à psicanálise que, no conjunto, constituem a 'baraka lacaniana'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia hebraica e Bíblia Online - www.bibliaonline.com.br.

CAZOTTE, Jacques. *O diabo enamorado*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

GERBER, Keilah e ZANOTTI, Suzane. *Nome próprio: influências teóricas e incidências clínicas da nomeação na obra de Lacan*. In: Revista Tempo Psicanalítico. Vol. 52, no. 01. Rio de Janeiro: SPID, 2020.

GOLDBERG, Sidnei. *O que Lacan não disse sobre Os Nomes do Pai* (ou Notas a respeito de um seminário interrompido). Palestra no Ateliê de Psicanálise – Escola Lacaniana de Psicanálise – Rio de Janeiro. Vídeo no Youtube.

LACAN, Jacques [1938]. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 29-90.

LACAN, Jacques [1959-1960]. O seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LACAN, Jacques [1960-1961]. O seminário, livro 8: *A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques [1961-1962]. O seminário, livro 9: *A identificação*. Publicação não comercial. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LACAN, Jacques *Nomes-do-pai* [1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005(1).

LACAN, Jacques [1962-1963]. O seminário, livro 10: *A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005(2).

LACAN, Jacques [1964]. O seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

LACAN, Jacques [1964-1965]. Seminário XII: *Problemas cruciais para a psicanálise*. Publicação não comercial. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006.

LACAN, Jacques [1967]. *Proposição de 9 de outubro de 1967*. In: Revista Letra Freudiana, Ano I, N° 0, p. 28-42. s.d.

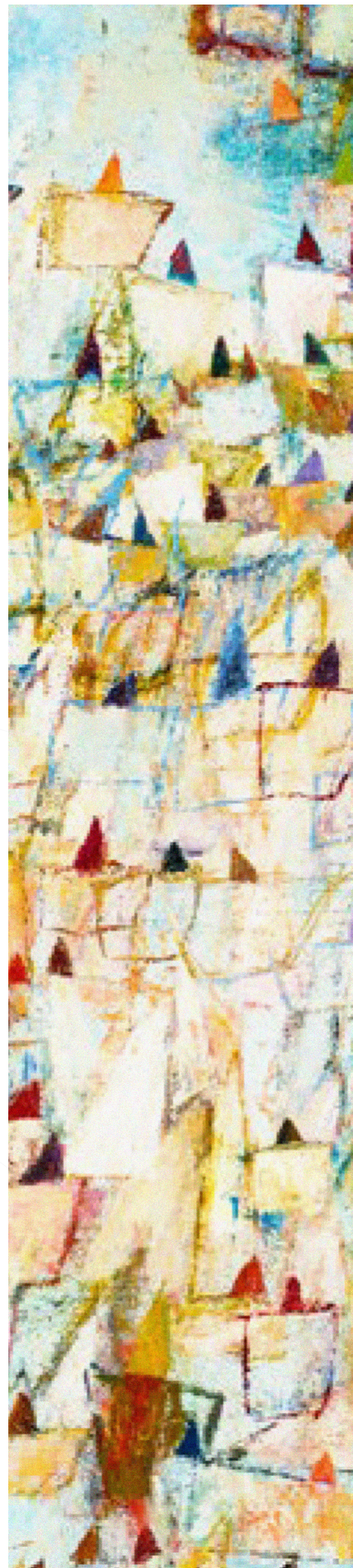
LACAN, Jacques [1971-1972]. Seminário XIX: *O saber do psicanalista*. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 1997 – Lição de 01 de junho de 1972, p. 123-124.

LACAN, Jacques [1973-1974]. Seminário XXI: *Os não-tolos vagueiam*. Publicação não comercial. Circulação interna do Espaço Moebius. Salvador: Espaço Moebius, 2016.

LACAN, Jacques [1974-1975]. Seminário XXII: *R.S.L.*, mimeo, s.d.

MAURANO, Denise. *Claudel e as implicações da derrisão do pai*. In: <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iv/artigos/>

PORGE, Érik. *Os nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.





A DEFICIÊNCIA E O PAI

ISABELLA REGINA GOMES DE QUEIROZ

A DEFICIÊNCIA E O PAI¹

Isabella Regina Gomes de Queiroz²

RESUMO

A partir da psicanálise em extensão, o presente trabalho propõe um repensar do diagnóstico de doenças genéticas, cuja clínica incide na primeira infância. A reflexão será construída, *après coup*, a partir de vinhetas de dois casos: um rapaz, de 19 anos, e uma criança, de 10 anos, com diagnósticos e tratamentos tardios para fenilcetonúria. Refletiremos sobre a função paterna nesses dois casos, perpassando pela fragilidade da Lei que sustenta o pacto civilizatório, cujo fracasso expõe a vida humana à condição de barbárie. As questões na constituição psíquica, dos casos aqui relatados, apontam para a importância de se repensar essa clínica, estabelecendo um para além do discurso médico, próprio do discurso do mestre, que impõe um reducionismo da compreensão dos sintomas apresentados à condição orgânica, fazendo silenciar o sujeito no cuidado.

Palavras-chave: Psicanálise. Doença genética. Infância. Pacto civilizatório.

ABSTRACT

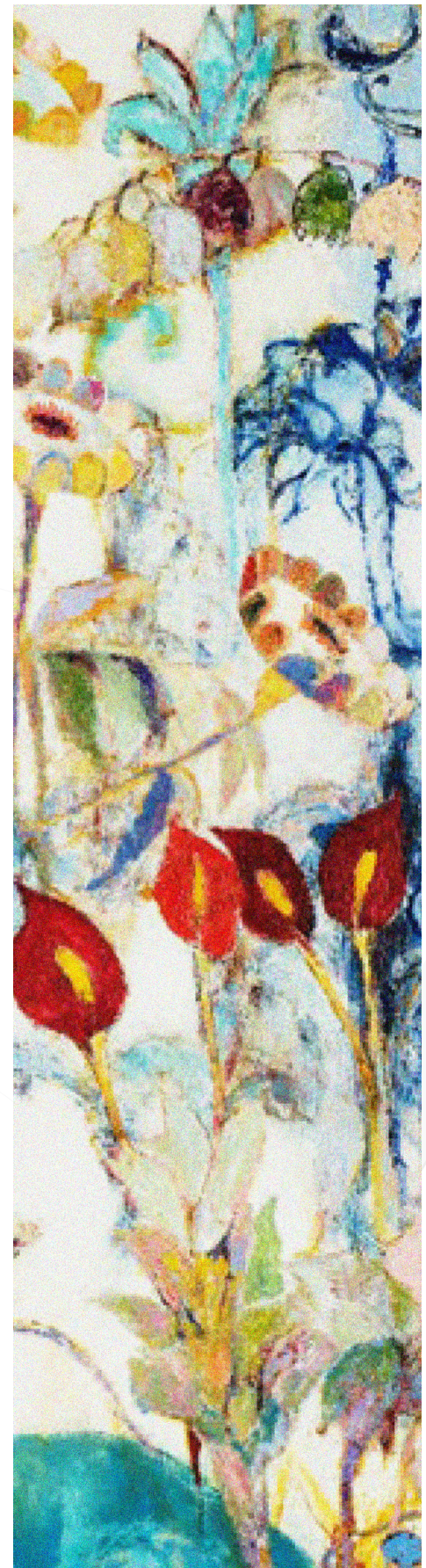
Based on psychoanalysis in extension, the present work proposes a rethinking of the diagnosis of genetic diseases, whose clinic focuses on very early childhood. The reflection will be built, *après coup*, from vignettes of two cases: a boy, 19 years old, and a child, 10 years old, with late diagnoses and treatments for phenylketonuria. We will reflect on the paternal function in these two cases, passing through the fragility of the Law that sustains the civilizing pact and whose failure exposes human life to the condition of barbarism. The questions in the psychic constitution of the cases reported here point to the importance of rethinking this clinic, establishing a way beyond the medical discourse, typical of the master's discourse, which imposes a reductionism in the understanding of the symptoms presented to the organic condition, making silencing the subject in care.

Keywords: Psychoanalysis. Genetic disease. Childhood. Civilizing pact.

UM PREÂMBULO PARA CONTEXTUALIZAR

O elevado número de casos de pessoas com quadros de fenilcetonúria (PKU) e mucopolissacaridose tipo VI (MPSVI), oriundos de um município no sertão da Bahia, atendidos em um Serviço de Referência em Triagem Neonatal (SRTN) e em um Hospital Universitário, reciprocamente, motivou a estruturação de uma expedição multiprofissional de saúde, a esse lugar (AMORIM, 2021). No momento da primeira consulta no hospital, o Sr. J., pai de duas crianças com MPSV, relatou as dificuldades encontradas para o tratamento de seus filhos, destacando a sentença que recebera do médico que os atendera: “só resta, ao senhor, esperar que eles morram”. No seu relato, o Sr. J. declarou a existência de outros casos, como os de suas crianças, que conviviam com as “doenças de família” (doenças hereditárias, assim designadas pelos moradores do município). Há, no mundo, por volta de 07 (sete) mil doenças raras – 80% de origem genética, sendo 95% desses casos, sem tratamento. O diagnóstico é, geralmente, tardio (depois dos 5 anos de idade). Estima-se que 13 milhões de brasileiros têm alguma doença rara. Mundialmente, a prevalência da PKU é em torno de 1:10 000 e no Brasil a prevalência varia entre 1:15.000 a 1:25.000 (Brasil, 2021). No caso da MPSVI tipo VI, a prevalência mundial situa-se entre 1 para cada 43.261 e 1 para cada 1.505.160 (AKYOL; ALDEN; AMARTINO; ASHWORTH *et al* 2019).

Em 2006, na época da primeira expedição ao município – de caráter exploratório – verificou-se a presença de 17 pacientes com MPSVI tipo VI, sem tratamento. Na mucopolissacaridose, quadro dos filhos de Sr. J., estão presentes vários sintomas orgânicos e, geralmente, a morte ocorre na segunda década de vida. Dez casos de fenilcetonúria estavam sendo tratados no SRTN. No decorrer das visitas ao município, foram identificados mais cinco casos, agravados pela falta de tratamento. A detecção e tratamento precoces da fenilcetonúria previnem a deficiência intelectual (DI) e outras sintomatologias como hiperatividade, irritabilidade e, mais raramente, autismo, desde que haja boa adesão ao tratamento, nem sempre óbvio para os pais



¹ Trabalho apresentado na XXXI Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em novembro de 2022.

² Psicanalista. Membro do Espaço Moebius. Profa. da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - Serviço de Referência em Triagem Neonatal. izabellaqueiroz@bahianaeduc.br

que cobram sacrifícios dietéticos enormes de seus filhos, aparentemente saudáveis, para garantir a saúde mental deles, corroborando com as considerações de CANGUILHEM (2009). O número de pacientes matriculados no CAPS e no ambulatório de saúde mental, no município em questão, que à época tinha 52.000 habitantes, chegou a 2500 casos (muitos casos de DI, sendo crianças, boa parte). Constata-se situações de pessoas vivendo acorrentadas, ou em grades, como “loucos”. Outros tantos casos sequer haviam sido diagnosticados (BRISA & QUEIROZ, 2021). “O catastrófico se articula com o desamparo estrutural e o sujeito se confronta com o trauma real, irrepresentável” (Editorial Revista APPOA, 1990). Vivendo um grande desamparo, diante da morte e das doenças de família, o endereçamento do sofrimento a um profissional de saúde, que realizasse uma escuta cuidadosa, não foi possível. A desvalorização dessas formas de existir, embora não seja expressa formalmente pelo estado, presentifica-se no desinvestimento do cuidado a essas pessoas que estão, por assim dizer, fora da ideia de “normalidade” (como construto da ciência positivista, a partir da noção da curva de Gauss). Perpetua-se a falência da Lei de um estado que não cumpre a sua função, apontando para a manutenção de uma condição perversa, condenando tantas pessoas, em última instância, à morte ou à vivência em condições mortíferas, como consequência do abandono. O sofrimento do próprio corpo, do mundo externo e das insatisfações ou da violência desencadeadas pelas relações com os outros acarretam, segundo Freud, o mal-estar, a infelicidade e as situações traumáticas. Com a cultura, se responde a este inevitável mal-estar da condição humana que desencadeia inúmeras situações de vulnerabilidade, evidenciando o eterno conflito entre civilização e barbárie (Editorial Revista APPOA, 1990). Vivendo à revelia dos cuidados, família e pacientes deparam-se com práticas de saúde que reverberam os ideais de normatividade e mesmo, da necropolítica, expressas no texto: “só resta, agora, esperar que eles morram”.

“O doente que recorre ao médico está na situação da criança que recorre à mãe, pelo fato de que um e outro imputam à pessoa a quem apelam um discurso no qual se pode interpretar seu apelo. Como o discurso da mãe para a criança, o discurso médico é totalizante” (CLAVREUL, 1983, p. 157).

A ideia de necropolítica, como abordada por Achille Mbembe, em 2018, vem nos mostrar como o poder político, além de gerir medidas sobre o viver, realiza, sobretudo, a administração sobre a dimensão da morte, abalizando os que devem morrer e como isso deve ser feito. Nessa direção, o risco de perder-se da

vida para a morte torna-se presente, em alguns grupos, em modo contínuo, destacadamente, em certas topografias, como denunciadas por Achille Mbembe (2018). A instância responsável pelo cuidado e pelo cumprimento de leis que, em última análise, deveria proteger da barbárie, promove abusos, sustentando-se em sua condição de “autoridade”. Uma mãe de uma criança com fenilcetonúria revelou: “O que lembro de minha infância é minha mãe velando a morte de meus irmãos” (QUEIROZ, 2021). A presença da morte precoce, que ronda a infância desassistida, é transgeracional e imprime suas marcas no psiquismo da mãe, que vela e que assiste, impotente, às sucessivas cenas trágicas no arrebatamento das suas crianças.

As práticas eugênicas, articuladas à noção de darwinismo social, emergente na década de 1870, apoiaram leis e ações do estado moderno, sustentando-se na ideia de uma seletividade da raça humana, ocorrendo, inclusive, em casos de deficiência e de loucura – como retratada no filme *Nunca deixe de lembrar*, do diretor Florian Henckel von Donnersmarck. No contexto da Alemanha nazista, médicos direcionavam pacientes à morte, por medida eugenista, com uma assinatura à caneta vermelha. Embora essa autorização não tivesse sido expressa ao Sr. J. e seus conterrâneos, o desamparo expôs os “afetados” por alterações genéticas, ao mesmo destino. Foi em resposta à sentença de morte dada pelo médico que o Sr. J. afirmou: “Isso eu não vou fazer nunca...” Foi através das buscas desse pai que profissionais de um Hospital Universitário e de um SRTN, viram-se envolvidos com esses casos, convocados, então, aos cuidados de tantos relegados à sorte, nesse município.

O Programa Nacional em Triagem Neonatal (PNTN, 2001), pelo Ministério da Saúde, estabelece o acompanhamento multiprofissional para os casos triados. O cuidado interprofissional, como discutido por Clavreul (1983), poderia ser mais indicado, zelando pelo esvaziamento que o trato com a doença pode conferir, destacadamente, na clínica de bebês, quando as antecipações maternas são preciosas para a constituição psíquica. Um psicanalista nessas equipes favorece a abertura de uma escuta, para além dos ditos médicos, apostando no saber singular. Tem-se então, a importância dessa abertura, seja na equipe do SRTN, seja na equipe de pesquisa das expedições, ao município em questão.

O CASO N

N. tinha 10 anos, no momento em que foi identificado pela equipe de uma das expedições científicas realizadas ao município aqui aludido. A

enfermeira do CAPS em que estava matriculado (mas sem tratamento) identificou nele alguns sinais que fizeram-na acreditar serem compatíveis com a fenilcetonúria. O resultado do exame laboratorial deu positivo. A partir de então, foi encaminhado para tratamento em um SRTN.

N. vivia com seu pai e sua irmã, cinco anos mais velha. A mãe o abandonou, desde que percebeu a sua deficiência. Seu pai assumiu os cuidados, desde tenra idade. Havia, nesse pai, um duplo pesar em relação ao filho: pelo abandono materno e pela deficiência. Antecipava-se sempre na oferta de cuidados, sem aguardar a demanda do filho. Para além da DI, N. apresentava uma condição de apatia e de dependência destacadamente de seu pai. Os efeitos secundários às manifestações sintomáticas não são dados, aqui, pelo quadro em questão, mas, sim, originados pelo imaginário de insuficiência. Lacan, sobre a debilidade, considera a existência de uma colagem à imagem dupla, no processo de constituição psíquica, acarretando uma defasagem entre a imagem que vê e a apropriação desta como *lhe* pertencendo, derivando, então, uma desarmonia no corpo, fruto de questões na construção da unidade do corpo próprio (LACAN, 1949). Nessa posição, fica estabelecida uma relação de dependência de um Outro cuidador para suprir as necessidades e demandas emergentes, tal como se apresentava com essa criança.

A expressão oral de N. era precária: falava cabisbaixo e, em seguida, olhava para o pai, aguardando que ele o “traduzisse”. Era através do pai que ele se comunicava. Apesar disso, era capaz de enunciar-se como eu. Desde a noção de que o sujeito se organiza e se constitui em três registros RSI, na condição de debilidade, considera-se uma intrusão do imaginário no simbólico, articulando, assim, uma relação entre a debilidade e a inibição (LACAN, 1975). Vorcaro (2011) diz, sobre a debilidade: “*acreditamos estar mais próximos das manifestações psicossomáticas, em que não temos meios de rastrear a cadeia significante.*” Aponta, assim, para uma equivalência a um único S2 em um S1, não permitindo que a função significante funcione, resultando em uma fixação de sentidos.

“O que aparece como agente é apenas o S1, o significante-mestre, tal como no discurso do mestre. O Outro, ao qual o débil se dirige, é pleno, suscita apenas a reprodução de saber. Tal saber, como todo produto, encontra-se disjunto da verdade, de maneira que o sujeito débil se encontra excluído do saber que ele mesmo produziu” (VORCARO, 2011, p.828).

Com o decorrer das sessões, N. entra na sala sozinho, podendo reportar-se a mim, diretamente. Desloca-

se, paulatinamente, da posição de debilidade, e o seu pai passa a atribuir-lhe pequenas tarefas, inicialmente, aquelas relativas ao autocuidado e, posteriormente, tarefas da casa onde todos participam. Há, então, um movimento na posição discursiva. Hoje, ele trabalha e estuda, vai aos lugares sozinho de bicicleta e tem amigos. Apesar de não ter tido acesso a tratamento de fonoaudiólogo, comunica-se de maneira compreensível e tem sonhos.

O CASO A

Na expedição seguinte, realizada ao município, identificou-se o caso de uma mulher, adulta, com DI, a quem chamarei de E.. Ela apresentava um discurso bem situado, bom humor e certa sagacidade ao lidar com algumas condutas do irmão (15 anos mais novo, a quem chamarei de A.) que, de certa maneira, eram embaraçosas para ela. Apresentava autonomia no cuidado pessoal, era atuante no fazer das atividades domésticas e colocava-se em primeira pessoa, além de ter certa independência na comunidade em que residia. Seu irmão A., 19 anos, mantinha-se sentado no chão, pouco andava (apesar de possuir condições para tal), não olhava, comia em uma bacia, no chão, com a boca. Chamavam-no de "louco". No Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), o diagnóstico era de esquizofrenia, tendo sido internado em Salvador, com esse diagnóstico, para tratamento com medicação de alto custo, sem êxito nos resultados. Vivía algemado ou era, também, colocado em grades, para conter a agressividade. Uma irmã mais nova tutelava E.. Ela traz o seguinte relato sobre A.: *"Ele é muito nervoso e muito agitado(...), quando a agressividade é muito grande, permanece em um quarto dentro de grades. A força dele é tanta que já arrancou as grades três vezes. Permanece pelo chão, a maior parte do tempo."*

Na perspectiva biomédica, o tipo de mutação genética relaciona-se às sintomatologias do PKU e, segundo Steiner, Acosta, Guerreiro & Marques-de-Faria (2007), define o quadro de autismo. O saber médico aponta uma resposta totalizante diante das questões apresentadas, relacionando agressividade, autismo e agitação ao quadro genético do paciente. Esses irmãos, com a mesma mutação genética, apresentaram fenótipos distintos. O maior tempo de ingestão de proteína, pela irmã mais velha, deveria, pela literatura, agravar os seus sintomas de DI. Assim, os casos, aqui relatados, abrem brechas para outros entendimentos, convocando a uma leitura, para além da visão positivista.

À medida em que a irmã cuidadora apropriou-se do tratamento dietético, necessário aos irmãos, pode adentrar nos cuidados de A., antes não autorizado

por sua mãe. No decorrer das sessões, essa irmã cuidadora tece outras considerações, para pensar a questão de A.: *"[...] mãe deprimiu e vive a maior parte do tempo deitada, desde o nascimento de A.; desde que ele era muito pequeno e que ela percebeu que ele tinha deficiência"*. Diante da condição do filho, a mãe evitou que incidisse sobre ele, qualquer possibilidade de frustrá-lo. *"Mãe faz todas as vontades dele. Sempre foi assim"* (Irmã cuidadora sobre A.).

Os sinais e sintomas dos quais se ocupa o profissional de saúde na análise de determinado quadro clínico, já se encontra devidamente descrito e codificado, nos diz Vorcaro (2011), fazendo com que os demais aspectos que singularizam o paciente, prossigam silenciados. A observação do indivíduo reduz-se ao modelo transcritivo. No momento inicial do bebê com quadro de fenilcetonúria, a irritabilidade e a inconsolabilidade são os sintomas mais presentes, como apresentado no caso de A. A dificuldade de tomar os gestos e os choros de seu filho como elementos lisíveis e como demandas, apontou para um entrave no estabelecimento do laço mãe x bebê. Além desses sintomas, foram descritas dificuldades de conciliar o sono, alteração do tônus, obstaculizando as primeiras inscrições psíquicas. Em que medida os impasses nas trocas iniciais interferiram na função maternante? A irmã cuidadora de A. dizia que ele não olhava para nada. Indago, então, o que pôde o bebê apreender em decorrência dos impasses iniciais e recusar o olhar deprimido da mãe? Em que medida o desinvestimento firmou um silenciamento na convocação de ambos os lados, fazendo com que os prejuízos nas trocas precoces se entrelaçassem à condição neurológica? Quando o terceiro tempo pulsional não se estabelece, não há articulação do desejo materno. É na medida em que o bebê é alienado pelo desejo do Outro, que a relação especular pode se efetivar. Para tanto, é preciso que a função paterna, na mãe, esteja operante.

(...) uma deficiência congênita, ou mesmo adquirida precocemente, pode decidir a estruturação do sujeito a partir do momento em que se torna o traço prevalente através do qual ele é reconhecido pelos agentes parentais e pelos agentes do seu tratamento. (...) (VORCARO, 1998, p.819).

A irmã cuidadora passa a cumprir uma DUPLA função na vida de A.: materna e paterna. Materna, na medida em que toma os gestos, os gritos e as manifestações motoras do irmão, como demandas de cuidado. Mas, também, paterna, barrando o gozo materno e instaurando possibilidades para além desse gozo. Lacan transforma as figuras do pai e da mãe em funções: função de nomeação e função de cuidado,

respectivamente. Tratando-se de uma função, $f(x)$, qualquer nome pode entrar no lugar da variável da função. Ela narra: *"[...] antes, a gente nem parava 'pra' entender o que ele queria. E nem ele sabia pedir nada. Ele só se agitava* (Irmã cuidadora).

Estas funções são retomadas em *Nota sobre a criança*, onde Lacan (2003) afirma a necessidade da transmissão de um desejo para a constituição do sujeito, um desejo não anônimo. A organização inaugural das relações humanas é estruturada e modelada a partir de significantes dados pela natureza, diz Lacan. É a partir de uma operação atributiva, dada pelo Outro, que se dá a desnaturalização do bebê humano. Pouco a pouco, vão sendo conferidos atributos físicos e psíquicos, pois, até aquele momento, a dimensão biológica norteava os atributos conferidos a A.. A função fracassada, anteriormente é, agora, instaurada como suplência, por sua irmã cuidadora. *"Eu, agora, peço a ele as coisas. [...]. prestando atenção, fui percebendo cada coisa que ele queria e ia perguntando e mostrando as coisas 'pra' ele ir aprendendo. Agora, eu só falo e ele entende mais. Não entende tudo, mas já entende muita coisa."*

Como dito por Souza (2017), a questão do desejo e do gozo são trazidos como questionamentos na estruturação subjetiva de cada sujeito, a partir da pluralização do nome-do-pai, proposta por Lacan. Com relação à barra que se opera em relação à mãe com seu filho, depreende-se que é a função paterna que efetua a ligação entre o desejo e a lei. *"[...] eu vejo como a gente fazia com ele e que não ajudava ele a nada - principalmente mãe"*. *"[...] Pai tem se colocado mais, concordando um pouco com necessidade de ensinar, a ele, as coisas. [...]"*

Apesar da baixa adesão à dietoterapia, percebeu-se a diminuição das alterações do humor e o estabelecimento de trocas, ainda que incipientes, graças ao reposicionamento das figuras parentais, construindo suplências às funções que claudicaram.

RETORNO AO PONTO DA CONTEXTUALIZAÇÃO, PARA FINALIZAR

Retomo à história de Sr. J. que, ao lado de sua esposa, sabendo da existência do amparo, tiveram mais um bebê, que nasceu sem o quadro da MPSVI. Os dois filhos mais velhos, faleceram, mas, em seu dizer, sabendo que tudo o que pode, foi feito por eles, mostrando-nos que aquilo que sobrevive para ser compartilhado é a aposta no amor. Nas palavras de Agamben (2001):

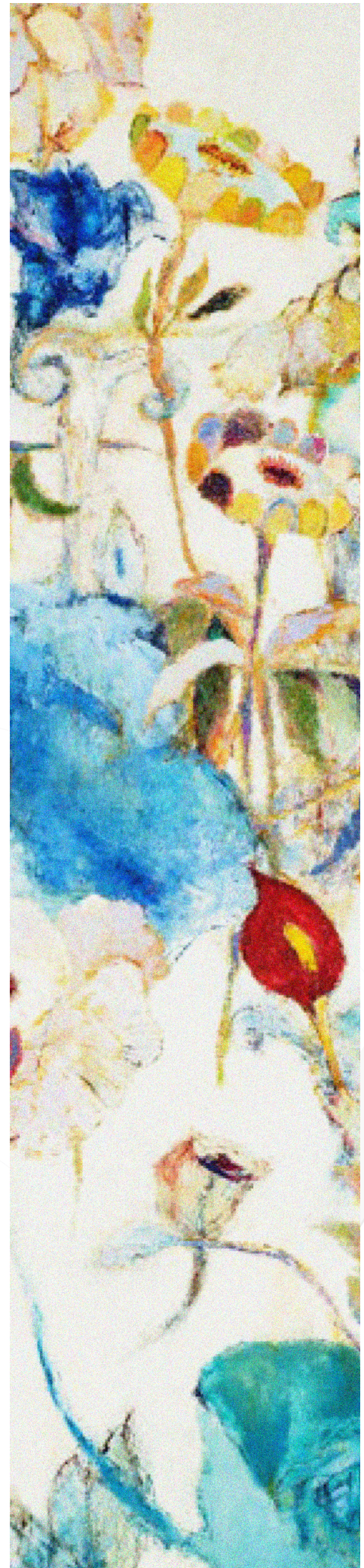
'O ser tal que, seja como for, importa'; ele contém, então, desde sempre uma devolução ao desejar, o ser não-importa-qual está em relação original com o desejar. [...] Uma vez que o amor jamais se dirige em relação a esta ou aquela propriedade do amado (o-ser-loiro, jovem, meigo, coxo), da mesma forma que nem mesmo desta prescinde em nome da insípida generalidade (o amor universal): ele requer o objeto com todos os seus predicados, o seu ser tal como é. (AGAMBEN, 2001, p. 9-10 apud OLIVEIRA, 2007, p. 168).

Identificados a Sr. J. muitos pais, de seu município, estabeleceram novas apostas em seus bebês e crianças que traziam o estigma da deficiência, a exemplo de um pai que, após um aconselhamento genético declarou: "eu já tive os filhos que tinha que ter e fiz esse exame [mutação para MPS VI] depois deles terem nascido. Mas, ainda assim, se hoje eu tivesse de casar com a mãe deles, mesmo sabendo do risco, eu me casaria, porque, hoje, eu olho para meu filho e digo - que mal há em uma criança assim?" (QUEIROZ, 2021). Reiterando Agamben (1993) "o ser 'tal qual' importa; é o ser amado com todos os seus atributos".

Os casos, até então, invisibilizados, "começaram a aparecer" como dito pela secretária de Saúde, no documentário *Quatro heranças: genética médica populacional* (2012). Sobre a necropolítica, fica a denúncia e a importância de não ser esquecida, com todas as artimanhas que sustentam as negligências e os desamparos que vulnerabilizam e aproximam a vivência à barbárie. E, como nos convoca o título do filme supracitado sobre a eugenia, fica o apelo: "Nunca deixe de lembrar".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *La comunità che viene*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- AKYOL, Mehmet et al. Consensus Programme Steering Committee; MPS Consensus Programme Co-Chairs. Recommendations for the management of MPS VI: systematic evidence and consensus based guidance. *Orphanet J Rare Dis*;14(1):118. Recuperado em <https://doi.org/10.1186/s13023-019-1080-y>, 2019.
- AMORIM, Tatiana. Início do projeto *Genética no Sertão: rumores e estratégias estabelecidas para investigação*. In: ACOSTA, Angelina; GROSSI, Gabrielle; ABE-SANDES, Kiyoko; AMORIM, Tatiana (orgs). *Genética no sertão: entre natureza e cultura: uma abordagem interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2021, p.61 a 68.
- BETTS, Jaime. Desamparo e Vulnerabilidades no Laço Social - A Função do Psicanalista. Porto Alegre: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 45-46, 2013/2014, p.09 a 19.
- BRASIL (2021). Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Ministério da Saúde. Recuperado em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/sangue/programa-nacional-da-triagem-neonatal/fenilcetonuria-pku>. Biblioteca Virtual em Saúde Ministério da Saúde. Recuperado em <https://bvsm.sau.gov.br/28-02-dia-mundial-das-doencas-raras>.
- CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CLAVREUL, Jean. *A Ordem Médica - Poder e impotência do discurso médico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FACCINI, Gabriel. Documentário: *Quatro Heranças - Genética Médica Populacional*. Recuperado em: <http://www.inagemp.bio.br/videos/quatro-herancas-genetica-medica-populacional>, 2012.
- GILLBERG, Christopher; COLEMAN Mary. *The Biology of the Autistic Syndromes*. New York: Cambridge University Press, 2012.
- LACAN, Jacques [1968]. *Nota sobre a criança*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- QUEIROZ, Isabella. O sujeito, sua doença e os sertões: a dimensão psíquica do cuidado. In: ACOSTA, Angelina; GROSSI, Gabrielle; ABE-SANDES, Kiyoko; AMORIM, Tatiana (orgs). *Genética no sertão: entre natureza e cultura: uma abordagem interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2021, p. 219 a 234.
- REIS, Brisa; QUEIROZ, Isabella. *DI e transtorno mental em crianças e adolescentes tratadas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS): estudo exploratório*. In: ACOSTA, Angelina Xavier; GROSSI, Gabrielle; ABE-SANDES, Kiyoko; AMORIM, Tatiana (orgs). *Genética no sertão: entre natureza e cultura: uma abordagem interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2021, p.155 a 160.
- REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Editorial. Vol. 1, n. 1. Porto Alegre: APPOA, 1990.
- SOUZA, Aurélio [2007]. *A psicanálise de hoje: o cansaço do sexo*. In: *Revista Cógito*, n. 8, 39-43. Recuperado em 26 de agosto de 2023, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1519-94792007000100007&lng=pt&ctlng=pt>.
- STEINER, Carlos Eduardo et al [2007]. Genotype and natural history in unrelated individual with phenylketonuria and autistic behavior. *Arquivos De Neuro-psiquiatria*, 65(2A), 202-205. <https://doi.org/10.1590/S0004-82X2007000200003>.
- VORCARO, Ângela. *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- VORCARO, Ângela. *Doenças graves na infância*. In: *Trata-se uma criança. v. II*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- VORCARO, Angela; LUCERO, A. [2011]. *A criança e a debilidade mental: uma abordagem lacaniana*. In: *Revista Psicologia USP* 22(4), São Paulo, 2011, p.813 a 832. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000034>.





PAIRESSENTIDO
MÓNICA PORTUGAL

PAI RESSENTIDO¹

Mônica Portugal²

RESUMO

Este artigo aborda a categoria do afeto ressentimento, voltada ao conceito de pai simbólico na psicanálise, indicando que o declínio na imago paterna, ou o declínio de uma forma de vida, quando as condições sociais ou condições objetivas da maioria da população estejam desfavoráveis, deterioradas, possam encorajar a substituição da autoridade revelada pela Lei, pelo autoritarismo, ou pelo surgimento de governos autocráticos. O entendimento é que o sofrimento do sujeito revela, em certa medida, o sofrimento da sociedade e que o amor, o qual perpassa a identificação à autoridade paterna, se revela também como o ódio que dá suporte ao autoritarismo, numa ambivalência representada pelo neologismo de Lacan, *hainamoration*. Como se proteger ou barrar a difusão do ressentimento, baseado no medo, na raiva e no temor?

Palavras-chave: Pai. Ressentimento. Autoritarismo. *Père-version*. Estrutura. Amor-ódio.

ABSTRACT

The present article discusses the category of affection of resentment focused on the concept of symbolic father in psychoanalysis. This notion indicates that the decline in the paternal imago, or the decline of a way of life, where the social conditions or objective conditions of the majority of the population are unfavorable and deteriorated, may encourage the replacement of authority revealed by Law, authoritarianism, or the emergence of autocratic governments. The understanding is that the suffering of a subject reveals - to a certain extent - the suffering of society and that love, which permeates identification with paternal authority, also shows itself as the hatred that supports authoritarianism in an ambivalence represented by Lacan's neologism: *hainamoration*. How to protect yourself or stop the spread of resentment based on fear, anger and dread?

Keywords: Father. Resentment. Authoritarianism. *Père-version*. Structure. Love-Hate.

O que é o ressentimento? Como essa categoria de afeto, que parece ficar entre a filosofia e a psicologia, pode ser tão contundente nas relações entre o sujeito e o laço social? Em termos literais ressentir é sentir novamente, tornar a sentir, ou ser afetado por uma lembrança de ofensa recebida que volta à carga. Trata-se de um sentimento doentio, no sentido ensinado pela doutrina freudiana dos afetos, nesse caso está relacionado à intensidade, ao excesso na quantidade de energia desprendida no prazer que pode se tornar desprazer, ou, numa palavra, com Lacan, se relaciona ao gozo, assim, o afeto se liga à estrutura, “*é incorporada que a estrutura faz o afeto*”.³

O ressentimento se avizinha à inveja, à impotência e ao medo também. O declínio parece ser seu antecedente e constitui sua marca constante, pois ele “atrasa” qualquer desenvolvimento em relação ao sujeito que nutre o ressentimento, seja por conta do medo, da humilhação, ou de uma ofensa, por exemplo, é como se o sujeito ficasse estagnado. Sabendo-se que os afetos, em termos gerais, podem ser experienciados como prazer e desprazer, e os respectivos ganhos qualitativos e quantitativos são incorporados como gozo e, sabendo-se também que a linguagem tem participação ativa nos estímulos entre sujeito e laço social, resta patente a possibilidade de se fazer uso político dessa relação, a partir dos processos de identificação já alertados por Freud no texto *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921.

O ressentimento parece bordejar com o autoritarismo, nesse caso, a busca pelo arrimo da autoridade passa ao largo, isto, considerando que a esta perpassa a modalidade amorosa, enquanto no ressentimento, a autoridade revela-se pela versão autoritária e, por intermédio do ódio, a marca da ambivalência se impõe.

No livro *O triunfo da religião*⁴, Lacan (1974) alerta sobre a necessidade de os analistas se armarem com uma couraça contra a angústia. A clínica muitas vezes nos apresenta exigências ou emergências com as quais precisamos lidar. O momento político atual também está exigindo algo além de quaisquer expectativas com as quais poderíamos prognosticar há alguns anos.

O sofrimento do sujeito na clínica é também o sofrimento espelhado da sociedade na qual estamos inseridos. Ainda que estejamos protegidos em nossas salas de atendimento, não nos é permitido fechar os olhos diante do que se passa extramuros. Nós, psicanalistas, estamos falando sobre a política, estamos nos manifestando para contribuir com algum modo de barrar o avanço de forças da extrema direita, as forças do conservadorismo e do fundamentalismo religioso, que parecem fincar-se de um modo irresistível diante de pessoas vulneráveis, mantendo-se na dianteira no discurso da pauta de costumes.

É lógico que abordar o “pai” a partir do afeto ressentimento é humanizá-lo, afinal do que se trata quando evocamos o pai na psicanálise? Podemos ainda afirmar sobre sua ligação direta com a dimensão do simbólico, algo estruturante por esta via? A pergunta pode ficar sem uma resposta conclusiva, ou uma faceta ainda a ser muito explorada na doutrina, tanto que Lacan também interrogou sobre o que é o pai, deixando patente uma certa lacuna.

É certo também que no final de seu ensino ele posiciona o “pai” ou o “nome-do-pai” como operador lógico, estruturante, aquele que suportaria a cadeia borromeana, ou o RSI, mas isso não encerra a questão, considerando tratar-se de desenvolvimento a partir da lógica subjacente à cadeia, onde cada dimensão alcança as demais em suas vizinhanças, e onde ele mesmo pondera se devemos interrogar o pai no nível do real⁵, nesse caso, o pai “engrossaria” as fileiras nos três registros, sendo ao mesmo tempo parte deles e sua própria razão de existência.

Não é crível que Lacan pretendesse varrer o que significa o “pai” em termos simbólicos e imaginários, então por que não abordar a questão pela via do afeto? Por outro lado, a noção de *père-version* também responde a isso, inclusive a perversão, em sua relação com o desejo do Outro (Lacan) serve de alcance para entender essa humanização do “pai”,

³ LACAN, Jacques [1970]. *Radiofonia*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 406.

⁴ LACAN, Jacques [1974]. *O triunfo da religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 63.

⁵ LACAN, Jacques [1974-75]. R.S1. *Éditions de L'Association Freudienne Internationale, publication hors commerce*. Paris: 2002, p. 178.

¹ Trabalho apresentado e acrescido de questões debatidas na XXXI Jornada de Psicanálise do Espaço Möbius, em novembro de 2022.

² Psicanalista. Membro do Espaço Möbius. monipox@hotmail.com

pois o que estrutura só pode ser apreendido a partir do imaginário, simbólico e real ou inibição sintoma e angústia, então vejamos:

"É aqui que assume seu valor a ênfase que me permiti conferir à função da perversão quanto à sua relação com o desejo do Outro como tal. Isso significa que ela representa o ato de pôr contra a parede a apreensão ao pé da letra da função do Pai, do Ser supremo. O Deus Eterno tomado ao pé da letra, não de seu gozo, sempre velado e insondável, mas de seu desejo como interessado na ordem do mundo, eis o princípio no qual, petrificando sua angústia, o perverso se instala como tal!"⁶

Se o que estrutura é um buraco, cada um dos três buracos RSI, encadeados por um buraco central, que também pode ser lido como não há Outro do Outro, ou o buraco da não relação sexual, temos um buraco como dimensão do Real, e se acompanharmos Lacan quando ele diz que esse Real é em dobro, na condição Real-Simbólico⁷, fica ainda mais patente os vieses sob os quais podemos realizar a escritura do pai; ademais, essa "ordem do mundo", conforme citação acima, é o que funciona no simbólico, cotejado ao Real como o que não funciona. Voltemos ao pai ressentido.

Para Freud o pai tem primazia na constituição da realidade psíquica, o que o coloca no cerne da experiência psicanalítica. Lacan segue essa vertente em suas elaborações sobre o Pai – mesmo no prescindir dele, na *père-version*, lembrando que se trata da conjunção desejo – angústia – gozo, e que o afeto por excelência, a angústia, é central na constituição da realidade psíquica.

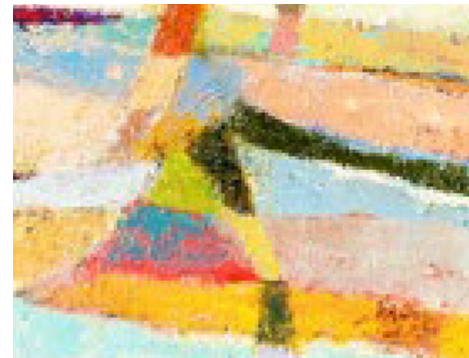
O pai primitivo é encarnado como Deus, cujo funcionamento na ordem social, a partir da constituição da religião, tem caráter delirante para Freud⁸. Esse discernimento já se tornou um lugar comum, mas o que significa um pai? Nos desenvolvimentos freudianos o pai faz ligação direta com o amor, mas também com a violência e o ódio, sendo essa ambivalência a forma como somos afetados em suas manifestações, ora como pai encarnado ou como um operador em sua função estruturante, com Lacan.

Acredito que o "pai" é um conceito e está em permanente construção, integra um sistema de conceitos, suporte da doutrina psicanalítica em sua abordagem do inconsciente, cujas tentativas de apreensão, como regente da realidade psíquica, assumem, da mesma forma que a psicanálise, a contemporaneidade, por isso, em permanente construção.



Todavia, esse aspecto em construção se coloca, apesar, como acreditamos, de estar aliado ao surgimento da linguagem, ou, em outros termos, aliado ao processo de hominização e civilização, a partir da noção simbólica de hierarquia e autoridade, do supremo (a própria linguagem, como pavimento da civilização?) enfim, do divino. As contradições são imanentes ao próprio conceito, ou seja, na versão garantidora, ou na modalidade em declínio – usá-lo, na condição de poder prescindir dele, com Lacan. Claude-Lévi Strauss corrobora com Freud em relação ao papel preeminente do pai na organização social, assim como indica ser a mulher um instrumento de troca, na condição de objeto. Tal percepção antropológica nos permite afirmar que o desconhecido, mesmo em dias atuais, com a avançada ciência e tecnologia, é o que perturba, ou o que funciona como furo, isto ainda está na raiz da função paterna.

Freud percebeu o padecimento da imago paterna na modernidade, algo que alguns filósofos, dentre eles, Nietzsche, também já haviam sinalizado. Para o filósofo alemão a lei moral cristã exauriu a imagem de Deus, cujo ápice se mostrou na modernidade, a ponto de ele afirmar que Deus está morto e se está morto é porque nós o matamos. Houve muita incompreensão em torno da afirmação de Nietzsche, afinal, de qual Deus se tratava? Um Deus monoteísta garantidor do saber ocidental, em relação a pauta da hierarquia, da autoridade e da moral? O Deus de Israel, o qual ressurgiu na trindade cristã? O Deus pai já não constituía uma obviedade, pois o filósofo acreditava que o 'pai' em Deus está inteiramente refutado, assim também o 'juiz', o 'recompensador.'⁹ O filósofo, portanto, dissocia a ideia de Deus ao pai, à



moral, situando o consolo ou conforto espiritual em outros patamares, como o do Eterno Retorno.

Assassinamos Deus, mas talvez as consequências desse decídio, ou a expiação resultante, ressurgem com a facilidade de repetição dos movimentos autocráticos, nas diversas máscaras ou roupagens que ressuscitam o Deus morto na sua vertente mais vingativa ou ressentida, sendo que esse sentimento interfere na conduta política da sociedade, espalhando um modo de sentir, de ser afetado na condução das chamadas massas.

Assim, uma das consequências do propalado enfraquecimento da imagem do pai reservada ao âmbito da hierarquia, da autoridade, da tradição, enfim, da Lei, é o ressentimento. Resta saber se a imago paterna, ou da autoridade, ou mesmo a percepção do declínio de uma antiga forma de vida em sociedade seria suficiente para alastrar esse sentimento num sujeito em particular e na sociedade em geral.

Se o ressentimento chega a atingir um ponto amplo de difusão na sociedade é porque as condições materiais já emitiram sinais mais fortes, essas condições já estariam deterioradas pelo avanço das desigualdades. O desespero pode se tornar o combustível para que o ressentimento se espalhe.

Haveria uma relação de causa e efeito, de forma que o representante do "pai ressentido" poderia esclarecer o fenômeno do recrudescimento da extrema direita em escala planetária? Qual condição estaria presente para a escolha do bode expiatório que funcionasse para agregar, para catalisar as forças do ódio e da violência?

O encadeamento dessa questão em conjunto com as crises do capitalismo, sobretudo a de 1929, que

⁶ LACAN, Jacques [1963] *Nomes do pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p.75.

⁷ LACAN, Jacques [1977]. *Le moment de conclure. Publication hors commerce. Éditions de L'Association Lacanienne Internationale*, 2004.

⁸ FREUD, Sigmund. *Moisés y la religión monoteísta*. In: Obras completas, Tomo XXIII. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

⁹ FRANCK, Didier. *As mortes de Deus*. In: Cadernos Nietzsche n. 19, 2005, p. 13.

incorpora os reflexos da Primeira Grande Guerra e de certa forma também é lastro à Segunda Grande Guerra, e a crise de 2008, mais próxima da atualidade, pode responder ou pelo menos fornecer alguns elementos para entender tal fenômeno. Nesse escopo, os textos sociais de Freud, da década de 1920, sobretudo *Psicologia das massas e análise do eu* ao texto cânone *Moisés e o Monoteísmo*, dão conta de sua preocupação em atualizar o que ele desenvolvera antes, em *Totem e Tabu*, ao tentar esclarecer seu entendimento sobre o valor/desvalor do pai, como balizador do movimento civilizatório, na esteira de seu assassinato, ou seja, de um pai morto, ligando-o à Lei.

A figura de um *Führer* ou do “pai Benito Mussolini” se liga de imediato a uma forma de governo autocrático, advinda do complexo legado da Primeira Grande Guerra, que mexeu com a situação geopolítica em escala planetária. Nada como um cenário de derrota, de destruição, de perda de autonomia, de valores, enfim, do poder, para deixar tão claro o que significa o declínio. O medo certamente é um afeto presente num quadro onde as condições objetivas estão completamente desfavoráveis, com as vulnerabilidades expostas, o que em tese é ninho para os ovos das serpentes de grandes soluções heroicas ou messiânicas, como as dos projetos autocráticos.

É possível afirmar que após a devastação sofrida por uma sociedade em declínio, tal qual aconteceu em diversos países da Europa pós Primeira Grande Guerra, intensificada pela crise de 1929, com a queda da bolsa de Nova York que repercutiu em todo o mundo desenvolvido, o ressentimento possa ter ocupado um certo lugar como resposta. Isto, ainda que a categoria (filosófica, psicológica) ressentimento, como afeto, não tenha, em tese, nenhuma preeminência no curso da História. Mesmo que os afetos não estejam na linha de frente em relação a qualquer costura das organizações sociais, eles estão presentes, talvez apenas como coadjuvantes. Entretanto, se os afetos estão ligados à estrutura do sujeito, como entende Lacan, isto pode significar que sua importância em relação ao centro de decisões possa ser maior do que o esperado.

Declínio parece remeter de imediato à perda da virilidade, ou de uma posição fálica, à qual, em tese, é conquistada pela força, pela violência. O declínio de uma nação, de uma sociedade, a partir das condições objetivas de meios de vida de suas gentes envolve ao mesmo tempo, tanto questões socioeconômicas, quanto posições de afetos. A recuperação de um quadro anterior, ou uma perspectiva que parecia ser mais favorável, traz consigo o rescaldo de grandes

frustrações, e essas, muitas vezes, definem posições políticas, permeadas de violência vingativa. O ressentimento ocupa espaço e parece se alastrar como uma onda, conforme Manifesto Futurista, de 1909, escrito pelo [poeta] Filippo Marinetti, neste caso, antes mesmo da hecatombe de 1914-1918.

*Queremos glorificar a guerra - a única higiene do mundo -, o militarismo, o patriotismo, a arte destruidora dos anarquistas, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pelas mulheres. Queremos destruir museus, bibliotecas e academias de toda espécie.*¹⁰

Qualquer semelhança com a atualidade no Brasil não é mera coincidência, a semântica não mudou, parece estar congelada. E assim também parece ser o entendimento de Mishra em relação ao que estaria na raiz de um movimento raivoso que teria começado antes mesmo da Revolução Francesa, com Rousseau. Para o ensaísta indiano:

*Todos os vários movimentos do idealismo alemão que transformou o mundo do pensamento - do Sturm und Drang ao romantismo, passando pela dialética marxista - emergiram, na sua origem, do ressentimento e do desdém defensivo dos intelectuais alemães, que a retórica de Rousseau justificou e reforçou.*¹¹

E, mais próximos do momento atual:

*O mundo em geral - dos estados Unidos à Índia - mostra uma feroz política identitária assente em feridas históricas e medo de inimigos internos e externos.*¹²

A identificação ao pai pode ser encaminhada pela via da representação do amor, e essa representação teria alcance em todas as esferas da vida do sujeito em suas ligações com cada outro em seu caminho e com todos os outros no campo político, ou mesmo no campo religioso. Esse tipo de representação alcançaria o espectro da fé ou da crença absoluta em qualquer outro semelhante, ou seja, qualquer semelhante poderia ser alçado à categoria do divino ou do mito? De que forma as feridas históricas aludidas pelo ensaísta indiano se ligariam ao quadro brasileiro? Uma nação escravocrata, por exemplo, nunca cicatriza suas feridas?

A crença ocidental em Deus é experienciada, em termos gerais, no sentido do amor, como numa equivalência Deus é amor. Para o filósofo Hegel, a religião se ocupa de uma verdade no campo individual, assimilando o particular pelo universal. Sendo assim, resta uma sombra mal resolvida, pois como se justifica as chamadas guerras santas, tão ou mais sangrentas do que qualquer outra guerra, em

tese não predicadas com a santidade? Por mais que saibamos dos interesses econômicos na raiz de todas as guerras, o discurso que mobiliza pode ser o da fé, o da crença religiosa e aqui faço referência à atualidade, repetindo um passado grotesco e carnicero.

Quando Lacan postula, seguindo Freud, no seminário RSI, sobre a ambivalência do sentimento amoroso, e o ódio, cuja síntese se espelha em seu *hainamoration*, *amódio*, isto significa que somos confrontados como se estivéssemos numa bolha consagrada aos dois afetos. Ele usa a curva sinusoidal para exemplificar o que seria a posição amor e ódio, este último como a sombra, ou o lado inverso do amor, não há amor senão permeado pelo ódio.

Uma das consequências práticas relacionadas ao amor-ódio é que há um limite em direção ao bem-estar do outro, contrariando, como diz Lacan, o que enunciava Santo Agostinho em relação à extensão desse bem querer. A cadeia borromeana é empregada para representar essa vizinhança entre os afetos, uma vez ultrapassado certo limite, o amor passa para o campo do Real, numa *oposição* ao bem-estar do outro,¹³ nesse aspecto, o amor é uma via para o Real.

A ambivalência, termo empregado por Freud, ou a oscilação entre amor narcísico e o ódio, o primeiro circunscrito a uma relação imaginária, passa para o registro do Real na cadeia, na representação do limite entre um e outro afeto. Para a psicanálise são similares as leis de regência em ambos os afetos, sob a compulsão à repetição, é o que nos ensina Freud.

Talvez seja a mesma lógica respaldada na fé no Deus de Abraão, em relação às provações impostas pelo Deus amado e o derrame de amor em direção a esse Deus. O Deus que provoca as terríveis provações é o mesmo que persiste como ser amado, a fé é mantida sob esse jugo, temor e amor. A fórmula foi bem escrita desde a manhã dos tempos, o medo é capaz de sustar qualquer tipo de reação, e capaz de provocar as mais desmedidas reações, é só uma questão de dosagem empregada pelo representante da Lei.

A cerca dessa reação, na atualidade, numa comparação com os movimentos anarquistas do século XIX, seria a prática do *hacking* - uma ação deliberada contra a ordem, ou um desalinhamento do mundo do algoritmo - realizada pelos jovens cibernéticos, uma saída ou uma forma para barrar o mal-estar causado

¹⁰ Apud MISHRA, Punya. Tempo de raiva. Lisboa: Círculo leitores, 2017, p.14.

¹¹ MISHRA, Punya. Idem, p.191.

¹² MISHRA, Punya. Idem, p.189.

¹³ LACAN, Jacques. RSI [1974-75]. Paris: Éditions de L'Association Freudienne Internationale, publication hors commerce, 2002. Lição de 15/04/1975 p.152.

pelo uso intensivo dos meios digitais, que exalam medo e espalham ressentimento? Podemos ser mais incisivos e denunciar as consequências da ausência de legislação eficaz que possa regulamentar a proteção de dados, de afetos, de imagens que deixam ainda mais vulneráveis os sujeitos, sobretudo crianças e adolescentes? A psicanálise pode estar à altura de estar na vanguarda dessa denúncia?

Podemos denunciar os efeitos que a lógica da precarização do mercado de trabalho tem para jovens que ingressam ou pretendem ingressar nesse mercado ou mesmo adultos afeitos à sistemática mais permanente de contratos de trabalho por tempo indeterminado? Tais políticas não cessam de mostrar o caráter de prescindibilidade de cada um, ou, parafraseando Lacan, o prescindível não deixa de não se inscrever, se configurando como a ordem do dia. Como evitar que todas as gentes “prescindíveis”, invisíveis, não se tornem alvos do ódio e do ressentimento, fazendo do fracasso sistêmico, do declínio de uma ordem simbólica, sua própria bandeira de luta, só que ao avesso, pois voltada contra o inimigo de plantão, escolhido pela própria ordem decaída?

Não é incomum fazer um paralelo acerca das representações do pai no mundo simbólico e um certo sentido de estabilidade aos diversos processos da vida social, um certo equilíbrio que perpassa as fronteiras da família, chegando às instituições educativas, religiosas e outras instituições ligadas ao aparato do Estado, ou ao seu funcionamento regular. Assim tem sido ao longo dos últimos duzentos anos.

O sentido de estabilidade passa por uma drástica mudança na atualidade, os jovens, por mais preparados que estejam, já não conseguem vislumbrar um horizonte de estabilidade pela frente.

A precariedade no trabalho alcança não só os simples usuários de aplicativos, mas trabalhadores mais graduados em termos de criatividade, domínio de novas tecnologias, os quais estão trabalhando por projetos, algo como se a vida passasse constantemente por processos de rupturas. Há muito que a “liquidez” da modernidade ou pós-modernidade é pautada nos debates acadêmicos, talvez o que possa parecer mais contundente seja a forma como o quadro em torno das diversas formas de tecnologias vem atuando no cotidiano das pessoas, de modo a dissolver qualquer esteio, qualquer forma de estabilidade. Há um preço a pagar pela fluidez do jogo na nova etapa do capitalismo algorítmico.

Resta interrogar se ainda é possível pensar em alguma forma de estrutura social capaz de ser garantidora

de um devir político não baseado, em termos atuais, no ressentimento? Ou se haveria alguma forma de governo que possa aliar a satisfação universal, nesse caso, contemplando interesses de cada um e de todos de formar a barrar o ressentimento social? Em outros termos, estarão os filhos do pai eternamente ligados à sua própria sina como garantidores da vida do pai em seu compromisso de proteção de todos? Teria sido essa a força da expiação dos filhos do pai da horda em *Totem e Tabu*?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCK, Didier. *As mortes de Deus*. In: Cadernos Nietzsche n.19. São Paulo: GEN-Grupo de Estudos Nietzsche, 2005.

FREUD, Sigmund [1921]. *Psicologia de las masas y análisis del yo*. In: Obras completas, Tomo XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

FREUD, Sigmund [1937-39]. *Moisés y la religión monoteísta*. In: Obras completas, Tomo XXIII. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

LACAN, J. [1963] *Nomes-do-pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques [1970]. *Radiofonia*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, Jacques [1974]. *O triunfo da religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques [1974-75]. *Seminário XXII: R.S.I. Paris: Éditions de L'Association Freudienne Internationale, publication hors commerce, 2002.*

LACAN, Jacques [1977]. *Seminário XXV: Le moment de conclure*. Publication hors commerce. Éditions de L'Association Lacanienne Internationale, 2004.

MISHRA, Punya. *Tempo de raiva - Uma história do presente*. Lisboa: Temas e Debates Ed., 2017.

II. DO GOZO E DA CONTEMPORANEIDADE





DOS GOZOS AO GOZO, O DE SEMPRE NA EX-SISTÊNCIA DO SUJEITO

AURÉLIO SOUZA

DOS GOZOS AO GOZO, O DE SEMPRE NA EX-SISTÊNCIA DO SUJEITO¹

Aurélio Souza²

Quero agradecer à comissão de nossa XXXII Jornada pelo convite para abrir os trabalhos, em 2023. Vou aproveitar essa oportunidade para rediscutir estas diferentes mostrações dos gozos que afetam o sujeito em sua ex-sistência.

Na leitura que Lacan foi fazendo dos textos de Freud, ele trabalhou, de início, com a topologia do significante, em seguida com os objetos topológicos de superfície (o Toro, a fita de Moebius, a garrafa de Klein e o Cross-cap), chegando aos Discursos e, por fim, à topologia da Cadeia borromeana. Nesse seu desenvolvimento formalizou muitas condições essenciais para a prática da análise, que vou identificar duas delas: a implicação e a importância da linguagem e a presença destas três categorias que contemplam as realidades do Sujeito: o Imaginário, o Real e o Simbólico.

Em relação à estrutura da linguagem, ela não corresponde àquela relacionada à teoria da comunicação que opera em torno do signo, da polissemia do significante e que está implicada à uma gramática convencional. Aqui, trata-se de uma estrutura que se constrói num espaço topológico acima de três dimensões, como uma rede formada por letras e significantes que se tornam solidários à polifonia e que guardam uma vizinhança topológica, onde as letras podem mudar de forma e de lugar nas palavras e nas frases, para compor outras palavras e frases. Assim, um som do que se diz, ou mesmo uma série de sons idênticos e claros, podem expressar coisas diferentes, desde que se modifique a maneira de escrever. Portanto, na psicanálise, essa estrutura de linguagem passa a produzir efeitos sobre o humano sempre entre uma meia verdade do que é dito e de um saber que adquire o estatuto de um *dizer*. Lacan a nomeou de *Lalangue*³, escrita numa só palavra e que temos transliterado e traduzido, no brasileiro, por *Lalíngua*.

Assim, esse somatório de *Lalangue* constitui-se como

um envelope sonoro que a partir de uma operação de *incorporação* intervém sobre o humano, determinando uma *perda* irreversível em sua estrutura, que o retira da natureza e o lança na Cultura, como um *Ser-de-linguagem-e-de-sexo*, ou mesmo, como um *Sujeito dividido* que é privado dos instintos e com alterações fundamentais e irreversíveis em sua existência. Essa operação que se realiza no ato da constituição do Sujeito vai determinar, ainda, através disso que se perde, o campo do objeto, para a psicanálise, que Lacan denotou como pequeno (a) e que se torna “causa do desejo” e “aperitivo de gozo”, contabilizando uma condição desejança que se manterá permanente na existência do Sujeito.

Além disso, através dessa operação de *incorporação* inscreve-se na superfície do corpo que irá sustentar o Sujeito, as primeiras letras e significantes⁴, como *marcas* que adquirem um valor de *signos de pertinência*, possibilitando diferentes traços identificatórios, assim como *signos com valores eróticos*, que estarão relacionados ao desejo de um grande Outro que irá determinar a presença de um gozo primitivo que afeta sempre o Sujeito.

Para dar consistência à minha apresentação de hoje, vou propor algumas reflexões sobre essa noção do gozo, que acompanha sempre o Sujeito em sua existência e, também, na Análise em Intensão. Lacan, no início de seu ensino, considerou essa noção do gozo como uma “*polaridade do sujeito*”⁵ e que nomeou, ainda, de “polos subjetivos do Ser”, propondo através da topologia do significante a presença de efeitos que passavam a afetar o *Ser do Sujeito* (*\$*) sob a condição do fantasma fundamental.

No curso de seu ensino, estabeleceu uma relação do Sujeito com o objeto, que obedeceria a uma determinada Ética e que para formalizá-la, propôs uma leitura de *Kant com Sade*. Não se tratava de colocar a prática da análise numa “moral de mestre”, que buscasse o ideal de um soberano bem e que obedecesse a uma proposição kantiana. Assim, obedecendo a uma Ética já proposta, a psicanálise passava a definir a relação do Sujeito com o objeto, que mantém uma consistência do Real e que assim

introduziria uma *condição do mal*, ou mesmo, a “*felicidade no mal*”, como algo que não correspondesse a uma condição da Cultura, como apareceu em Freud, mas como um efeito desse somatório de Lalíngua. Assim, a partir do imperativo categórico de Kant, que se encaminhava para uma proposição da moral em que se deveria buscar uma adequação das ações e procurar manter uma conformidade com o dever e a ordem, seria preciso procurar o que Sade propôs e que estava encoberto por Kant.

Através dessa leitura de *Kant com Sade*, Lacan formalizou algo que se manteve durante todo seu ensino através de um axioma de “não ceder quanto ao desejo”. Pois, se de uma maneira idealizada, “ceder ao desejo” tenderia para uma proposição hedonista, que poderia colocar a psicanálise a serviço da virtude, alimentando as religiões, o utilitarismo e, sobretudo, buscando diferentes condições que construiriam propostas de felicidade, subsumidas aos ideais do bem, do belo e do bom, para deixar a vida levar, e deixando o Sujeito numa ignorância de que a vida está numa viagem com um final marcado, que é a morte.

Assim, “não ceder quanto ao desejo”, não só passaria a estabelecer limites ao desejo, como proporcionaria saídas possíveis para que o Sujeito pudesse guardar uma estreita relação com o dever, buscando estabelecer limites ao GOZO, que o afeta desde o início da vida. Portanto, na prática da análise, atrás da virtude, deve-se buscar o vício, atrás da comédia, deve-se procurar a tragédia, por trás do puro e nobre, deve-se buscar o que degrada o Sujeito e, ainda, por trás de toda boa intenção, buscar o que devasta o *Sujeito*, pois, “de boas intenções o inferno está cheio”, como diz o ditado popular.

Na sequência de seu ensino Lacan, a partir de uma leitura que se pode nomear de elástica, utilizando-se de uma homofonia no francês, fez uma intervenção sobre a noção da Ética, extraíndo do significante

¹ Conferência de abertura da XXXII Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em novembro de 2023.

² Psicanalista. Membro do Espaço Moebius

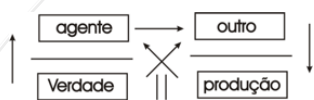
³ LACAN, Jacques [1971]. Seminário XIX: *Le savoir du psychanalyste*, aula de 04/11/1971. Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

⁴ LACAN, Jacques [1967]. Seminário XIV: *La logique du fantasme*, aula de 10/5/67. Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

⁵ LACAN, Jacques [1966]. Apresentação das Memórias de um docente dos nervos. In: *Outros Escritos*, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 219

"Ét(h)ique" (Ética) a letra "h" e, acrescentando o sufixo "ette", para inventar um outro neologismo – "étiquette" – atribuindo-lhe o valor de uma "pequena etiqueta". Uma condição que passaria a indicar ao analista e ao analisante, seus lugares, suas funções e os caminhos a seguir numa análise e, assim, obedecendo a essa "pequena etiqueta", ele atribuiu à prática da análise o estatuto de um Discurso.

Uma noção que não corresponde ao sentido comum que se tem na Cultura, mas que se constitui num dispositivo topológico e tipológico que vai instituir um tipo de laço social, formalizado por quatro lugares que serão ocupados por letras e números (S1, S2, \$, a) que passariam a escrever diferentes maneiras do Sujeito se ligar à sua "parte maldita", o objeto *a*. Nessa estrutura discursiva, à esquerda, no lado do Sujeito, o lugar acima da barra é o "lugar do agente", de onde todo discurso se inaugura e que, também, vai determinar as relações entre os outros lugares e a ação que esta estrutura discursiva possa produzir. O lugar abaixo da barra é o "lugar da Verdade", que vai permanecer impossibilitado de qualquer acesso, adquirindo dessa maneira, uma dimensão do Real e tornando-se causa dos Discursos. À direita e acima da barra, para onde todo discurso se dirige, é o "lugar do outro" e, ainda, como Lacan também o nomeou de "lugar do trabalho", "lugar do "saber" e "lugar do GOZO". Quanto ao lugar abaixo da barra, é o "lugar da produção", que se torna equivalente à condição de uma "mais-valia", desenvolvida por Marx e que neste dispositivo discursivo passou a se constituir como "mais-gozar".



Essa noção de Discurso, a partir dessa relação posicional dos lugares, das letras e dos números, tornava-se um "discurso sem palavras", ou mesmo uma "prática de leitura", em que se deveria privilegiar aquilo que se ouve e o que se pode fazer com os sons que ressoam na fala do analisante, produzindo diferentes efeitos de gozo que afetam o pensamento e o corpo que sustenta o Sujeito e que deveriam passar a ser lidos de um outro modo, sempre a serem avaliados na *Análise em Intensão*.

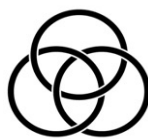
Desta maneira, um som, uma série de sons idênticos, inteligíveis e claros, ou mesmo ininteligíveis, podem expressar coisas diferentes quando se modifica a maneira de escrever, ou mesmo quando se ouve o que é dito, desde quando "que se diga, fica escondido atrás do que se diz, no que se ouve". Lacan inferiu, ainda, que no Discurso do Analista, o *Saber* (S2), na *posição da Verdade*, passa a ter uma implicação não

mais com a fala, mas com o dizer, que mantém uma prioridade com a escritura e com o Real.

Com efeito, se de início o Saber estava relacionado à *dimensão* simbólica, Lacan vai afirmar que ele pode cair em outro lugar, de que "*há saber no real (...) que diz a verdade, mas não fala*". Trata-se, portanto, de um Saber que escapa à simbolização e que sabe sobre o Sujeito, num "assentimento obscuro" que pode até mesmo estar vinculado sob a forma de um insulto. Lacan o nomeou de "saber absoluto"⁶, que impõe ao Sujeito uma culpa por seu "desconhecimento radical", disso que o afeta sob a forma de um trauma, com o efeito de um GOZO primitivo desde o início de sua existência. Por isso mesmo, o Sujeito é sempre culpado de seu encontro com esse Saber do Real, não precisando mais do supereu, para intimar essa condição que o afeta desde cedo - Goza!.

Aqui, essa noção de estrutura já dizia respeito à cadeia borromeana. Uma condição que vai interferir na existência do Sujeito antes mesmo que o vivente tenha nascido, ou mesmo que tenha sido engendrado, tendendo a produzir efeitos de gozo através dos mitos e "fixções" parentais e até mesmo através dos nomes escolhidos para batizá-los. Nomes que vêm determinar uma ordem geracional, instituindo marcas de hierarquia e ainda podendo apontar para paixões, vaidades... entre outros efeitos que vão intimar o Sujeito também a se defender destas condições.

Lacan teve conhecimento dessa estrutura borromeana em 08 de fevereiro 1972 e ela lhe foi apresentada por Valérie Marchand, filha de uma psicanalista, sua amiga Thérèse Parisot, que havia assistido a um curso de iniciação elementar de topologia, em Paris X, ministrado por um matemático chamado Georges Théodule Guillaud. Logo no dia seguinte, durante o Seminário "... *Oupire*", ele comentou sobre ela, formada pelo enlaçamento de três anéis, que se ligam de uma maneira especial, em que se qualquer um deles for cortado, os outros dois se separam de imediato.



Essa relação trinitária das consistências do **R S I**, ele já vinha propondo a partir da gramática e da lógica, através de uma frase - "eu te peço, que tu recuses, o

que te ofereço, porque: não é isso" – procurando esvaziar o lugar de cada um dos verbos, atribuindo-lhes o estatuto de uma função que passaria a fazer parte de uma estrutura circular, onde cada um deles relacionava-se com os outros dois, sempre implicados à uma presença constante com o final da frase – "não é isso" – que se tornaria equivalente ao objeto *a* e que passaria a operar com uma nova função em seu ensino.

Embora a cadeia borromeana possa ser escrita de muitas maneiras, Lacan a apresentou a partir de três anéis planejados, que se tornaram representantes do Imaginário, do Real e do Simbólico, enlaçados a partir de "um ponto-buraco", que se mantém no centro da cadeia sob essa forma de uma tripla escritura de (a).

A presença da cadeia borromeana impulsionou a psicanálise para um novo dispositivo prático, passando a ser olhada através de uma outra lógica e realizando a presença dessa condição permanente de diferentes tipos de GOZO, que se diversificam a cada momento, na análise. Aqui, de início, já é importante fazer essa diferença entre o gozo e o prazer, pois se o *princípio do prazer* pode guardar uma posição acomodada, aproximando-se de um temor a gozar, o gozo é o oposto de um bem estar e como dizia Lacan, "é uma instância negativa (...) não serve para nada"⁷.

Assim, sob essa condição que retorna sempre como sofrimento para o Sujeito, no pensamento e no corpo que o sustenta, quer seja de um bebê, de uma criança, de um adolescente, de um adulto, ou de um idoso, não importando onde o Sujeito esteja, se no sertão ou na Torre Eiffel, essa diversidade de gozos o contamina através de diferentes tipos de manifestações e afetos, mantendo-o sob um estigma que o lança numa errância das variantes do seu destino.

Dessa maneira, alguns destes diferentes gozos que afetam o Sujeito, de uma forma permanente e contínua, no curso de sua existência, eles podem ser identificados, na análise, a partir dessa escritura da cadeia borromeana, quando aparecem inscritos nas intersecções dessas três consistências do I R S, como três campos de Gozo:



⁶ LACAN, Jacques [1977]. Seminário XXIV: *L'Insu que sait de l'une-bévue s'aille à mourir*, aula de 15/02/1977. Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

⁷ LACAN, Jacques [1972]. Seminário XX: *Mais, ainda*. Aula de 12/12/72. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.11.

- Entre o Simbólico e o Real inscreve-se o Gozo Fálico [G (Φ)], que embora tenha sido identificado por Lacan como um “gozo fora Corpo”, ele corresponde a um tipo de manifestação que afeta o Sujeito sob uma “condição anômala” que se mostra na fala e na própria cena sexual. Assim, a partir de pedaços do Real que ocupam diferentes referências mnésicas da *hystória* do Sujeito, participando de suas construções fantasmáticas que são contaminadas de gozo, que só poderão ser identificados e avaliados de uma maneira retroativa, durante uma Análise. Aqui, deve-se considerar, ainda, que o Momento de Concluir interfere no Tempo para Compreender e vai determinar o Instante de Ver, as causas destes efeitos de gozo que aparecem nos sintomas, nas manifestações somáticas e, sobretudo, vou insistir, em relação ao próprio Saber inconsciente que o Sujeito inventa e o determina. Dessa maneira, falar de amor, de ódio, de sexo, do que se deseja e, mesmo não importando o que se diga, todas estas condições guardam sempre essa forma de gozar, que servirá também como uma suplência para essa impossibilidade de se escrever a proporção sexual entre o Homem e a Mulher, embora não seja algo que harmonize de uma maneira consistente a relação entre eles.

- Entre o Real e o Imaginário inscreve-se o Gozo do Outro [G (A)], que corresponde a um “gozo fora linguagem”, como um gozo do Corpo, como um gozo do Outro sexo e, mais ainda, como um “gozo de a-vida” e um “gozo de a-morte”.

- Entre o Imaginário e o Simbólico, Lacan aludiu a uma homofonia no francês, entre *jouissance*, *jouis-sens* e *jouis sens* (*gozo, gozo sentido e eu ouço sentido*), colocando essa noção do sentido também sob o efeito de gozo, como um Gozo-Sentido que afeta sempre o Sujeito, quando procura organizar o que fala.

Além destas três manifestações de gozo inscritas nas intersecções da cadeia borromeana, pode-se identificar mais um lugar de gozo que se presentifica no buraco central da estrutura borromeana, que Lacan o concebeu, de início, como o resultado da sobreposição dos três anéis, do Imaginário, do Real e do Simbólico, chegando a nomeá-lo como um “triplo buraco”. Em seguida, ele redefiniu essa noção do buraco central da cadeia borromeana a partir de um efeito desse somatório de *Lalingua*, que através de uma “forclusão primitiva” viria produzi-lo como uma condição necessária para o próprio enlaçamento destas três dimensões, construindo a estrutura borromeana. Num primeiro momento desse desenvolvimento da cadeia borromeana, ele

inscreveu nesse buraco central o objeto *a* sob essa condição de mais-gozar. Mais adiante, ele substituiu o objeto pelo próprio Sujeito, tornando-o o “objeto da Psicanálise” e com a função de um “artesão”. Assim, o Sujeito passou a ser concebido como “uma resposta do real”.

Aqui, além destes campos de Gozo apresentados, pode-se identificar a partir da prática da análise, outras manifestações gozosas que se presentificam como:

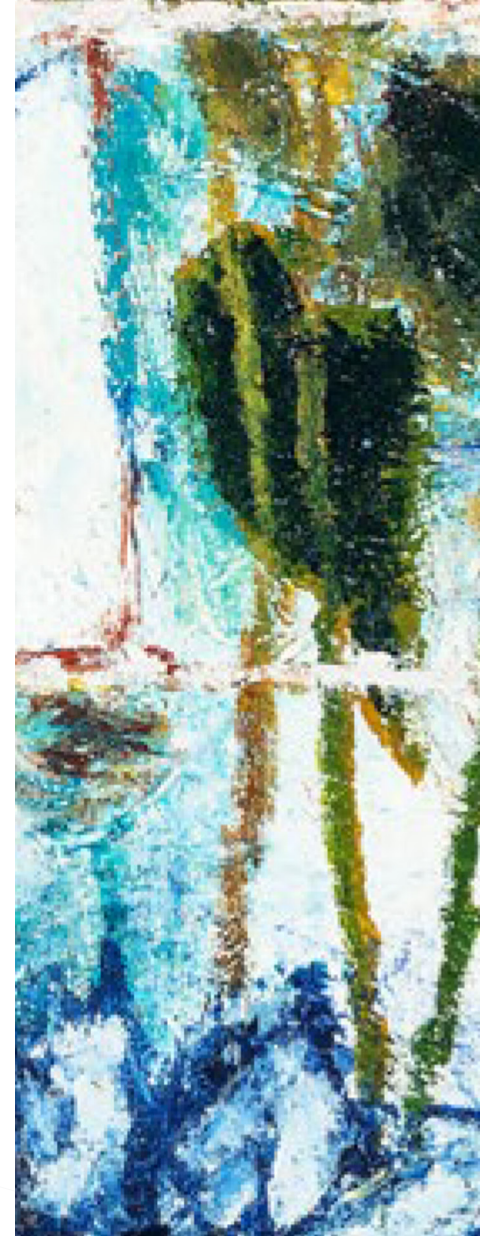
- um *gozo originário* que se manifesta como um efeito da própria condição desse somatório de *Lalingua* e que mantém o Sujeito sempre numa posição sofrida e culpada, como referi mais cedo;

- um gozo que se manifesta a partir de algo que decorre de uma posição relacionada a uma Lei do Pai, que não repercute na questão do Direito e da moral, mas como uma “*pai-versão*,” que guarda uma condição que mantém o Sujeito na dor de sua ex-sistência e na impossibilidade de encontrar esse objeto causa do desejo, que o movimenta do mal ao pior;

- um *gozo não-todo* e suplementar da mulher, como um gozo feminino que faz valer o amor, como uma suplência da relação sexual, já que o gozo fálico fracassa em unir o Um ao outro; aqui, mais uma vez, vou incluir nessa mesma onda, o *ódio e a ignorância*.

- ainda, uma diversidade de gozos que se manifestam a partir dessa dimensão do Simbólico, pois sempre que se fala, se goza.

Com efeito, essa incorporação realizada por *Lalingua* através da cadeia borromeana, opera uma clivagem radical entre esse gozo originário e absoluto que determina essa condição trágica na ex-sistência do Sujeito e, em contra partida, possibilita também que se produza uma condição possível para que ele possa inventar outras condições gozosas que venham minimizar essa condição inicial, que tende a consumi-lo e que está no princípio de sua própria abolição. Como histórico, ele procura se afastar do objeto com asco e com nojo, como obsessivo, mantém um receio de que o objeto possa engoli-lo, cagá-lo, cuspi-lo; ainda como o perverso, que força o gozo do outro, seu semelhante, para despertar o desejo e gozar também com isso e, por fim, o psicótico que paga um preço maior por isso, pois muitas vezes fica impossibilitado de sair dessa condição de gozo, mantendo-o num sofrimento devastador, pois para que esse efeito apaziguador possa acontecer, deve-se considerar a importância da função paterna que procura interditar esse gozo primitivo, equivalente ao



pecado original e a culpa que isto causa.

Mais uma vez, quero insistir que estas manifestações diversificadas de gozo que mantêm o sujeito sob uma condição de sofrimento, no curso de sua ex-sistência, provoca-lhe um estigma que o lança numa errância das variantes do seu destino, sob condições que só poderão ser identificadas e avaliadas no curso de uma *Análise em Intensão*.

Assim, no curso de uma análise, o Sujeito sustentado pelo analisante é convocado a produzir leituras desse saber que existe no Real, obedecendo a uma *ética do bem-dizer*, que não se trata de dizer o belo e o bonito, nem mesmo manter qualquer relação com a eloquência e a retórica, desde quando em associação automática, ele terá sempre suspenso qualquer noção de valor naquilo que diz. Portanto, na análise, quando o Sujeito fala de algo que se esconde atrás do que é dito, produz algo que se mantém sempre dividido entre uma meia-verdade do que é *dito* e um saber que adquire o estatuto de um *dizer*, que se presentifica para ele como um enigma a ser decifrado. Além disso, essa fala do Sujeito tende a produzir efeitos do Imaginário com o espelhismo do amor, do ódio e da ignorância, do Simbólico, com as vicissitudes do desejo e, sobretudo, com efeitos do Real, em que vai

implicar de uma maneira mais consistente a presença do gozo, produzindo consequências sobre a vida e a morte.

Portanto, a partir das ressonâncias sonoras que se implicam na fala do analisante, com manifestações localizadas e pontuais de gozo, isso possibilita que se capte sempre, na análise, um "efeito Sujeito", em ato⁸, com suas diferentes formas de heteridade, se neurótico, perverso, psicótico, ou com outras manifestações. Condições diversificadas de gozo que podem impulsioná-lo a realizar "atos", como acting-out, ou mesmo, a procurar realizar algumas vezes esse ato bem sucedido, de uma passagem-ao-ato, que tende a finalizar muitas vezes com o sucesso de um suicídio, obedecendo à essa função do objeto *a*, de se deixar cair no buraco.

Dessa maneira, o Sujeito deve ser convocado, na análise, a procurar identificar as diversas ressonâncias entre o que diz e os gozos que afetam seu pensamento e o corpo que o sustenta com sofrimento e dor, e que ele não consegue abandoná-los com facilidade. Vou insistir sobre isso, pois no curso de uma *Análise em Intensão*, o Sujeito deverá aprender como produzir um saber que é realizado através de diferentes "fixações" que possam dar conta do sexo, da vida, da morte, dos enigmas de sua ex-sistência e cada vez que uma destas "fixações" seja enunciada, um novo ato poderá ser fundado, possibilitando a que ele reescreva elementos de sua *hystória*, podendo tornar seu sofrimento menos devastador e mais suportável.

Aqui, ainda, deve-se considerar que a cadeia borromeana fazendo matéria, fazendo suporte para o Sujeito pensar, ele guarda uma ignorância sobre isso que retorna para ele sem seu controle, levando a prática da análise a caminhar numa direção sempre ao contrário daquilo que se desenvolve na cena social, como um gozo prometido pelo Outro, que nem mesmo existe. Ou ainda, na contra mão de auxílios paralelos que possam apagar de uma forma ilusória estes efeitos estruturais, como os neurolépticos, ansiolíticos, antidepressivos e mesmo o uso de outras drogas, além da oferta maciça dos *gadgets*, das adições, mesmo formas idealizadas de diferentes psicoterapias e, sobretudo, com a presença das religiões. Diferentes condições que criam a ilusão de um apacimento destes diferentes tipos de gozo que afetam continuamente sua ex-sistência.

Assim, na análise, o Sujeito como um artífice é convocado a produzir seus artesanatos, com o que vai dizendo ou fazendo, inclusive de que possa inventar o próprio saber inconsciente que o determina, para minimizar os efeitos devastadores destes diferentes

tipos de gozos que o afeta. Vou insistir sobre essa questão, considerando a psicanálise como uma prática discursiva que busca levar o Sujeito a produzir algo como uma defesa a estes diferentes gozos que, em última instância, se manifestam sempre como gozo no corpo que o sustenta.

A partir destas proposições pode-se inferir que a prática da análise não se propõe a curar o sujeito de seu sofrimento e de suas dores, mas de retificá-lo. A procurar recolocá-lo numa posição em que possa sofrer menos em função daquilo que o afeta de diferentes maneiras e que tende sempre a se repetir.

Dessa maneira, podemos considerar que, se de uma forma descritiva o que vem primeiro para o humano é o Simbólico, na prática da análise, o que vem primeiro para o Sujeito sustentado pelo analisante é a presença desse Outro Real da linguagem, que não só mantém um buraco em sua estrutura, como vai guardar como enigmas, a condição de sua origem, da posição sexuada a ser definida, de valores da vida e da morte, do desejo e, sobretudo, de um drama singular carregado de gozo, que ele terá que dar conta, proporcionando essa condição que Lacan chegou a nomear de horror. Algo que o acomete deste cedo e que ele terá que inventar condições que possam fazer limites a estes sofrimentos.

Assim, o Sujeito diante dessa condição de horror proporcionado pelo Imaginário, Simbólico e, sobretudo, pela presença de um saber no Real, ele deverá funcionar como um artesão, tornando-se responsável em fiar, tecer, fazer malhas, inventando um *saber-fazer com o objeto a* a partir de diversas *fixações*⁹, ou *fissões*, como referi antes, com cada uma delas sempre diferente da anterior, podendo modificar estes efeitos de gozo que produzem seus sofrimentos, no corpo que o sustenta e no pensamento e, ainda, que causa sua culpa, estabelecendo para ele, um consentimento para o mal. Algo que vinha despertando uma "fome de morte", ou mesmo um "apetite do desejo de morte", a partir das relações que vai desenvolvendo com diferentes pedaços do Real, como aparece no curso da análise.

A partir da cadeia borromeana, Lacan veio abordar as diferentes realidades que fazem parte da existência do Sujeito, não mais relacionada ao fantasma fundamental, mas a partir do próprio somatório de *Lalíngua*, como um aparelho de gozo. Essa invenção que referi acima, deverá suprir algo deste buraco que faz *turbilhão*, na estrutura e como dizia Lacan: "*nós inventamos um truque para preencher o buraco, aí onde não há relação sexual, isso faz "trumatismo" ("troumatisme")*", *inventa-se*"¹⁰.

Com efeito, o *Sujeito*, no curso da análise, realiza seu trabalho procurando "se-fazer-Ser" por suas obras, por seus adornos, por seus amores e ódios, se fazer uma posição sexuada, buscando uma condição em que os adereços possam recobri-lo, consolidando seu Eu, para que possa se ver belo¹¹. Ao evocar essa condição de "se ver belo", Lacan joga com uma polifonia, no francês, entre os significantes, "escabeau" (escabelo), "Thessecabeau" [incluindo o (h) e o *esse*, de l' être, do "Ser belo"], "hissecroibeau" ("para se elevar belo") e, ainda, "il se croit beau" ("ele se crê belo"), para mostrar que o Sujeito ao ser recoberto por diferentes adereços passa a se olhar de diferentes maneiras¹², com uma determinada estatura para poder amar e poder odiar e, ainda, para se fazer amar e, também, se fazer odiar.

Portanto, este *se-fazer-Ser* não trabalha mais a fundo perdido e, assim, precisa ser ouvido, para possibilitá-lo a sair da apatia, da sonolência que o deixa preguiçoso e ronronando, na ilusão de um prazer. Por isso mesmo, o princípio que sustenta a análise está na lei que intima o Sujeito a não se manter adormecido e nem guardando uma ilusão de que sabe o que diz, como isso que o afeta como um sonífero, cada vez que tenta arredondar o sentido do que fala.

No final de seu ensino, Lacan evocou, ainda, a importância dos adornos e das aparências, para o corpo que sustenta o Sujeito, relacionando-os a um tipo de "cosmetologia, cosmeticulosa" que se tornaria capaz de produzir um Discurso que não mais mantivesse uma correlação entre exterior e interior, mas que viesse revelar a importância dos adornos e das aparências, elevando a Psicanálise à categoria de uma estética¹³.

Assim, o *Sujeito* como um artesão, passaria também a desenvolver um "saber-fazer" ("savoir-faire") com *Lalíngua*, tornando-o capaz de produzir seus artesanatos e que através desse "saber fazer" ("savoir faire"), ele pudesse "ler de um outro-modos" aquilo que diz, a partir de mensagens que chegam dele mesmo para ele mesmo, de uma forma invertida, e que o possibilite a desenvolver relações não só mais convenientes com o objeto causa do desejo e apetitivo de gozo, como também a inventar os sintomas e outras manifestações que comprometem sua ex-sistência e, sobretudo, vou insistir, a que possa inventar o Saber inconsciente que o determina, para

⁸ Neologismo introduzido por Lacan, que joga com a homofonia de ficção e fixação.

⁹ LACAN, Jacques [1974]. Seminário XXI: *Os não-tolos vagueiam*. Aula de 19/02/74. Publicação do Espaço Moebius, 2016, p. 143.

¹⁰ Nesse período, quando Lacan refere-se ao "Ego, não é equivalente a instância do Eu (Moi), da segunda tópica de Freud e que ele desenvolve a partir do Estádio do Espelho, mas de um elemento que ele inscreve na cadeia borromeana (Ver a aula de 11/05/1976, do Seminário XXIII, O Sinthoma).

¹¹ LACAN, Jacques [1975]. *Joyce avec Lacan*. Paris: Navarin Editeur, 1987, p. 31.

¹² LACAN, Jacques [1974-75]. Seminário XXII: RSI. Aula de 8/4/1975. Publicação interna da Association Freudienne Internationale, p.136.

descobrir como se desembaraçar (“savoir y faire”) dos efeitos dos gozos que o afeta, de uma maneira contínua, persistente e que tendem a ser devastadores em sua ex-sistência.

Por fim, se o Sujeito não encontra meios de se proteger destas condições que o compromete a partir do Imaginário, do Real e do Simbólico, sua tendência é responder com mudez, cegueira e surdez, em diferentes momentos de sua vida e podendo encaminhá-lo para sua morte. Portanto, numa posição oposta a isso, a análise deve seguir a lei, em que o analista sob essa função de um *rhetorificador*¹⁴, vai possibilitar ao analisante desenvolver também um *saber alegre*, contra este inferno que é o saber no Real¹⁵, que o afeta no pensamento e no corpo que o sustenta e, assim, possa ajudá-lo a amar o inconsciente que ele inventa e o determina.

No final da análise, o Sujeito descobre que se serviu do Pai, para inventar seu próprio Nome, como algo que é dele mesmo e não do Outro, um Outro que nem mesmo existe, mas que esteve sempre presente e responsável por sua forma de gozar. Dessa maneira, identifica essa presença do gozo sob uma condição autoerótica, descobrindo que não pode unir nesta dimensão em que vive, um Um ao Outro, nem mais responsabilizar esse Outro pelo que lhe acontece e que o mantém em busca dessa contra mão de auxílios paralelos, para aplacar de uma forma Imaginária estes efeitos devastadores do Real.

Dito de outra maneira, desde que o Sujeito está alienado a esse somatório de *Lalíngua*, revelado através da escritura da cadeia borromeana, cada um, mesmo contra sua vontade, vai estar sempre implicado a uma dívida à função paterna. Uma condição que guarda essa hierarquia nos significantes Nomes-do-Pai, que instaura a lei e busca interditar esse gozo absoluto, imaginariamente possível entre o Sujeito e o grande Outro, que nem mesmo existe.

O gozo, portanto, sob uma dimensão do Real que se mantém impossível de ser dito e que só poderá ser identificado, na análise, a partir das próprias “fixações” construídas pelo *Sujeito*, ele tende a colocar a vida, a morte, o desejo, o sexo, entre muitas outras condições da *hystória* do Sujeito com efeitos tragicômicos para sua ex-sistência.

Como referi a pouco, a análise opera por caminhos diferentes daqueles estabelecidos pelas Ciência, pelas

religiões, pela magia, pela sorte e mesmo pela ordem médica. Para esse Ser-de-linguagem-e-de-sexo, ele é sem substância e sem representação e, por isso mesmo, não corresponde a uma pessoa, a um indivíduo, nem mesmo ao Eu, ou a qualquer interlocutor com o qual se procure estabelecer relações interpessoais. É um ser mental que passa a ser sustentado por um corpo, que mantém sempre presente as consistências do Real, Simbólico e Imaginário. Assim, se para a ordem médica, para as ciências e, mesmo na Cultura, existe uma hipótese de que essa unidade funcional chamada corpo seja natural, que se nasce com ele e, ainda, que ele possa ser manipulado e examinado na clínica, como uma extensão no espaço, para a prática da psicanálise, não é disso que se trata. Portanto, o corpo não se superpõe à noção do organismo, nem pode ser inferido através de uma observação direta com sua anatomia e fisiologia.

Assim, pela implicação que o corpo mantém com esse somatório de *Lalíngua*, como se mostra através da cadeia borromeana, ele, desde cedo, adquire outra anatomia e é construído num tipo de espaço mental, ou melhor, num espaço topológico em que sofre efeitos permanentes destas três dimensões do RSI. Trata-se de um corpo do Imaginário, de um corpo do Real e de um corpo do Simbólico enlaçados de uma maneira permanente, sem qualquer noção de uma complementaridade entre eles e, ainda, sendo sustentados pela presença de *mais um corpo*, como tenho sugerido. Portanto, é nesse *mais um corpo* que estas diferentes manifestações de gozo operam, já que em última instância será sempre no corpo que sustenta o Sujeito que se realiza esse efeito de gozo.

Vou encerrar por aqui, agradecendo a presença da todos e que possamos aproveitar muito bem estes dias de nossa Jornada. Até breve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, Jacques [1966]. *Apresentação das Memórias de um doente dos nervos*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.219.

LACAN, Jacques [1967]. Seminário XIV: *La logique du fantasme*, aula de 10/5/67. Paris: Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques [1971]. Seminário XIX: *Le savoir du psychanalyste*, aula de 04/11/1971. Paris: Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques [1972]. O seminário, livro 20: *Mais, ainda*. Aula de 12/12/72. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.11.

LACAN, Jacques [1973]. *L'Étourdit*. In: Scilicet 4, Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques [1974]. Seminário XXI: *Os não-tolos vagueiam*, aula de 19/02/74. Salvador: Publicação interna do Espaço Moebius Psicanálise, 2016, p.143.

LACAN, Jacques [1974-75]. Seminário XXII: *R.SI*. Aula de 8/4/1975. Paris: Publicação interna da Association Freudienne Internationale, p.136.

LACAN, Jacques [1975]. *Joyce avec Lacan*. Paris: Navarin Editeur, 1987, p. 31.

LACAN, Jacques [1977]. Seminário XXIV: *L'Insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Aula de 15/02/1977. Paris: Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

LACAN, Jacques [1977-78]. Seminário XXV: *Le moment de conclure*, aulas de 15/11/1977 e 14/04/1978. Paris: Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

¹⁴ LACAN, Jacques [1977-78]. Seminário XXV: *Le moment de conclure*, aula de 15/11/1977. Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

¹⁵ LACAN, Jacques. Idem, aula de 14/04/1978.



UMECODISTANTE - *“Can you bear me Major Tom?”*

MARDONIO COELHO

UM ECO DISTANTE - "Can you hear me Major Tom?"¹

Mardonio Coelho²



RESUMO

O texto aborda, através da topologia do nó borromeano e dos quatro discursos mais o discurso do capitalista, a questão do sujeito frente à proposta de gozo do laço social neoliberal, chamado por Lacan de discurso do capitalista, que se desenvolve a partir de uma torção do discurso do mestre. Do ponto de vista clínico, isso representa o surgimento de novas formas de gozo que aproximam o sujeito do apagamento da falta-a-ser e dos limites da castração como balizas do desejo e do gozo. O texto traz ainda um fragmento de caso clínico.

Palavras-chave: Sujeito. Castração. Gozo. Discurso do capitalista. Adicto.

ABSTRACT

The text addresses, through the topology of the borromean rings and the four discourses plus the capitalist discourse, the issue of the subject facing the proposal of jouissance of the neoliberal social bond, called by Lacan the capitalist discourse, which develops from a twist of the master's discourse. From a clinical point of view, this represents the emergence of new forms of jouissance that bring the subject closer to the erasure of lack-of-being and the limits of castration as beacons of desire and jouissance. The text also contains a fragment of a clinical case.

Keywords: Subject. Castration. Jouissance. Capitalist discourse. Addict.

GOZO E SUJEITO

O sujeito é causado como resposta do real ao corte que sofre da linguagem. O gozo é o que fica para trás, perdido como pagamento, no advento do sujeito (\$). É aquilo que se perde do ser nesse vir à luz. Estamos aqui falando da dobradiça que Freud enuncia "Wo Es war, soll ich werden?" (FREUD, 1996). Esta é a lógica do advento do sujeito (\$) como falta-a-ser, mas qual o preço desse advir como sujeito de linguagem? Qual

o preço a pagar por essa superfície moebiana de vida e morte, já que a vida do sujeito está na morte do ser (no simbólico)?

O que se perde, em primeira instância, é uma libido "irrepreensível", diz Lacan (1985), no Seminário 11; a libido perfeita, que é perdida a partir da reprodução sexual. É necessário um outro para essa reprodução, introduz-se a diferença, o desencontro, a falta de "rapport sexuel", o sujeito não "se pare" a si próprio, não se reproduz a si mesmo, e sua morte é pressuposta pelo fato de sua descendência. Essa perda é a primeira incidência da falta-a-ser e, porque a sexualidade está nos desfiles do significante, em última instância, perdemos o organismo para a pulsão – um corpo (real, simbólico, imaginário), esse grito que dá a estrutura na chegada do sujeito. É onde o gozo chamado *do ser* fica para trás.

Então, o gozo é algo que o sujeito perde, equivale à queda desse objeto que cai do seu corpo, mas que fica no centro da estrutura, como registro da posição em que o sujeito chega a ela – objeto para o Outro. Ali, no centro do nó, o objeto *a* turbilhona a ex-sistência, pois atesta um menos de gozo do sujeito, como perda, e um mais de gozo que o corpo busca, quando perdemos a cabeça (o sujeito acéfalo, da pulsão) – uma vertigem para aqueles que se aproximam muito d'Isso.

Como vem a ser, então, que, nos tempos atuais, o sujeito pode gozar de uma modalidade de gozo que coloca em xeque aquilo que entendemos como sendo o que dá sustentação ao desejo sempre insatisfeito – o estandarte do sujeito neurótico, a castração? De um lado, o sujeito paga com o gozo pelo desejo e pela falta-a-ser, ao fazer sua escolha forçada pelo campo do Outro. Por outro lado, agora, em nosso tempo – após o tempo de Freud (o tempo do neurótico bem caracterizado por seu sintoma), nos perguntamos: qual será o preço, para o sujeito, de tanto gozo? Antecipo a ideia de que o próprio sintoma, ou o seu caimento como traje por excelência, do sujeito, pode ser uma das "formas de pagamento" pelas supostas novas formas de gozar na contemporaneidade. Pagamos com o sintoma? Bem, não mais com a produção de sintoma como elemento simbólico, significante que representa o sujeito, mas com a sua

¹ Trabalho apresentado na XXXII Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em novembro de 2023.

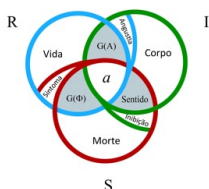
² Psicanalista, Fortaleza (CE), coelho.mardonio@gmail.com

substituição, quando o sujeito, assado pelo objeto *a* e pelo gozo, passa a produzir eventos, em ato, ou no corpo, em vez de sintomas.

A QUESTÃO DO NÓ

No nó borromeano, o gozo fálico e o sentido são formas “civilizadas” de gozo, ainda relacionadas ao eu, ao prazer e à busca de um sentido da vida. São gozos civilizados, parciais, não elidem a castração – a condição da falta-a-ser. Mesmo o gozo do Outro, mítico, mas, supostamente do Outro, tanto no sentido do genitivo objetivo – como se o corpo do Outro pudesse ser gozado por inteiro (e não aos pedaços), quanto do genitivo subjetivo – na suposição de um ente que gozasse de tudo, ainda assim, não seria todo – um gozo Um, porque é um gozo impossível, uma nostalgia do ser. Por ser impossível e mítico não pode ser dito, é um gozo fora da linguagem – não todo fora, lembremos, é um gozo que, se não está divorciado da linguagem, está para além dela. Aqueles do lado feminino, os místicos também, os adictos de verdade, todos eles se esforçam para dizê-lo, mas não têm palavras.

Essas três modalidades de gozo consideradas – o gozo fálico, o gozo do Outro e o sentido, cada um deles é sempre partilhado por dois dos três registros da experiência humana (R.S.I.), ao mesmo tempo em que um terceiro registro fica sempre de fora, porém, estabelecendo um limite. O nó se movimenta, se articula, então, a superposição e a extensão dessa zona podem ser maiores ou menores, dependendo dessa articulação, mas encontra sempre o seu limite na presença do terceiro registro excluído nesse gozo. Isto é, não se trata, ali, nessas três possibilidades, do gozo que se perde, que é interdito. Assim, o gozo em cada uma dessas zonas nunca é o gozo do qual o sujeito se separa para se constituir como falta-a-ser, não é fora do nó, da estrutura, não é o gozo do ser.



EXCETO NO TRISKEL

No triskel, onde fica o objeto *a*, por mais que se movam os anéis do nó, por mais que se os repuxe, por mais que se aperte o triskel, ele jamais se fecha. O triskel é irreduzível a zero, ele não é um ponto na geometria euclidiana, onde um ponto não tem medida alguma. O triskel é por onde a promessa de

sujeito entra na estrutura, “em sua maior similitude ao objeto”, para advir como sujeito da linguagem. É por lá também que ele pode se perder da estrutura se fazendo objeto outra vez. Não é essa, afinal, a vertigem da Tiquê, embora fugaz?

Então, como gozo, ali, no triskel, o objeto *a* estará todo, sempre, comprimido ou expandido. O objeto *a* é um fragmento do corpo, mas ele não se fragmenta, ele é sempre todo - todo em si, ele complementa o corpo, o sujeito se torna todo com ele. Essa é a condição de gozo de um sujeito tornado objeto outra vez. O objeto *a* é um fragmento, mas ele não se fragmenta. Então, no centro do nó, ele “*monstra*” o Gozo, aquele que é perdido. Ele tanto é todo em si, como ele completa a falta-a-ser do sujeito, ele completa o corpo e completa a alma. A falta-a-ser do sujeito advém do enodamento do real com o simbólico, a partir de um corte deste sobre aquele, onde o real do corpo vai encontrar um modo de inscrição, a partir do significante fálico, que permitirá ao sujeito escapar de uma condição toda realizada, como objeto para o gozo do Outro. É o que permite a cada um falar, ascender à linguagem, e, ao mesmo tempo, perder a condição de ser Um com o objeto. É como um casamento. Por isso, embora ele não tenha dito muitas coisas sobre as drogas, Lacan diz, em 1975: “*no hay ninguna otra definición de la droga más que esta, es lo que permite romper el matrimonio con el pequeño pipi*” (LACAN, 2023). Por isso, o objeto, em sua presença positivada, não mais como falta – causa do desejo, é a realização do *unheimlich*, do estranho, do infamiliar. O sujeito tornado outra vez objeto no turbilhão do triskel.

Pensar assim me permite articular esse gozo – que penso ser o do adicto com a droga, com o objeto *a* que ataca o sujeito no *discurso do capitalista* (LACAN, 1992). Na toxicomania, o sujeito, por uma nostalgia do gozo do Outro, se confunde com o objeto *a* no centro do triskel, se desequilibra em sua borda, e cai no buraco que se desfaz em mero rombo, perdendo a borda onde o sujeito, em suas vacilações na estrutura, se agarrava. Isso nos conduz à questão do gozo na contemporaneidade.

NA CONTEMPORANEIDADE

Até aqui, até o nosso tempo, o gozo (para o sujeito neurótico) está submetido à castração, e, de modo especial, o gozo concernente ao laço social do mestre e ao laço de trabalho do analista, ou discurso do analista (LACAN, 1992). O primeiro, porque tem o sujeito barrado (castrado) no lugar da verdade daquele discurso. O segundo, porque no lugar da produção está o S1, justamente o significante que

implica que, para advir, o sujeito deve reconhecer que a estrutura tem um buraco, falta um significante, a verdade toda não pode ser dita, não é alcançável. Portanto, todo saber que venha a se estabelecer como verdade para ele terá valor de ficção. Tudo está sujeito a não ser como se pensa. Tudo tem que ser inventado num trabalho. Principalmente no que diz respeito à castração, nesse laço de trabalho do analista, o objeto tem o estatuto de um semblante. Dessa forma, o sujeito não poderá copular com ele, consumando o incesto.

$$\begin{array}{ccc} \begin{array}{c} \text{(agente)} \\ S_1 \\ \hline \text{\$} \\ \text{(verdade)} \end{array} & \rightarrow & \begin{array}{c} \text{(outro)} \\ S_2 \\ \hline a \\ \text{(produção)} \end{array} \\ \text{Discurso do Mestre} & & \end{array} \quad \begin{array}{ccc} \begin{array}{c} \text{(agente)} \\ a \\ \hline S_2 \\ \text{(verdade)} \end{array} & \rightarrow & \begin{array}{c} \text{(outro)} \\ \$ \\ \hline S_1 \\ \text{(produção)} \end{array} \\ \text{Discurso do Analista} & & \end{array}$$

Na economia neoliberal, que será nomeada por Foucault³ como *liberalismo americano*, sob o escancaramento e a apologia da mais-valia levada a dimensões faraônicas, o discurso do capitalista “des-civiliza”, barbariza, “rinoceriza” o gozo. Refiro-me aqui ao neofascismo e neonazismo no campo da política e da economia neoliberal, e os microfascismos nas relações pessoais e institucionais, com o outro – as diversas formas de violência, sejam no campo pessoal, institucional, ou social, as guerras são um exemplo.

Uma das mostrações de que, na contemporaneidade, o discurso do capitalista elide essa falta-a-ser é o desinteresse, a inapetência, ou a impotência, que observamos hoje, pelo sexo, pela atividade sexual com um parceiro. O “*rapport sexuel*” não existe, dizia Lacan, mas nós sabemos que, apesar do problema da tradução desse termo, ele se referia à falta de complementaridade entre os sexos, à falta de realização do encontro entre os sujeitos sexuais. Isso não implica que as pessoas não se engajem na atividade sexual entre elas. Ao contrário, o fato de não se realizar o encontro complementar das bandas da laranja é o que manteve a chama acesa entre as pessoas. Não sabemos a chave do enigma do sexo, não alcançamos o gozo almejado com o Outro, mas, por isso mesmo, continuamos a fazer suplência no amor. A relação sexual não existe, dizemos, mas, agora, as relações sexuais também não? O amor não é mais capaz de fazer o gozo condescender ao desejo? A canção “*Je t’aime*”, com Jane Birkin e Serge Gainsburg, não será mais ouvida nesse novo mundo?

³O liberalismo, nos Estados Unidos, é toda uma maneira de ser e de pensar. É um tipo de relação entre governantes e governados, muito mais que uma técnica dos governantes em relação aos governados [...]. É por isso que eu creio que o liberalismo americano, atualmente, não se apresenta apenas, não se apresenta tanto como uma alternativa política, mas, digamos, que é uma espécie de reivindicação global, multiforme, ambígua, com ancoragem à direita e à esquerda. É também uma espécie de foco utópico sempre reativado. É também um método de pensamento, uma grade de análise econômica e sociológica. [...] O liberalismo como estilo geral de pensamento, de análise e de imaginação” (FOUCAULT, 2008, p. 301, aula de 14 de março de 1979).

No gozo proposto pelo laço social neoliberal, no discurso do capitalista, transgredindo o discurso do mestre (LACAN, 1992), estamos diante de um objeto que se presta a uma enganação muito mais competente que a do objeto amoroso, porque a sua promessa e efetiva satisfação são muito maiores, emulam muito mais eficazmente a completude do que o objeto de amor, que sempre fracassa, mais cedo ou mais tarde.

Vamos chamar isso de *latusas*⁴. O mundo está cada vez mais povoado de *latusas*. [...] E quanto aos pequenos objetos a que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa, pensem neles como *latusas* (LACAN [1969-70], 1992, p. 153).

GROUND-CONTROL TO MAJOR TOM...

Essa observação de Lacan é eminentemente clínica, mas leva em conta sua observação do cenário da economia e da ordem de consumo naquele momento. Essa observação diz respeito à relação do sujeito com o objeto causa de seu desejo, que ele chamará por esse enigmático nome de *latusa* (*lathouse*), um objeto que aspira o sujeito e que, em seu interior, tudo o que restará daquele que foi aspirado será um débil ecoar daquilo que o sujeito foi um dia.

O sujeito, como o entendemos a partir de Freud, está em eterna busca por recuperar uma satisfação que não se repetirá. Porém, a partir do momento em que *latusa* intervém, não será mais assim. O efeito do laço social agenciado pelo neoliberalismo elide a castração.



⁴ Lacan produz esse neologismo em seu seminário *O avesso da psicanálise*, em 1970. Na ocasião, faz inúmeras referências que não o tornam menos enigmático. De modo geral, o tomamos como concentrando uma série de referências que indicam uma espécie de objeto sem utilidade e, ao mesmo tempo, de enorme apelo como objeto fabricado para capturar o desejo e promover uma espécie de gozo através do entretenimento, algo que se assemelha ao termo *bugiganga*, em português, mas que se caracteriza principalmente pelo fato de ser produzido por uma articulação entre ciência e o capitalismo de hiperconsumo (que se assemelha à ideia de *gadger*, em Inglês) para capturar o sujeito num efeito de sedução por uma satisfação fugaz, e que, por esse motivo, deverá ser substituído por outro, continuamente. Lacan faz referência à ideia de aspiração do sujeito por *lathouse*, um objeto ventosa (*ventouse*) que captura seu desejo, reduzindo o sujeito a uma condição de objeto. No mesmo trecho do seminário, faz menção à relação desse objeto com a voz – objeto da pulsão, que é soprada por *Latusa* e que, segundo ele, era a última débil relação dos astronautas com o campo da verdade e do não esquecimento, em sua comunicação com a Terra. Ao mesmo tempo, nos indica que, mesmo após tudo ser consumido por *latusa*, ainda poderia restar, do sujeito, no campo da verdade, a voz. Essa passagem me lembra a música *“Space Oddity”*, de David Bowie, que fala de um astronauta perdido no espaço sem comunicação com sua base, quando os mitos chamados, emitidos entre ele - Major Tom - e a base de controle nunca chegaram aos seus destinatários e, por isso mesmo, não obtém resposta. *“Can you hear me Major Tom? Enquanto isso, Major Tom está, como ele mesmo diz, numa voz distante, encoberta por acordes techno. “...floating round my tin can, far above the world. Planet Earth is blue and there’s nothing I can do”* (BOWIE, 1972).

Nesse discurso neoliberal (discurso do capitalista), onde encontramos *latusa* no lugar do objeto, tudo aquilo que constitui o sujeito, como o conhecemos na Civilização, está de cabeça para baixo. O significante mestre (S1) não estará mais na condição de excluído da cadeia, determinando o sujeito e o Outro como carecendo também do significante. No discurso do capitalista, o sujeito poderá recuperar o S1, basta acompanhar as indicações (tanto no matema desse discurso, quanto nas redes sociais, com os *influencers*, no *coaching*). Pode-se saber tudo, dizer tudo, conhecer o nome de Deus, por exemplo, encontrar a Arca da Aliança, como Indiana Jones, ou o Santo Graal, buscado por Arthur e seus cavaleiros da tábua redonda. Aquilo que seria recalçado e inconsciente, a afetar o sujeito, estaria agora prometido ao sujeito abertamente. A Ciência procura esgotar o real, saber tudo. É como se a ciência pretendesse aniquilar a própria falta no Outro; não faltará nada, nem mesmo um significante. Tudo será esclarecido.

Quanto ao objeto, este se arremete num ataque extremamente voraz sobre um sujeito que será um “consumidor consumido” (GOLDENBERG, 1997) pelo seu próprio consumo. Essa classe de objeto (*latusa*) se pretende e se promete ao sujeito como obturador de toda falta, já que sua promessa é de completa satisfação. Em última instância, quando isso se realiza, como acontece com o sujeito adicto, em sua dose final, letal, sua overdose, implica o fim do sujeito, em todas as suas dimensões, inclusive orgânica. Porém, não é, economicamente, viável liquidar, concretamente, o sujeito consumidor, então, o objeto é que será fugaz. Fugaz, porém renovável, sempre em upgrade, renovando assim, também, a sua promessa de satisfação. Dessa forma, nessa relação com o objeto, em que a castração fica elidida, o gozo é magnificado a uma dimensão antes interdita.

UMA PERGUNTA MAROTA

Há muito tempo, uma moça me dizia, deitada no divã: “Doutor, pense na coisa que o senhor mais gosta. Pensou? Pois é melhor, a Dolantina”. Ela era um sujeito adicto⁵ à Dolantina, uma medicação para dor que não se vende em farmácias, só se tem acesso a ela em ambiente hospitalar. Ela ia, à noite, aos hospitais e simulava uma enxaqueca, que ela de fato tinha episodicamente, e através da qual ela conheceu essa medicação. À noite, nos hospitais, ela procurava os residentes mais jovens e, com um apelo sexual do qual ela se revestia, ela levencia os residentes plantonistas de que nenhum remédio, que não fosse a Dolantina, seria suficiente para aplacar a enxaqueca que ela simulava, até que eles a deitassem na maca e aplicassem, intravenoso, o objeto que a completava,

pontualmente, claro; provisoriamente, mas que era capaz, por esse efeito, de viciá-la.

Os residentes enamorados, como D. Juan, davam a ela aquilo que a completava e que a fazia gozar por completo, que era a droga, o objeto que a aguardava no centro do nó, o objeto de sua nostalgia. Em contrapartida, ela os negava aquilo de que ela se revestia para fazer a sua sedução, ela os mantinha insatisfeitos, como uma anoréxica mantém a sua mãe insatisfeita. Negavam a D. Juan o objeto causa do desejo, a mulher, de uma a uma, ela própria como uma que se conta até *“mile tre”*.

Talvez, eu penso, ela não sabia que podia ser uma mulher, e não A mulher. Talvez, ainda, por sua forma de gozar, ela não soubesse que há uma condição de objeto, que pode ser desejável, e, por isso mesmo, não ser irresistível. O certo, se tem algo certo nessas histórias, é que ela não se colocava como desejável, enquanto ela mesma se encontrava acossada por um objeto irresistível.

Essa era a condição que ela repetia na transferência, juntamente com a pergunta: “Pense naquilo que você mais gosta. Pensou?”, para dizer, em seguida: “Pois a Dolantina é melhor”. Há um objeto que é melhor que qualquer outro. Talvez, ela tenha deixado a análise (não sem trabalhar, por um tempo) ao perceber que, ali, o objeto comparece como semblante, na condição de objeto causa do desejo, e, mesmo quando retorna do real, na Tiquê, é apenas para um encontro faltoso e fugaz.

VOCÊ É DESEJÁVEL, VOCÊ É IRRESISTÍVEL?

Esse texto tornou-se, enquanto era escrito para esta XXXII Jornada do Espaço Moebius, de 2023, uma retomada de um texto que apresentei na VII Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em 1997, e publicado em *Topos*, Ano X, N.10, intitulado “Desejável/Irresistível (objeto e sujeito na drogadecção)”. É uma espécie de retorno à questão das drogas e do vício, mas, sobretudo, uma tentativa de articular ideias sobre condições que a Psicanálise em *intensão* nos traz cotidianamente, agora, na contemporaneidade, e que dizem respeito a uma condição de gozo de que o sujeito é capaz diante do objeto (não exclusivamente a droga), a partir de uma posição de adicto, posição essa em que o sujeito se faz objeto e goza de uma unidade consigo mesmo. Essa unidade, na condição de objeto, é destruidora

⁵ [Do Lat. *addictus*.] Adj. 1. Aficionado, dedicado, apegado. 2. Adjunto, adstrito, dependente. (FERREIRA, 1986)

da falta e do desejo que constituem a divisão do sujeito. *Latusa* é, portanto, a condição de qualquer coisa, pessoa, substância, etc que se torna irresistível para um sujeito adicto (*afeiçoado, apegado, adstrito*) que, assim, torna-se incapaz de desejar. Ou, ainda, tomando emprestadas as palavras de Lacan, *latusa* é aquilo capaz de desfazer o matrimônio do corpo com o falo como significante da falta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWIE, David Bowie. Space Oddity. LP Space Oddity, RCA, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel [1978-1979] *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France*. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Trad. Claudia Berliner. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

GOLDENBERG, Ricardo (org.). Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997.

LACAN, Jacques [1964]. O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques [1969-1970]. O seminário, livro 17. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques [1975]. Cierre de las jornadas de estudios de carteles de la Escuela Freudiana. Disponível em <<http://pharmakondigital.com/cierre-de-las-jornadas-de-estudios-de-carteles-de-la-escuela-freudiana/?lang=es>>. Acessado em 20 dez. 2023.



ONDE ESTÁ O PONTO DE PERDA?

ZEILA FACCI TOREZAN

ONDE ESTÁ O PONTO DE PERDA?¹

Zeila Facci Torezan²

RESUMO

No *Seminário 17: o avesso da psicanálise*, temos a proposição de que a entropia, ponto de perda, é a única via de acesso ao que está em jogo no gozo. É pelo saber em trabalho que a entropia se produz (o saber é meio de gozo), trabalho que começa com o emparelhamento com a linguagem, ou com o apalavramento com esse aparelho de gozo. E, é por esse trabalho do saber como meio de gozo que temos um sentido, uma direção para a verdade. A questão que este artigo pretende desenvolver a partir desse norte clínico é: como a entropia, ponto de perda que nos dá acesso ao gozo, tem se apresentado na clínica atualmente? É possível dizer que essa lógica funciona em nossa prática, cada vez mais composta de casos onde esse aparelhamento/apalavramento parece ser deficitário?

Palavras-chave: Clínica psicanalítica. Gozo. Verdade. Transmissão.

ABSTRACT

In *Seminar 17: the reverse of psychoanalysis*, we have the proposition that entropy, the point of loss, is the only way of accessing what is at stake in enjoyment. It is through working knowledge that entropy is produced (knowledge is a means of enjoyment), work that begins with the pairing with language or with words using this apparatus of enjoyment. And it is through this work of knowledge as a means of enjoyment that we have a meaning, a direction towards the truth. The question that this paper intends to develop from this clinical perspective is: how has entropy, the point of loss that gives us access to enjoyment, presented itself in the clinic today? Is it possible to say that this logic works in our practice, which is increasingly composed of cases where this equipment/wording seems to be deficient?

Keywords: Psychoanalytic clinic. Enjoyment. Truth. Transmission.

O título desta Jornada implica e nos convoca a trabalhar sobre particularidades em nossa época a respeito do que denominamos gozo. Está em causa o entrecruzamento do conceito com coordenadas espaço-temporais, ou seja, com os possíveis efeitos da cultura e das transformações sociais sobre o nosso humano ou *falasser*, em sua essência não ontológica de ser de gozo. Partindo desta premissa e de minha prática, acredito ser possível pensar em elementos do contemporâneo que afetam o corpo como substância gozante de forma singular. A este respeito, venho sustentando perguntas e buscando delimitar alguns contornos que vou compartilhar hoje, tecendo o que posso dizer sobre o tema proposto para estes dias de trabalho. Tomo como fio da meada a proposta de Lacan para pensarmos o gozo como um campo e seu desejo de que esse campo fosse identificado como o campo lacaniano.

De quando em quando, meto o bedelho em um bocado de autores que são economistas. E vemos a que ponto isto nos interessa, a nós, analistas, porque se há algo a ser feito na análise é a instituição desse outro campo energético, que necessitaria outras estruturas que não as da física, que é o campo do gozo. ...No que diz respeito ao campo do gozo - é pena, jamais será chamado de campo lacaniano, pois certamente não vou ter tempo sequer para esboçar suas bases, mas almejei isto -, no que diz respeito ao campo do gozo, há algumas observações a fazer (LACAN [1969-70], 1992, p.85).

Pois bem, Lacan indica a necessidade de continuarmos trabalhando sobre as bases esboçadas a respeito deste outro campo energético. Campo para o qual a economia tem algo a contribuir, em especial a partir do conceito de mais-valia que se torna parâmetro para esse outro campo energético, num entrecruzamento fundamental entre economia psíquica e política. Campo definido como central à clínica, tão central que poderia ser denominado de campo lacaniano. Então, como tem se apresentado este campo? Em outras palavras, quais observações temos a fazer sobre o campo de gozo, campo lacaniano, atualmente? Acredito ser a questão de



¹ Trabalho apresentado na XXXII Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em novembro de 2023.

² Psicanalista. Membro fundadora da Associação Livre - psicanálise, em Londrina. Doutora em psicologia pela UFSC e autora de Sublimação, ato criativo e sujeito na psicanálise (2012), pela EDUEL. zeilatorezan@gmail.com

base e, para prosseguir tecendo, tomo mais um trecho do mesmo *Seminário: o avesso da psicanálise*:

De fato, é apenas nesse efeito de entropia, nesse desperdiçamento, que o gozo se apresenta, adquire um status. Eis porque o introduzi de início com o termo Mehrlust, mais-de-gozar... Só a dimensão da entropia dá corpo ao seguinte - há um mais-de-gozar a recuperar. Esta é a dimensão na qual se necessita o trabalho, o saber trabalhando, na medida em que deriva primeiramente, saiba ele ou não, do traço unário, e, em seguida, de tudo o que poderá se articular de significante. É a partir daí que se instaura essa dimensão do gozo, tão ambígua no ser falante, que tanto pode teorizar quanto transformar em religião o viver na apatia - e a apatia é o hedonismo.... Tal saber é meio de gozo. E quando ele trabalha, repito, o que produz é entropia. Essa entropia, esse ponto de perda, é o único ponto, o único ponto regular por onde temos acesso ao que está em jogo no gozo... Isto tem a ver com a estrutura, que se aparelha. O ser humano, que sem dúvida é assim chamado porque nada mais é que o húmus da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavrar com esse aparelho... A partir daí começa o trabalho. É com o saber como meio do gozo que se produz o trabalho que tem um sentido, um sentido obscuro. Esse sentido obscuro é o da verdade (LACAN [1969-70], 1992, p.52-3).

São formulações preciosas por explicitarem o cerne da clínica, da ética da psicanálise e abrirem caminhos para pensarmos uma série de aspectos e dificuldades a cada dia mais frequentes e intensas em nossa prática. Ressonância: é somente com a entropia, com o ponto de perda, que temos acesso ao que está em jogo no gozo. Entropia, ponto de perda que se produz com o saber a trabalho através do emparelhamento/apalavramento de linguagem que é o que gera o nosso humano como húmus da linguagem. A partir daí começa o trabalho, disse Lacan (1992), e eu acrescento... na vida e na análise.

Ao interrogar, no título deste texto, onde está o ponto de perda, indico que não anda muito fácil encontrá-lo ou produzi-lo com o saber trabalhando... E, se o humano nada mais é do que o húmus da linguagem, digo que ando me deparando com um húmus um tanto ralo, talvez pouco fértil... *Humus* em latim significa terra, chão, solo. Uma etimologia possível para humano, definido como um ser

terrestre em contraposição aos seres divinos. Mas, a expressão de Lacan também me leva à definição de húmus em nossa língua: substrato formado na camada superior do solo como produto da matéria orgânica que se decompõe, através da ação de microrganismos. Assim, na falta de material orgânico ou dos elementos necessários para o processo de decomposição na constituição do húmus, temos um húmus ralo, pouco rico. Estaria nosso *falasser* (húmus da linguagem) a falecer? Falindo, enfraquecendo pela falta de material e/ou dos elementos necessários para a (de)composição e operatividade do sistema de *lalíngua*, tal qual um húmus ralo ou um solo (corpo) infértil?

Penso nisso, em especial, a partir de maiores impasses para a entrada e sustentação do dispositivo analítico (indefinição da demanda, dificuldades com a associação livre, com o divã, com a frequência das sessões, com as ondas e ressonâncias da polifonia e da homofonia a partir do que fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve) e de uma fenomenologia marcada pela apatia e ausência de desejo, pelo entorpecimento acompanhado da necessidade de grandes emoções para sentir-se vivo e por um corpo exausto, pesado e doloroso. Na direção desta hipótese de algo peculiar ao *falasser* no contemporâneo, encontrei em *O triunfo da religião* uma passagem instigante:

*Não acho que a psicanálise detenha alguma chave do futuro. Mas terá sido um momento privilegiado durante o qual ter-se-á tido uma medida bem correta do que chamo em meu discurso *falasser*. O *falasser* é uma forma de exprimir o inconsciente (LACAN [1974], 2005, p.72).*

Hoje, habitando e clinicando no aludido futuro da citação acima, cabe a nós verificarmos a medida desta forma de exprimir o inconsciente que é o *falasser*, ao menos é o que proponho e leio nas palavras desta passagem.

Entendo que a psicanálise, sobretudo com Lacan e em especial através da topologia, nos leva à impossibilidade de sustentar referenciais cânones da psicopatologia: o conceito de fronteira, de limites bem estabelecidos e, conseqüentemente, a separação normal/anormal e a certeza diagnóstica. Assim, as delimitações possíveis na clínica são da ordem da borda, da margem, do litoral, sem fronteiras bem definidas. Um exemplo emblemático e didático é o caso do Homem dos Lobos e, com uma posição atenta e sem *aprioris* diagnósticos, não é difícil nos depararmos com mosaicos de

fenômenos e/ou manifestações aparentemente inesperadas em nossa prática. Desta maneira, as inquietações e dificuldades trazidas, desde sempre, pela clínica e muito bem representadas pelas adições, depressões e melancolias, transtornos alimentares, psicossomática... encontram apoio nesta concepção fundamental e muito bem sintetizada por Birman: “Por fim, podemos dizer que na experiência analítica estamos sempre no limiar da borda e na incerteza dos confins”³ (Birman 2023, p.149, livre tradução).

Pensar o limite como estrutural à experiência analítica e não apenas circunscrito a uma espécie de exceção de clínicas denominadas estados ou casos limites, melancolias, neuroses narcísicas, neurastenias, psicoses ordinárias, perversões ordinárias, nova economia psíquica, fadiga crônica, fenômenos de borda, fracassos da fantasia... me parece muito interessante em um tempo onde vai se tornando regra o que outrora tinha ares de exceção. Numa leitura geral, a psiquiatria, à sua maneira, introduziu a questão nos anos 70 com os casos denominados *borderline* e apenas a partir dos anos 90 encontramos diferentes propostas de formalização na psicanálise (como as citadas acima) de situações clínicas que explicitam o fracasso das fronteiras e a necessidade de nos havermos com a noção de limite e com os limites na clínica.

São muitos nomes a partir de teorizações contemplando diferenças significativas, mas também com elementos comuns e frequentes (sem pretensão de universal) que me interessam neste texto e no afazer cotidiano: a dificuldade de entrada e de trabalho no dispositivo analítico associada a um aparelhamento/apalavramento que parece ser deficitário⁴, a apatia, a ausência do desejo, a depressão em alternância à euforia e um corpo pesado e exausto. Sim, todo gozo é no corpo, mas nesses casos o corpo como substância gozante parece estar em curto-circuito em conjunto com uma circularidade aprisionante no nível da demanda, sem alçar o desejo. Esféricizado neste curto-circuito, o corpo parece resistir à letra, às grafias, às cifras que poderiam ser geradas a partir do ponto de perda com o saber a trabalho. Literal que resiste aos efeitos de verdade da letra como furo no saber, por uma certa carência no sistema de *lalíngua* como invariante da estrutura do *falasser*? Afinal, a estrutura é do sujeito e ela se apanha ali onde o simbólico toma corpo, onde a inscrição de uma marca ligada ao sistema de *lalíngua* condiciona as apresentações do sintoma e os diferentes modos de escriturar a falta implicam a singularidade do gozo. (CRUGLAK, 2021)

³ On peut dire finalement que dans l'expérience analytique nous sommes toujours au seuil du bord et sur l'incertitude des confins.

⁴ Chemama (2023), amparado em formulações de Safouan, fala de sub equipagem da linguagem, de uma espécie de redução da linguagem à comunicação.

Um rapaz na casa dos 30 diz que sua vida está um caos. Abusando de drogas, endividado, diagnóstico de bipolaridade desde a adolescência (quando o pai morreu), períodos de intensa depressão. Descreve a mãe como extremamente controladora e o pai como gente boa, não lhe cobrava nada. Como se endividou? Fica em choque com a pergunta, repetindo-a baixinho de formal maquinal. Pega o celular, começa a fazer contas que não fecham... não sabe para onde foi o dinheiro. Quase jubilo na faculdade pelas crises de depressão e ausência de interesse, passa dias no quarto sem fazer nada, se droga sozinho, sente muito cansaço, o corpo pesado e esgotado. Vive do arrendamento das terras que o pai deixou, ganha bem, mas não quer ser identificado como um produtor rural, embora não saiba dizer o motivo (de fato não é, arrenda as terras e não produz). Tenta um negócio próprio no comércio, mas não quer fazer isso também. Não quer abrir mão do que chama seu estilo de vida: não ter horários regulares, poder viajar, ter dinheiro sem trabalhar. Além do mais, a bipolaridade não lhe permitiria ter um trabalho normal com horários e tarefas a cumprir. Em uma fala, troca a palavra precavido por precário, tento fazê-lo escutar o lapso, claramente associado ao que dizia sobre sua vida, absolutamente em vão: “nem sei o que é precário, eu disse precavido”. Em outro momento, me pergunta: “Você tem mais pacientes assim, tão perdidos quanto eu? Ou sou uma exceção?”

Um pequeno e exemplar recorte para compor a minha trama, enfatizando que a novidade é, exatamente, o declínio do caráter de exceção destes casos a cada dia mais frequentes e, digamos, graves. Chamo a atenção para a expressão “estilo de vida”, do qual ele não quer abrir mão e retomo uma frase de Lacan acima citada: “É a partir daí que se instaura essa dimensão do gozo, tão ambígua no ser falante, que tanto pode teorizar quanto transformar em religião o viver na apatia - e a apatia é o hedonismo” (LACAN [1969-70], 1992, p.53). Não seria a apatia uma das formas de gozo característica de nossos dias? Tanto a clínica quanto os estudos sociológicos parecem apontar para isso, vide os “nem-nem” ou o *tang ping* (ficar deitado), frutos óbvios e paradoxais do neoliberalismo desenfreado. Apatia que se espalha por uma ex-istância cada vez mais amorfa.

Em *A Terceira*, temos a vida localizada no Real, pois “depois desse termo vago que consiste em anunciar o gozo da vida, da vida não sabemos nada mais” (LACAN [1974], 2002, p.67). Proponho ler o “estilo de vida”, do exemplo clínico que trouxe, como estilo de Real. Estilo de Real dominante, amplificado, em contraposição à diminuição do simbólico (onde

Lacan localiza a morte), do saber inscrito de *lalíngua* que constitui o inconsciente. Parece uma boa medida contemporânea de nosso *falasser* (húmus da linguagem e forma de exprimir o inconsciente) e um indicador para as dificuldades com a linguagem, com a sustentação do dispositivo analítico, com o saber a trabalho e seus pontos de perda que permitam alguma grafia do gozo.

Um segundo ponto que destaco neste recorte (também por não se configurar como exceção, embora com diferentes apresentações) é a descrição da mãe controladora, dominante, e do pai amigo e permissivo. Em uma palavra, que amplia a possibilidade de diferentes descrições destas funções, uma toda-mãe e um *frater*-pai. Nenhuma alusão ou saudosismo do patriarcado, que já vai tarde, pois Lacan já afirmou que o mito do Édipo não é um reflexo do patriarcado:

Ele nos evidencia por onde a castração poderia ser tomada por uma abordagem lógica, e de um modo que eu designaria como numeral. O pai é não apenas castrado, mas castrado justamente a ponto de ser apenas um número... Esse zero é absolutamente essencial a qualquer referencial cronológico natural. E assim compreendemos o que significa o assassinato do pai (LACAN [1971], 2007, p. 162).

Então, o destaque para a toda-mãe e o *frater*-pai é apenas uma constatação, através das ficções e dos mitos atuais que a clínica nos traz, da ausência ou empobrecimento do que pode funcionar como terceiro, como instância terceira necessária para a saída da dualidade, do especular alienante e aprisionador ao nível da demanda, incapacitando alçar o desejo e a referência fundadora que o zero proporcionaria. E friso que não se trata de uma visão romântica do desejo que, como diz Aurélio Souza, leva ao pior. De acordo, mestre, já aprendi esta lição... Mas, ao menos leva a algum lugar. O que quero apontar é que sem o desejo há paralisia, reina a apatia, o tédio, o entorpecimento e/ou o frenesi e a euforia como tentativas desesperadas, fracassadas e estabanas de movimento.

Uma pequena e precisa observação de Melman me ajuda a sustentar a ideia acima: “No passado, as pessoas vinham ao analista em função de desejos impedidos, interditados, impossíveis. Hoje, com os jovens que vejo, é absolutamente o inverso. A questão deles é: eu gostaria muito de saber o que é o meu desejo”⁵ (MELMAN, 2022, p.50, livre tradução). E, se o Dr. Melman me permite, acrescento: estão

impedidos de produzir esse saber, o impedimento persiste, mas em outro nível. No grafo do desejo, se o circuito inferior, imaginário, se torna um circuito fechado (curto-circuito), sem conexão com a cadeia superior, o eu fica capturado nas significações, repetindo a demanda de forma inesgotável, frenética e alienante. No exemplo que trouxe, “eu sou bipolar” era a significação que fixava e amparava seu estilo de vida (sem vida).

Acredito que mais um elemento fundamental para a medida contemporânea do *falasser* que venho tentando tecer diz respeito a outro ponto de perda, ponto inaugural do húmus da linguagem. Refiro-me à oferta da própria morte como o primeiro objeto que o sujeito põe em jogo na dialética do desejo, frente ao enigma do desejo do Outro. O império da apatia, do estilo de Real que coloca a vida concreta constantemente em risco, não indica também uma fixação neste ponto de não perda? Uma perda que não se efetiva e, portanto, não se inscreve como falta. Marca fundamental para que a repetição possa operar na produção da entropia, do ponto de perda que, em transferência, nos permite colocar o saber a trabalho e ter acesso ao que está em jogo no gozo, permitindo algumas grafias e contornos.

Assim, com certa carência do zero, do terceiro e da operatividade da metáfora paterna (embora aí esteja o Nome-do-Pai), com a toda-mãe e o *frater*-pai, com a permanência na circularidade da demanda e o impedimento de alçar ao desejo, com a não perda para a inscrição da falta, vão faltando elementos necessários à (de)composição do sistema de *lalíngua*. *Falasser* a falecer que ressoa na ideia de uma redução da linguagem à comunicação (Chemama, 2023). No conto Friday Black, o jovem escritor afro-americano Nana Kwame Adjei-Brenyah descreve o cenário apocalíptico de uma Black Friday a partir do olhar do melhor vendedor de uma grande loja de departamentos. Humanos vorazes, sanguinários, violentos, rugindo, grunhindo (subequipados da linguagem) e fissurados na conquista de produtos de grife. Um trecho desta preciosidade:

“Azul! Filho! SleekPack!”, um sujeito de olhos selvagens com um colete acolchoado grita agarrando meu tornozelo. Espuma branca pinga de sua boca. Uso meu pé direito para pisar na mão dele, e sinto os dedos dele se esmigalhando debaixo da minha bota. Ele uiva “SleekPack. Filho!” enquanto lambe a

⁵ Autrefois, on venait voir l'analyste à cause de desirs entravés, interdits, impossibles. Aujourd'hui, les jeunes que je vois, c'est exactement l'inverse. Leur question, c'est: j'aimerais bien trouver ce que je ne sais pas.

mão machucada. Olho nos olhos dele, um vermelho profundo em torno das pálpebras, mais vermelho ainda nos cantos. Eu entendo perfeitamente. O que ele está dizendo é isto: Meu filho. Me ama mais no Natal. Fica comigo no fim do ano. Eu e ele. Só quer uma coisa. A mãe dele não vai. Comigo. Tenho que me sentir mais Pai! Desde aquela primeira vez, desde a mordida, eu sei falar *Black Friday*. Ou, no mínimo consigo entender. Não sou fluente, mas dá para o gasto (ADJEBRENYAH, 2023).

Literatura? Para o autor, certamente é. Para nós, analistas no contemporâneo, a ficção de Nana transborda seu texto e nos alcança na clínica, escrevendo o empobrecimento de nosso húmus da linguagem. Que as infundáveis voltas da intensão à extensão, que os esforços de trabalho de transmissão, como o que fazemos aqui nestes dias de Jornada, nos ajudem a sermos mais fluentes nesta língua. Ainda difícil *litunaterreat* com pouco substrato.

P.S. Imediatamente após o ponto final no texto, escuto de uma analisante: “me faltam os eufemismos, eu uso a linguagem como se ela tivesse uma relação direta com a realidade, como se não houvesse descompasso. Sei que é impossível, mas acontece e entendo que foi a minha mãe quem me transmitiu isso.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADJEBRENYAH, Nana K. *Friday Black* (livro eletrônico); tradução Rogerio W. Galindo. São Paulo: Fósforo, 2023.

BIRMAN, Joel. À propôs des limites em psychanalyse. In: Chemama, R.; Hoffman, C. *Que nous apprennent les cas-limites?* Version PDF © Éditions Érès, 2023.

CHEMAMA, Roland. Introduction. In: Chemama, R.; Hoffman, C. *Que nous apprennent les cas-limites?* Version PDF © Éditions Érès, 2023.

CRUGLAK, Clara. *Lo real a la buella. En la experiencia psicoanalítica*. Buenos Aires: EFBA, 2021.

LACAN, Jacques [1969-70]. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução Ari Roitman. Rio de Janeiro:

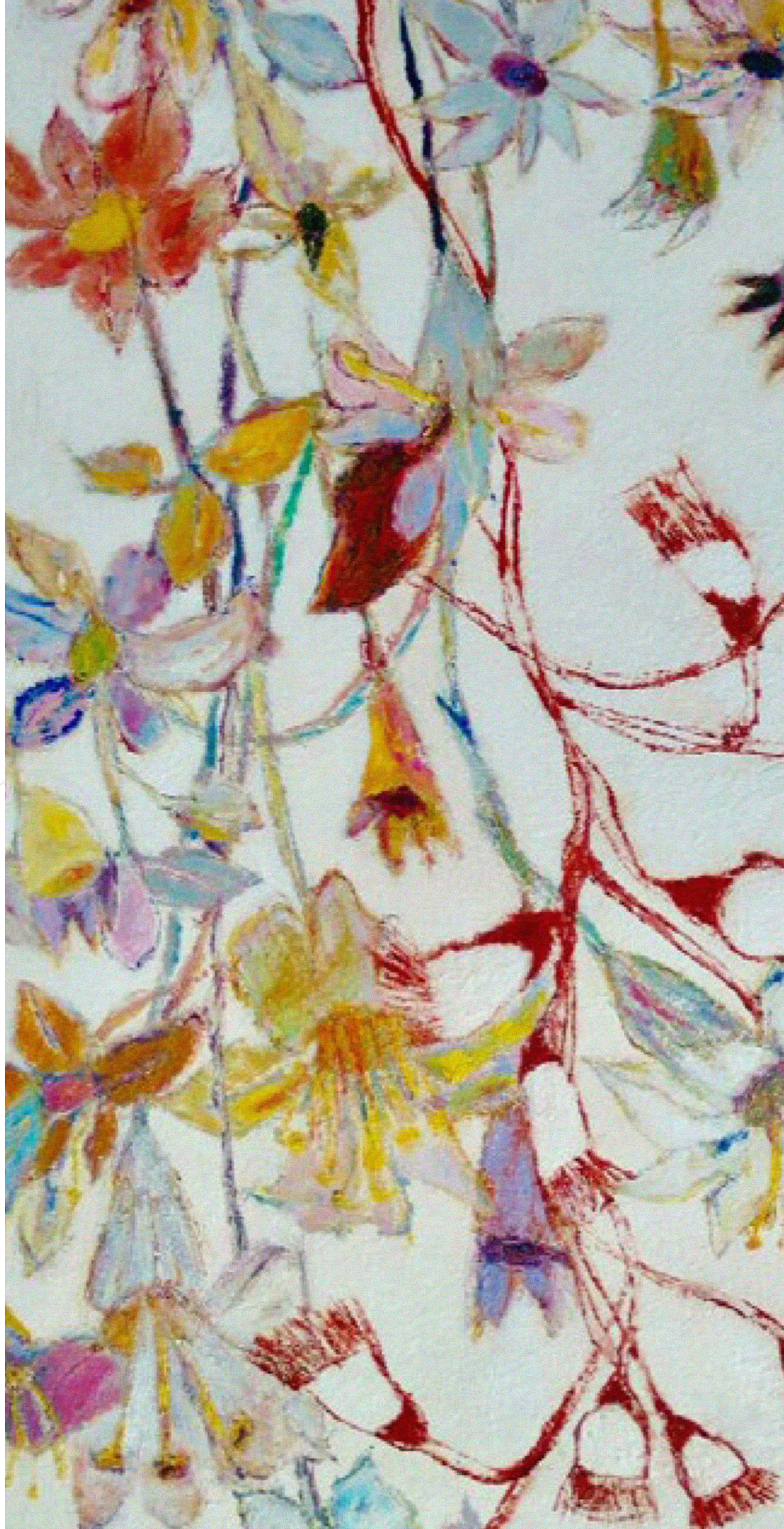
Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques [1974]. *A Terceira* Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LACAN, Jacques [1974]. *O triunfo da religião*. Texto traduzido e publicado pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: APPOA, 2005.

LACAN, Jacques [1971]. *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução Vera Ribeiro; versão final Nora Pessoa Gonçalves; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MELMAN, Charles; LEBRUM, Jean-Pierre. *La dysphorie de genre À quoi se tenir pour ne pas glisser? Vingt ans après L'homme sans gravité*. Version PDF © Éditions Érès, 2022.



AS DESVENTURAS CONTEMPORÂNEAS DA SEXUAÇÃO

LETÍCIA PATRIOTA DA FONSECA

AS DESVENTURAS CONTEMPORÂNEAS DA SEXUAÇÃO¹

Leticia Patriota da Fonsêca²

“Que antes renuncie a isso quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico.”

(J. Lacan, 1953).

RESUMO

O texto aborda, através da articulação das questões atuais da clínica psicanalítica com a teorização lacaniana, as dificuldades fundamentais da sexuação para assumir a identidade sexuada e a escolha de objeto, diante dos impasses contemporâneos e dos diagnósticos múltiplos propostos e propagados pela mídia. Enfoca os aspectos do semblante e a importância do dizer como elemento chave para a subjetivação, atentando à diferenciação do humano enquanto indivíduo e enquanto sujeito descejante, retomando os aspectos chaves destacados por Lacan nos primórdios de suas elaborações.

Palavras-chave: Sexuação. Castração. Semblante. Dizer.

ABSTRACT

The text addresses, through the articulation of current questions in the psychoanalytic clinic with the lacanian theorization, the fundamental difficulties of sexuation in assuming sexual identity and the choice of object, in the face of contemporary impasses and the multiple diagnoses proposed and propagated by the media. It focalises on the aspects of the semblante and the importance of saying as an essential element for subjectivation, paying attention to the differentiation of the human as an individual and as a desiring subject, returning to the key aspects emphasized by Lacan in the beginnings of his elaborations.

Keywords: Sexuation. Castration. Semblante. Saying

Iniciamos nossas elaborações evocando Lacan em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*³ e, atentando a essa observação, aqui estamos a trabalhar, debruçando-nos sobre o que, da clínica, nos questiona na época atual. Nesse sentido, vimos nos detendo há um certo tempo sobre a questão da identidade de gênero, indagando sobre a disforia, o transgênero, e as demais letras que compõem a sigla atualmente difundida, LGBTQIA+. Trilhamos, anteriormente, um breve percurso em Freud e Lacan referente à questão da sexualidade, à luz também das contribuições e da releitura que Melman faz destes, ao lado ainda das reflexões de Jean-Marie Forget⁴. Atualmente, procurando avançar nas leituras, voltamo-nos também sobre as contribuições de Martine Lerude e de distintos colegas da ALI que vem refletido sobre essa questão. Nossa transferência de trabalho pela teorização lacaniana é para nós um alento, pois fornece-nos material consistente para trabalharmos e tentarmos avançar.⁵ Então iniciemos: Freud (1929-30), em *O mal estar na civilização*, sublinhava que o mal estar na cultura estava ligado ao excesso da repressão sexual que ela exigia. Melman (2000), na revista *La Célébataire*, ressalta que nós estamos atualmente passando de uma cultura em que a religião constrange as pessoas ao recalçamento dos desejos e à neurose, e ingressando numa outra onde se apregoa o direito a sua expressão livre e à plena satisfação. Cabe-nos então indagar se a pretensa felicidade que estaria, hoje, a nossas portas, resultaria ou não numa sociedade que seria enfim curada do sintoma. Este é o cerne da questão⁶.

Avançando então nesses questionamentos atuais, detivemo-nos sobre algumas reflexões teóricas publicadas mais recentemente, as quais contemplam dois filmes: *Girl* e *Petit Fille*.⁷

Petit Fille é um documentário de 2020, dirigido por Sébastien Lifshitz, que explora a jornada de aceitação de uma menina transgênero, de apenas 8 anos, nascida menino, mas que se sente como menina desde os 3 anos de idade. Segundo notas da imprensa, a película trata das pressões e da crueldade de uma sociedade considerada cada vez mais conservadora.⁸

Vários psicanalistas escreveram e se posicionaram em relação a esse filme, que é também o assunto abordado por Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun (2020) no livro *La Dysphorie de genre*⁹. Nesta obra, ressalta Melman: *Uma mãe se sente hoje investida do poder que se atribuía outrora a Deus, de decidir o sexo de sua criança...*¹⁰ Sublinha que, no drama em questão, a onipotência da mãe encontra, ao mesmo tempo, a onipotência do pedopsiquiatra, do cineasta e do meio, e mais adiante ainda, vai encontrar a cumplicidade na acolhida dos espectadores. Por outro lado, sobre essa película, Pascale Bélot-Fourcade salienta a discordância na escuta das terapeutas desse filme, uma vez que todo crédito é dado à mãe quando ela diz que o menino quer ser menina, em contraste com o descrédito que se constata quando ela diz que desejava uma menina.¹¹

Questionando então a origem e os aspectos da disforia na recente obra de Melman, observamos que, conforme ressalta o autor, imaginar a existência de um desejo inato quer dizer que nós nasceríamos com um saber apto a decidir sobre nossa conduta¹².

¹ LACAN, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 322.

² FONSECA, Leticia. *A sexualidade contemporânea: LGBTQIA+, há mais?* Texto inédito da conferência pronunciada em 25 de março de 2022, na abertura dos trabalhos do Fórum de Psicanálise do Recife.

³ Optamos por não nos determos neste momento em leituras outras, tais como em Judith Butler, Eric Marty, Paul Preciado e Robert Stoller, que também fazem parte do que circula entre nós, mas que fogem à abordagem psicanalítica.

⁴ MELMAN, Charles. *Introduction à la nouvelle économie psychique*. In: *Lacan a-t-il fait acte? La Célébataire n. 4*. Paris: EDK, 2000.

⁵ Essas películas permitem-nos trabalhar questões da teoria da psicopatologia da vida cotidiana, nesse mundo sem limite. Sua divulgação, a aceitação e premiação, servem-nos também como termômetro da situação atual, protótipo do que acolhemos em nossa clínica.

⁶ A imprensa francesa, belga, tece os maiores elogios. Segundo Melman, esses ecos da imprensa já existiam bem antes que o filme fosse rodado, apenas esperavam esse gênero de filme para se fazer escutar.

⁷ MELMAN, Charles.; LEBRUN, Jean-Pierre. *La dysphorie de genre*. Toulouse (FR): Éditions Érès, 2020.

Por outro lado, Lebrun observa: “Tu não serás nunca uma menina...até o dia em que”

⁸ Op. cit. p. 14. Tradução minha para o trecho citado.

⁹ BÉLOT-FOURCADE, Pascale. *Vous disiez “binário”? In: A querrela do gênero: uma abordagem psicanalítica*. Salvador: Agulha Psicanálise, 2023.

¹² Op. cit. p. 20.

¹ Trabalho apresentado na XXXII Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em novembro de 2023.

² Psicanalista. Membro do Espaço Moebius e da Association Lacanienne Internationale (A.L.I.).

Semelhante ideia aludiria então a uma nova norma impraticável, construída sobre premissas falsas¹³.

Ao buscar elucidar as questões atuais, voltamo-nos a suas origens, e retomamos leituras anteriores sobre o tema, aportando em *Os avatares contemporâneos da sexualização*¹⁴, uma coletânea de textos que trata, em grande parte, de uma outra película: o filme *Girl*¹⁵. Este narra o drama de Lara, uma garota transgênero de 15 anos, que estuda numa prestigiosa academia de dança da Bélgica. Nesta coletânea, que integra textos de vários colegas psicanalistas, podemos observar aspectos muito importantes referentes às questões da disforia de gênero. Ao contemplar o drama do filme, Martine Lerude (2018) o enfoca como uma fábula que nos mostra algo que está bem na moda¹⁶. Refletindo então sobre os dissabores contemporâneos da sexualização, seguimos a trilha de suas elaborações, pinçando algumas indicações. Voltamo-nos então, inicialmente, a Lacan (1960-64), em *Posição do Inconsciente*¹⁷, onde lemos:

O que nossa experiência demonstra de vacilação no sujeito, no tocante a seu ser de masculino ou feminino, deve ser menos relacionado com sua bissexualidade biológica do que com o fato de não haver nada em sua dialética que represente a bipolaridade do sexo, a não ser a atividade e a passividade.

Temos aqui um primeiro tijolinho para construir os alicerces da questão da sexualização, ou seja, atividade e passividade. Ainda nesse texto ressalta Lacan que a sexualidade, em sua relação com o inconsciente, vai se repartir em dois lados: o lado do vivente e o lado do Outro.

*É a isso que queremos chegar neste discurso: a que a sexualidade se distribui de um lado a outro de nossa borda como limiar do inconsciente, da seguinte maneira:*¹⁸

*Do lado do vivente, como ser que deve ser captado na fala, como alguém que nunca pode enfim advir nela-por-inteiro – nesse para-aquém do limiar que, no entanto, não é dentro nem fora, não há acesso ao Outro do sexo oposto senão através das chamadas pulsões parciais, onde o sujeito busca um objeto que lhe reponha a perda de vida que lhe é própria, por ele ser sexuado.*¹⁹

Do lado do Outro, do lugar onde a fala se confirma por encontrar a troca dos significantes, os ideais que eles sustentam, as estruturas elementares de parentesco, a metáfora do pai como princípio da separação, a divisão sempre reaberta no sujeito em sua alienação primária, apenas desse lado, e por estas vias que acabamos de citar, devem instaurar-se a ordem e a norma que dizem ao sujeito o que ele deve fazer como homem ou como mulher.

Observemos então todas as vias aqui citadas que se encontram do lado do Outro. E, a seguir Lacan enfatiza: *Não é verdade que Deus os tenha feito macho e fêmea...*

Então, esses dois lados – o lado do sujeito e o lado do Outro – evocam para nós tudo aquilo que pode estar aí implicado, estar aí em função, a fim de que se cumpra a operação simbólica da castração. Desse modo, avançando então em nosso trajeto, aportamos, com Lacan, no seminário *A lógica do fantasma*, onde ele ressalta que:

O sentido lógico original da castração enquanto a análise descobriu sua dimensão, repousa nisso: que ao nível das Bedeutung, das significações, a linguagem – enquanto é ela que estrutura o sujeito como tal – matematicamente faz falta, quero dizer, reduz o que é da relação entre os sexos, ao que nós designamos como podemos, por essa alguma coisa a que a linguagem reduz a polaridade sexual, isto é, a saber, um ter ou não ter a conotação fálica...²⁰

Assim, se linguagem aí faz falta, ancoramos então no ter ou não ter a conotação fálica; ancoramos no imaginário. Onze anos após esse texto, já no seminário *De um discurso que não seria do semblante*, Lacan lembra que o que Freud revela sobre o funcionamento do inconsciente nada tem de biológico, ressaltando que *isto não tem o direito de chamar-se sexualidade, a não ser pelo que chamamos de relação sexual...²¹* Neste texto Lacan afirma explicitamente que o que se estuda em biologia, ou seja, a existência do cromossomo e sua combinação XY ou XX ou XX, XY, não tem absolutamente nada a ver com a questão do que se chama relações do homem e da mulher. Ressalta que *convém partir desses dois termos com seu sentido pleno, com o que isso comporta de relação.*

Interessante observarmos que já nessa época, em 1971, tendo sido publicado o livro de Stoller, *Sex and Gender*²², Lacan sugere aos ouvintes sua leitura,

¹³Op. cit. p. 102.

¹⁴Os avatares contemporâneos da sexualização. In: Le Bulletin Freudiano n. 65. Association Freudienne de Belgique, 2020.

¹⁵Esta é uma película belga, de 2018, dirigida por Lukas Dhont. A imprensa refere que o filme, bastante premiado, foi inspirado na história real de uma pessoa transsexual belga que, neste interim, se tornara uma dançarina profissional de sucesso. O drama torna-se mais complicado quando a jovem busca realizar a cirurgia de redesignação sexual, tendo que enfrentar sérias barreiras físicas e emocionais.

¹⁶Para Lerude "Girl" é um significante Mestre totalitário para ela mesma e para os outros que o validam, mas também um significante que divide o sujeito, e seus sintomas são consequência dele." Op. Cit. p. 96. Tradução minha para o trecho citado.

¹⁷LACAN, Jacques. *Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 863-864.

¹⁸Vale salientarmos que esta é a época em que Lacan está trabalhando a topologia de superfície, no seminário sobre A Identificação, onde podemos imaginar a questão do cross-cap.

¹⁹Aqui vale a pena observarmos a nota de rodapé acrescentada ao texto em 1964, onde Lacan assinala que, *ao restabelecer de forma irônica a função do objeto "parcial", fora da referência à regressão com que ela é habitualmente encoberta (entenda-se: essa referência só pode entrar em exercício a partir da estrutura que define esse objeto – ao qual chamamos objeto a), não podemos estender-la até o ponto que constitui seu interesse crucial, ou seja, ao objeto (-?) como "causa" do complexo de castração.*

ressaltando que o autor se refere a um assunto importante, o dos transexualistas. Entretanto, sublinha Lacan, que por falta da referência à forclusão lacaniana, o autor teve séria dificuldade para explicar seus casos. Vale salientar, portanto, que a questão de sexo e gênero já concernia a reflexão lacaniana há cerca de meio século, sublinhando sempre a importância desse veio da experiência discursiva. *Sex and Gender* é também título de um boletim publicado pela ALI, em 2008, no qual vários autores tecem considerações sobre o livro de Judith Butler²³: *Trouble dans le genre. Pour un féminisme de la subversion*.

Seguindo com Lacan, ainda no mesmo seminário, a importância da relação é novamente enfocada, quando ele sublinha, desta feita, que, para o homem, é sua relação com a mulher que o define enquanto tal, o mesmo valendo para a mulher em sua relação. *Nas definições do homem e da mulher, nada nos permite abstrair-los da completa experiência falante, inclusive nas instituições em que elas se exprimem, a saber, o casamento*²⁴. Trata-se, portanto, na idade adulta, do tornar-se homem e um dos correlatos essenciais para isso é sinalizar à mulher que se o é. Isto é o que constitui a relação com a outra parte. Tudo o que é interrogado no comportamento da criança pode ser interpretado como se orientando para este tornar-se homem... *Até nós nos encontramos, para falar claramente, colocados imediatamente na dimensão do semblante*²⁵.

Entretanto, considerando a experiência discursiva paripasso com a dimensão imaginária, contemplamos a estrutura borromeana em que a identificação simbólica, a imaginária e o sintoma se enlaçam, perpassados por um real que matematicamente ali faz falta, e que assim escapa sempre ao discurso. Isso nos remete ao texto de Melman *Os quatro componentes da identidade*²⁶. Leitura que nos permite refletir sobre a falta no Outro e o que implica o desejar, cuja falta, que faz inscrever-se no semblante, possibilita assumir a posição sexuada. Jean-Marie Forget (2014) trabalha bem essa questão em seu livro: *Y-a-t-il encore une différence sexuelle?*, onde ele ressalta o lugar do homem e a posição feminina²⁷.

E garimpando um pouco mais, ainda no seminário XVIII, observamos:

²⁰(com Lacan, no sem XIII, lemos) (1967 – p. 151)

²¹LACAN, Jacques. *De um discurso que não seria do semblante*. Lição de 20 de janeiro de 1971. Recife: Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos, 1996.

²²STOLLER, Robert [1968]. *Sex and Gender: The Development of Masculinity and Femininity*.

²³BUTLER, Judith. *Trouble dans le genre. Pour un féminisme de la subversion*. Paris: La Découverte, 2005.

²⁴Op. cit. p. 28.

²⁵Idem.

²⁶MELMAN, Charles. *Os quatro componentes da identidade*. In: Novas contribuições à clínica psicanalítica. Salvador: Espaço Moebius, 2023.

²⁷FORGET, Jean-Marie. *Y-a-t-il encore une différence sexuelle?* Toulouse (FR), Éditions Eres, 2014.

A identificação sexual não consiste em acreditar-se homem ou mulher, mas para o menino que ele se dê conta de que há mulheres, e para menina, de que há homens. E o que é importante não é tanto o que eles experimentam... é que, para os homens, a mulher é o falo. E é isto que o castra. Para as mulheres, é a mesma coisa, o homem é o falo, e é isto também que as castra...²⁸

Por conseguinte, quanto à sexuação, é pelo veio da inscrição simbólica, como Lacan vai explicitar novamente dois anos mais tarde, *do dizer, enquanto encarnação distinta do sexo que eles recebem sua função*.²⁹ É o que diferencia o comportamento sexual humano: neste há uma certa manutenção do semblante animal, mas diferentemente deste, seu semblante é veiculado em um discurso. Não é o ato sexual que vai dar ao sujeito *as garantias* de que ele seja de um sexo ou de um outro, mas sim a experiência discursiva. É esta que imprime sua marca e sela a diferença do humano - Homem e Mulher - enquanto significantes. É neste nível de discurso que ele é dirigido a algum efeito que não seria do semblante...

Então, lidando aqui com o enodamento do real, do simbólico e do imaginário, ressaltamos o quanto é indispensável tentarmos verificar as dificuldades do tornar-se homem e do tornar-se mulher. Se *o ser sexuado só se autoriza dele mesmo... mas também de alguns outros*³⁰, o que esses outros lhe dizem? Não será pelo dizer desses alguns outros que se pode fazer vacilar a estrutura fantasmática, abalando a divisão subjetiva e fazendo ecoar nesse “ele mesmo” que resta dividido? Dividido pois entre o indivíduo – que só tem um corpo – e o sujeito desejante que habita esse corpo – ele mesmo sempre dividido pelo significante, que o representa para um outro significante.

É também por esses alguns outros, sobretudo na adolescência enquanto momento crucial de repasse pela castração, que ratificando-se a diferença vai se presentificar novamente essa divisão. E, seguindo a relha do significante ratifica-se seu lugar, sua posição sexuada. Mais ainda, em decorrência dessa barra, por essa divisão, o sujeito pode sofrer e buscar fazer Um a todo custo. Momento crucial em que se tem um luto a ser elaborado, e os aspectos disfóricos deste a serem atravessados. Ressalta Forget (2014), por exemplo, o constrangimento das adolescentes ante os olhares insistentes dos pais sobre o corpo das jovens, bem como o efeito de comentários depreciativos que podem ser feitos em referência ao corpo de terceiros³¹. São palavras que ecoam e podem afetar o processo de simbolização.

É preciso inscrever, simbolizar, para que se possa compor o semblante e fazer-se presente na

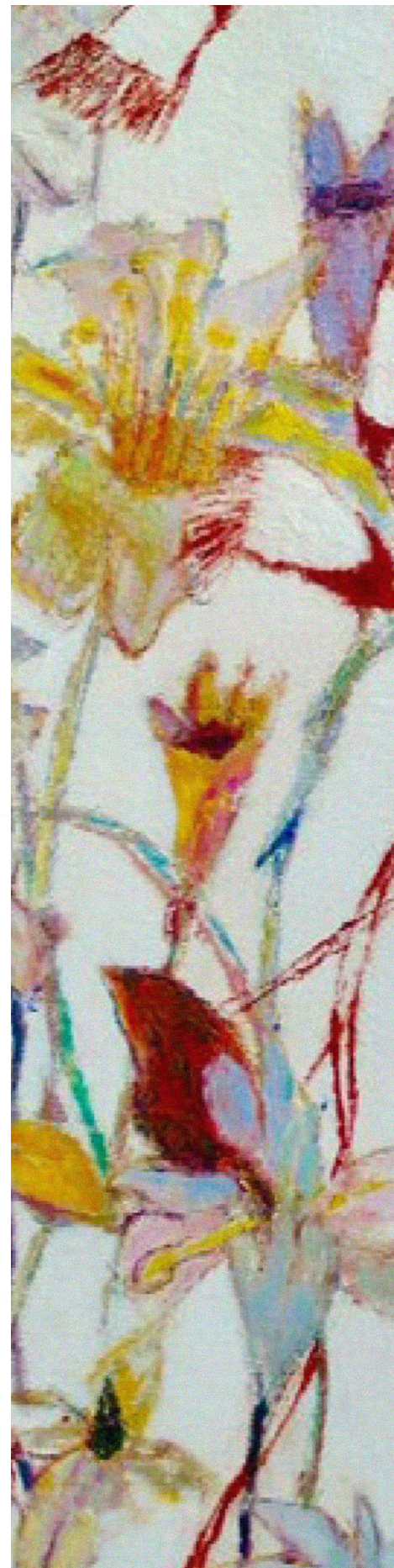
autenticidade de sua construção, enlaçados no nó. Isso faz-nos lembrar quando uma analisante, recordando sua adolescência e passagem para a vida adulta – época em que era ainda uma “mocinha” – refere seu constrangimento quando, ao atravessar uma ponte em Recife, ouviu um *fiu-fiu*. Relata todo o atrapalho que essa experiência acarretou para ela. O que é que estava ali em jogo senão o semblante? Semblante às vezes difícil de sustentar ao se dar conta de estar ali a despertar, ou a sinalizar algo ao outro sexo. Seria aquela a época em que a mocinha recatada cabia disfarçá-lo, pois aquilo só era permitido no privado? Algo que, hoje, diferentemente, ora faz falta, ora vulgariza-se no *Instagram*...

O que é que disso tudo pode se fazer presente em cada um que escutamos? Faz-nos lembrar uma analisante que confessa: “sinto falta do olhar de um homem...” Seria esse momento de passagem o momento de uma ratificação da posição sexuada, momento de busca da pacificação da angústia e elaboração do luto, ou estar-se-ia diante de um fosso a ser transposto ancorado numa premissa falsa, camuflada na busca de uma redesignação?

Cabe-nos atentar ao que seria do semblante na relação, pensando, ao mesmo tempo, o quanto esse *se fazer homem e se fazer mulher* convoca a uma posição e acarreta suas dificuldades. Acompanhamos Martine Lerude (2023) em suas elaborações precisas, quando nos propõe a leitura da sigla LGBTQIA+ como a escrita de um “não todo fálico” generalizado, que valeria para todos, que pode servir de apoio temporário na fase difícil de subjetivação do adolescente. Consideramos, portanto, importante tentar pinçar, no discurso que circula nessa contemporaneidade arrebatada e sufocada pela mídia, os novos significantes que podem estar a circular, para daí resgatar os pontos de estrutura que possam dar apoio ao jovem a fim de sustentar as novas construções subjetivas.

Freud havia estabelecido uma ligação de causa e efeito entre a repressão social de seu tempo, as dificuldades sexuais dos sujeitos e a noção de psicose de defesa. Qual é o gozo em jogo na ligação social da atualidade? Será o gozo do poder sob todas suas formas, que não cessa de ser denunciado, ou é o gozo dos objetos fetichizados do consumo? Ou, ainda, é a perversão generalizada, como refere Lebrun, que inclui o ato sexual, mas que se estende a todo campo do discurso?

Se a psicanálise se revela hoje como um saber constituído o qual teve uma incidência considerável em nossa cultura, uma verdadeira mudança de discurso está aí a ser processar. Assim, seguindo os



²⁸ Op. cit. p. 30.

²⁹ LACAN, Jacques. O seminário, livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982, p. 54.

³⁰ LACAN, Jacques. Os não-tolos vaguem. Salvador: Publicação interna do Espaço Moebius, 2016, p.183.

³¹ FORGET, Jean-Marie. Ya-t-il encore une différence sexuelle? Toulouse (FR): Editions Érès, 2014, p. 45.

veios traçados pelos precursores, cabe-nos estarmos atentos à evolução de nossa cultura, que nos atribui sem cessar novas tarefas, às quais não podemos nos furtar sem negar nossos fundadores, que jamais estiveram afastados da subjetividade de sua época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉLOT-FOURCADE, Pascale. *Você disse "binário"?* In: A querela do gênero: uma abordagem psicanalítica. Salvador, BA: Ágalma Psicanálise, 2023.

BUTLER, Judith. *Trouble dans le genre*. Pour un féminisme de la subversion. Paris: La Découverte, 2005.

FONSÊCA, Leticia. *A sexualidade contemporânea: LGBTQI... há mais?* Texto inédito da conferência pronunciada em 25 de março de 2022, na abertura dos trabalhos do Fórum de Psicanálise do Recife.

FREUD, Sigmund [1929-30]. *O mal estar na civilização*. In: Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud - v. XXI. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1975.

FORGET, Jean-Marie. *Y a-t-il encore une différence sexuelle?* Toulouse (FR): Éditions Érès, 2014, p. 45.

LACAN, Jacques [1953]. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 322.

LACAN, Jacques [1960]. *Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 863 - 864.

LACAN, Jacques [1966-67]. *A lógica do fantasma*. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação interna. Recife: 2017.

LACAN, Jacques [1971]. *De um discurso que não seria do semblante*. Lição de 20 de janeiro de 1971. Recife: Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos 1996.

LACAN, Jacques [1972-73]. *O Seminário, livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982, p. 54.

LACAN, Jacques [1973-74]. *Os não-tolos vagueiam*. Salvador: Publicação interna do Espaço Moebius, 2016, p.183.

LERUDE, Martine. *O adolescente, o gênero e a psicanálise*. In: A querela do gênero: uma abordagem psicanalítica.

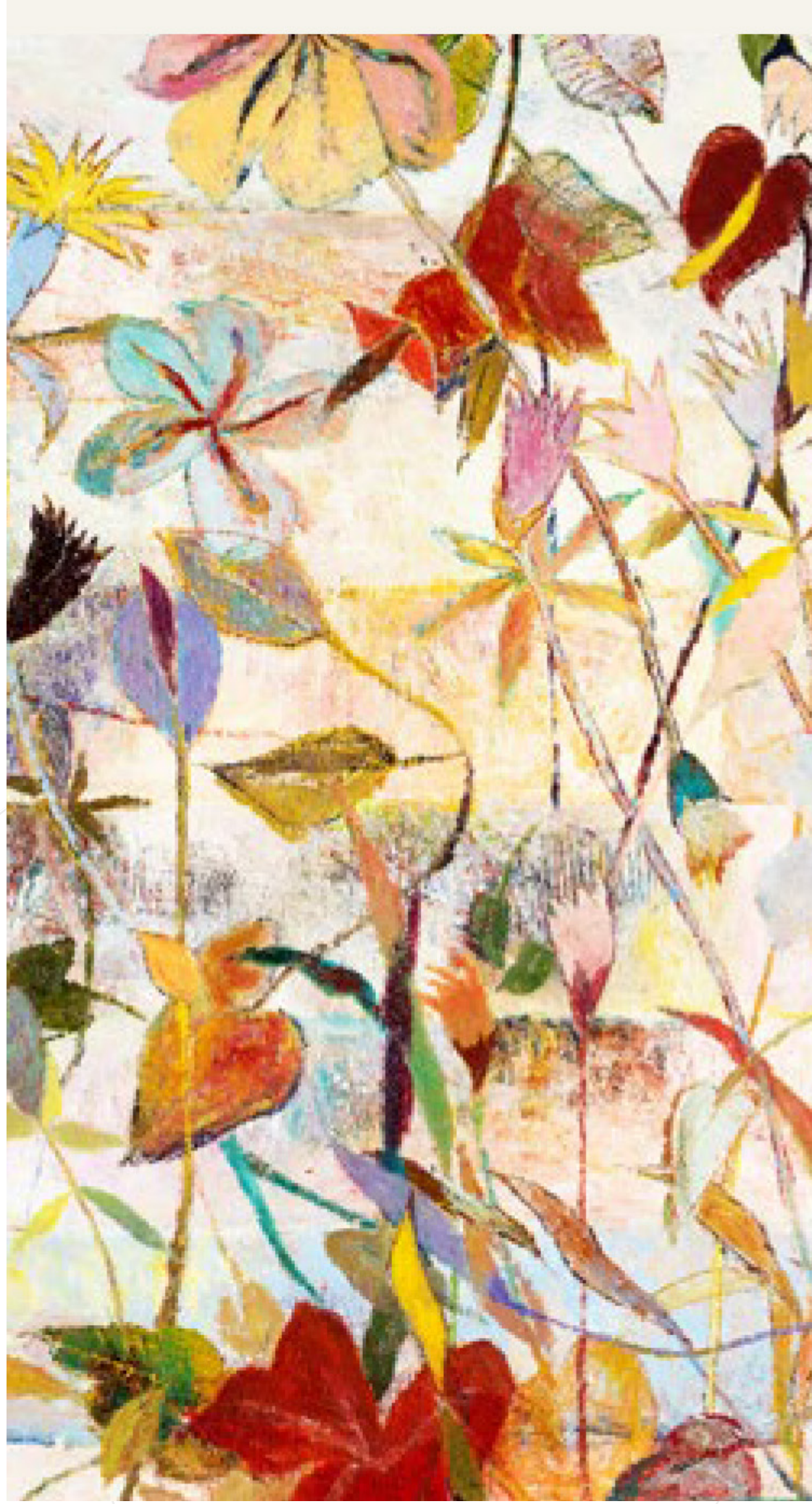
Salvador: Ágalma Psicanálise, 2023.

MELMAN, Charles. *Introduction à la nouvelle économie psychique*. In: Lacan a-t-il fait acte? La Célibataire n. 4. Paris: EDK, 2000.

MELMAN, Charles. *Os quatro componentes da identidade*. In: Novas contribuições à clínica psicanalítica. Salvador: Espaço Moebius, 2023.

MELMAN, Charles; LEBRUN, Jean-Pierre. *La disphorie de genre*. Toulouse (FR): Éditions Érès, 2020. *Os avatares contemporâneos da sexuação*. In: Le Bulletin Freudiano n. 65, Association Freudienne de Belgique, 2020. Editor responsável A. Odenhove.

STOLLER, Robert J. [1968]. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. London: Karnak Books, 1984.

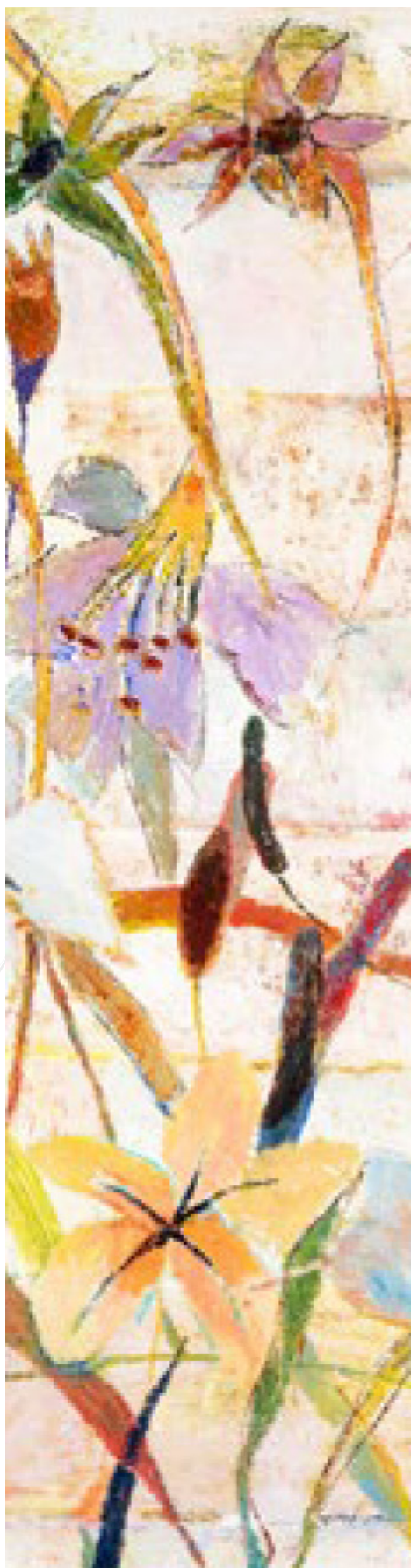


NO ENTRE ... DOIS

LAUDINALVA LÚCIA MATOS

NO ENTRE ... DOIS ¹

Laudinalva Lúcia Matos ²



RESUMO

Este artigo busca responder duas questões surgidas no âmbito do Espaço Moebius. A primeira: qual modalidade de gozo se trabalha em uma análise? A segunda, frequente nas discussões da instituição: formação ou produção de analista? Desenvolvo o texto e vou me dando conta da passagem de uma questão a outra, que vai se construindo no escrito, como faz Lacan ao se referir à passagem de analisante a analista, ou seja, entre uma questão e outra temos uma porta cuja dobradiça é o objeto *a*.

Palavras-chave: Gozo/Jouissance. Objeto *a*. Saber. Final de análise.

ABSTRACT

This article seeks to answer two questions that arose within the scope of the Espaço Moebius. The first one: what type of jouissance/enjoyment do we work in an analysis? The second one, frequent in the institutional discussions: training or the output of an analyst? The unfolding of the text bypasses the emptiness between the two questions and builds, just Lacan does, when he refers to the transition from analysand to analyst, a door whose hinge is the object *a*.

Keywords: Enjoyment /Jouissance. Object *a*. Know. End of analysis.

A escolha desse tema de trabalho me colocou a princípio algumas questões: tem relevância falar de análise, mais especificamente de final de análise, em uma jornada sobre as modalidades de gozo na contemporaneidade? A contemporaneidade modifica a prática analítica e a finalização de uma análise, como concebido por Lacan, com elaborações fragmentadas em diversos momentos da sua vasta teorização?

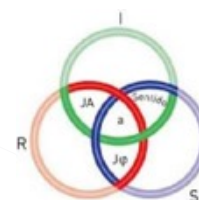
A decisão de investigar o tema se deu a partir de duas questões colocadas por colegas no Espaço Moebius que reverberaram em meus ouvidos. A primeira, em um cartel do qual faço parte, foi: qual modalidade de gozo se trabalha em uma análise? E a segunda, que sempre retorna nas discussões em nossa instituição:

¹ Trabalho apresentado na XXXII Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, em novembro de 2022.

² Psicanalista. Membro do Espaço Moebius.

trata-se de formação ou produção de analista? Lacan falou de produção? Apresento um texto dividido, assim como o oleiro, que com o seu saber fazer com as mãos e o barro contorna o vazio e constrói o pote, busco, com o escrito, fazer borda no vazio que permeia as duas questões.

Para a primeira coloco a cadeia borromeana como resposta, tal como ela é definida por Lacan (1974-1975), uma mostra da análise, de como operamos na análise para diminuir os efeitos de gozo que afetam o sujeito. Ela é, em si mesma, a resposta à questão, pois nos mostra as diversas formas de gozo presentes no percurso de uma análise. Então, temos aí a cadeia borromeana com seus campos de gozo.



Observa-se na figura acima que na sobreposição dos buracos do Simbólico com o Real temos o gozo fálico. Na sobreposição dos buracos do Real com o Imaginário, o gozo Outro, e na sobreposição do Imaginário com o Simbólico, o gozo sentido. Situado no centro da cadeia o objeto *a* faz “o núcleo elaborável do gozo”, ao mesmo tempo que faz limite ele participa de todos os gozos. Como diz Lacan em *A Terceira*:

“...o estranho é esse laço que faz com que um gozo, qualquer que seja, o suponha, esse objeto, e que, assim sendo, o mais de gozar – dado que é o modo como que achei poder apontar seu lugar – seja vislumbrando nenhum gozo, sua condição” (LACAN [1974-1975] 2016, p. 54).

Não podemos deixar de fora o lugar que Lacan vai dar ao corpo, a partir da elaboração do campo do gozo, dizendo que a psicanálise não anda sem o corpo e afirmando no Seminário - *Mais, ainda* - que “todo gozo é gozo do corpo” e que o “significante faz alto ao gozo”. Enfim, na análise trabalhamos com economia de gozo para diminuir os efeitos desse gozo que afeta o sujeito, como já dito acima.

A segunda questão vou procurar responder no decorrer do texto tomando como fio condutor o

objeto *a* para tecer, fiar a tecelagem, ou seja, realizar o escrito, pois a leitura dos textos de Lacan deixa claro, para mim, que é com o objeto *a*, e a partir da sua experiência clínica, que ele aprofunda as suas elaborações sobre o final de análise. Objeto *a* que causa o sujeito, o divide, o “*atravessa sem que eles em nada se penetrem*”, objeto causa do desejo em que o sujeito se eclipsa, mas é também o suporte do sujeito entre a verdade e o saber, sem esquecer também, que além de causa do desejo é o objeto mais de gozar.

Se Freud se detém no rochedo da castração, Lacan o contorna e avança em suas teorizações sobre a passagem do lugar do analisante ao lugar do analista. No início da análise, como sabemos, temos a transferência, o amor transferencial e o sujeito suposto saber. Como diz Lacan no Seminário *Os não-tolos vagueiam*:

“... se há alguma coisa da qual a análise descobriu a verdade, é o amor do saber ... a transferência revela a verdade do amor e é precisamente nisto que ela se endereça ao que enunciei por sujeito suposto saber” (LACAN [1973-1974] 2016, p. 202).

Vamos seguir pensando o processo analítico e, para isso, relembro aqui um fragmento do texto de Aurélio Souza - *Do Sintoma aos Sintomas*, ainda não publicado, que foi apresentado na última Jornadinha do Espaço Möbius, em 2023. Ao comentar que o discurso analítico sobre o aspecto social tem uma consistência diferente, é uma ligação a dois, assinalando a opinião de Lacan em *A Terceira* quanto ao sintoma social, ele diz:

“...se existe um sintoma é porque cada indivíduo é realmente um proletário, pois nestas condições não existe um discurso que possa fazer laço social”.

“... para a Análise em Intenção se existe um “social” é a dois, não é o social da cultura” (SOUZA, 2023, inédito).

Ou seja, na análise em intenção temos o lugar do sujeito e o lugar do objeto, lugar do analisante e o lugar do analista, que o ocupa como representante de objeto *a*, como diz Aurélio Souza (2023) em sua transmissão no Espaço Möbius, referindo que prefere a expressão semblante de objeto *a*, lugar vazio onde a fala do analisante ressoa, retornando para ele para que possa ler de uma outra forma o que fala pois, como sabemos, na análise trata-se de uma prática de leitura. No texto *Proposição de 9 de outubro de 1967*, Lacan (1967) diz:

“A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles,

porque esta divisão não é outra, senão a do sujeito, da qual este resto é a causa” (LACAN [1967] 2003, p.259).

Ainda, no referido texto, ele toma como o fim da partida a resolução de uma equação cuja constante é o ágalma *e*, cujo resultado é o analisante poder ocupar o lugar de analista como representante de objeto *a*. Não resta dúvida que para se chegar à formulação e resolução da equação temos um árduo caminho a percorrer, onde o tempo lógico, a partir do momento de concluir, nos dá o tempo de compreender e o instante de ver. Percurso que demanda tempo como disse Freud em seu texto *Análise Terminável e Interminável* (1937, p. 255), momento em que ele interroga a prática psicanalítica discorrendo sobre os entraves de uma análise.

Tomo dois momentos importantes na minha leitura do texto, o primeiro, quando ele destaca que o maior impedimento da análise é a pulsão de morte *e*, o segundo, quando se refere ao tempo ao dizer: “*se quisermos atender às exigências mais rigorosas feitas à prática analítica, nossa estrada não nos conduzirá a um abreviamento de sua duração, nem passará por ele*”.

Dando continuidade às elaborações de Lacan sobre final de análise remeto-me ao seu texto *Nota Italiana* (1973, p. 312), momento em que Lacan nos diz que “*somente o analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas dele mesmo*”. Ele segue dizendo que para isso é necessário levar em conta o real, “ou seja, aquilo, que se destaca da nossa experiência do saber”, afirmando que existe um saber no real. Trata-se, aqui, de um ponto bem importante para todos os que desejam ocupar o lugar de analista. É onde Lacan faz a distinção entre o saber do qual o analista se ocupa e o saber do cientista. Lacan diz que o saber não é feito para a humanidade já que ela não o deseja. Em seguida ele diz: “*só existe analista se este desejo advier; que já por isso ele seja rebotallo da dita humanidade*”. Segue dizendo que “*o romance de Freud são seus amores com a verdade*” e que o analisante em seu percurso analítico deve circunscrever a causa de seu horror, o dele próprio, separado do de todos – horror de saber.

Retomo o Seminário *Os não-tolos vagueiam* em que Lacan diz que não há nada para descobrir sobre o inconsciente, nada para descobrir sobre o real, pois real é o buraco, o que se determina pelo que não se pode, de maneira alguma, aí, escrever a relação sexual.

A partir disto Lacan coloca que o inconsciente se inventa, mas se inventa a partir dos efeitos causados pelo que ele afirma existir um saber no real; saber que descreve “*como um sedimento que se produz em*

cada um quando começa a abordar essa relação sexual à qual, naturalmente, não chegará jamais, qualquer que seja a educação que lhe dê”. Lacan coloca o saber no real como indelével, não se apaga, não é subjetivado, constituído, segundo a via do puro acaso, como algo que ficou fora nas relações do sujeito com os que presidiram sua formação. Descreve-o como “*um resíduo que escorre na ranhura do dizer verdadeiro*”. Saber no REAL que afeta o sujeito e o leva a inventar o inconsciente que o determina (LACAN, [1974-1975] 2022). Para inventar este saber inconsciente Lacan chama a atenção que é preciso ver a borda do real *e*, seguindo a leitura do Seminário *Os não-tolos vagueiam*, tendo a pensar que na análise o sujeito é levado a saber fazer, com o objeto, a borda no real. Como um artesão, o sujeito no centro da cadeia, como colocado por Aurélio Souza (2023), que vai escrever “*fixões*” para diminuir os efeitos de gozo que o afetam.

Retorno à *Proposição de 09 de outubro 1967* sobre o fim da partida como a resolução de uma equação, pois Lacan nos diz que é a partir da estrutura desta equação que podemos ter uma ideia do que acontece ao termo da relação transferencial, ou seja, resolvido o desejo que sustentara em sua operação o analisante, ele não tem mais vontade de levantar sua opção, isto é, o resto que, como determinante da sua divisão, o faz cair do seu fantasma e o destitui como sujeito. Neste momento, o sujeito perde a segurança que extrai do fantasma, em que se constitui para cada um a janela para o real *e*, o que se percebe aí é que a apreensão do desejo não é outro senão a de um *des-ser*.

Temos aí a destituição subjetiva e nesse *des-ser* vem revelar-se o inessencial do sujeito suposto saber de onde o futuro analista entrega-se ao ágalma da essência do desejo. A resolução desta equação, singular para cada um, mas com termos comuns a todos, convoca-me a pensar que durante o percurso de uma análise torna-se necessário reinscrever a castração. Sigo Lacan (1975-1976) quando nos diz no Seminário XXIII - *O Sintoma*, que o sujeito deve, ao final de uma análise, saber fazer com o sintoma, o qual o representa, e é o que de melhor o sujeito porta, um saber fazer com seu sintoma, como também deve usar do pai e poder prescindir dele para que possa ocupar um lugar de fala e se fazer um nome, como tanto nos diz Aurélio Souza (2023) em sua transmissão no Espaço Möbius.

No texto *O ato psicanalítico - Resumo do Seminário 1967-1968* Lacan coloca que:

“O ato psicanalítico parece apropriado a reverberar com mais luz sobre o ato, por

ser ato a ser reproduzido pelo próprio fazer que ele ordena. Por isso ele remete ao em si de uma consistência lógica, de decidir se é possível dar sequência a um ato tal que, em seu fim, destitui o próprio sujeito que o instaura" (LACAN [1969] 2003, p. 371).

Em resposta à segunda pergunta, do início do escrito, sigo ainda Lacan no texto acima referido:

"Se o psicanalisante faz o psicanalista, ainda assim não há nada acrescentado senão a fatura. Para que ela seja devida, é preciso que nos assegurem que há psicanalista. E é a isso que responde o objeto a. O psicanalista se faz do objeto a. Ele se faz, entenda-se: faz-se produzir; do objeto a: com o objeto a." (LACAN [1969] 2003, p. 375).

Penso, com isso, que o sujeito realiza o objeto *a*, ao final se identifica com o objeto em uma identificação por traços, e com ele escreve a borda do real. Objeto que tem diferentes escrituras, que é um buraco com consistência do *REAL* mas, também, do imaginário e do simbólico.

Na *Nota Italiana*, como já referido anteriormente, Lacan nos diz que o analista se autoriza apenas dele mesmo, mas ele também afirma que se o analista ao final da partida não é levado ao entusiasmo, a amar o seu inconsciente, é bem possível que tenha havido análise, mas analista nenhuma chance. Em *A Proposição de 09 de outubro de 1967* Lacan nos diz sobre o analista:

"Que ele saiba do que eu não sabia do ser do desejo, do que acontece com ele, ao ter vindo ao ser do saber e que se apague."
"Sicut palea, como diz Tomás sobre sua obra no fim da vida - como estrume." (LACAN [1967] 2003, p. 259).

Enfim, concluo, com essas leituras, que o analista se produz a partir do objeto *a*, sem deixar de fora aquilo que Lacan traz na *Proposição*, em que fala de formação do analista, ao teorizar sobre a escola. Podemos pensar que não basta o analista se produzir a partir do final de análise, mas que ele deve dar uma continuidade. Nessa direção, penso em formação, ou seja, por meio de uma transferência de trabalho que nos joga em uma instituição de psicanálise onde, a partir das nossas produções, com os restos de nossas análises, sempre presentes, damos prova da psicanálise que praticamos, contribuindo, com isto, para sua transmissão.

Encerro com uma frase de Carlos Drummond de Andrade que me capturou e que me diz muito deste objeto *a*: "sob a pele das palavras pulsa uma candente paixão existencial".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund [1937-1939] *Análise do Terminável e Interminável*. In: Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud - v. XXIII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1975.

LACAN, Jacques [1966] *Abertura desta coletânea*. In: Escritos. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1998, p.10.

LACAN, Jacques [1967] *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003 p. 248-264.

LACAN, Jacques [1969] *O ato psicanalítico - Resumo do Seminário 1967-1968*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 371.

LACAN, Jacques [1973] *Nota Italiana*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 312.

LACAN, Jacques [1973-1974] *Os não-tolos vagueiam*. Salvador: Publicação interna do Espaço Moebius Psicanálise, 2016.

LACAN, Jacques [1974] *A Terceira*. In: Revista da Escola Letra Freudiana, Ano XXXV, 0. Rio de Janeiro: Letra Freudiana, 2016, p. 54.

LACAN, Jacques [1974-1975] *Textos Complementares ao Seminário 22 - RSI*. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 2022.

LACAN, Jacques [1975-1976] *O seminário, livro 23: O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.



O GOZO E O CORPO NOS LABIRINTOS DA MEDICALIZAÇÃO

EDUARDO LEDO

O GOZO E O CORPO NOS LABIRINTOS DA MEDICALIZAÇÃO¹

Eduardo Ledo²

RESUMO

Para analisar a forma como o corpo é afetado pela medicalização no domínio da psicofarmacologia, desenvolvemos uma leitura crítica da moderna Clínica Psiquiátrica, ressaltando o seu progressivo distanciamento da palavra com consequente acercamento às terapias adaptativas e às intervenções biológicas sem história ou sentido simbólico, resultando no apagamento de toda subjetividade possível. Fundamentando tal crítica, tensionamos a relação entre os fármacos e o corpo desejante a partir dos conceitos psicanalíticos de gozo e repetição.

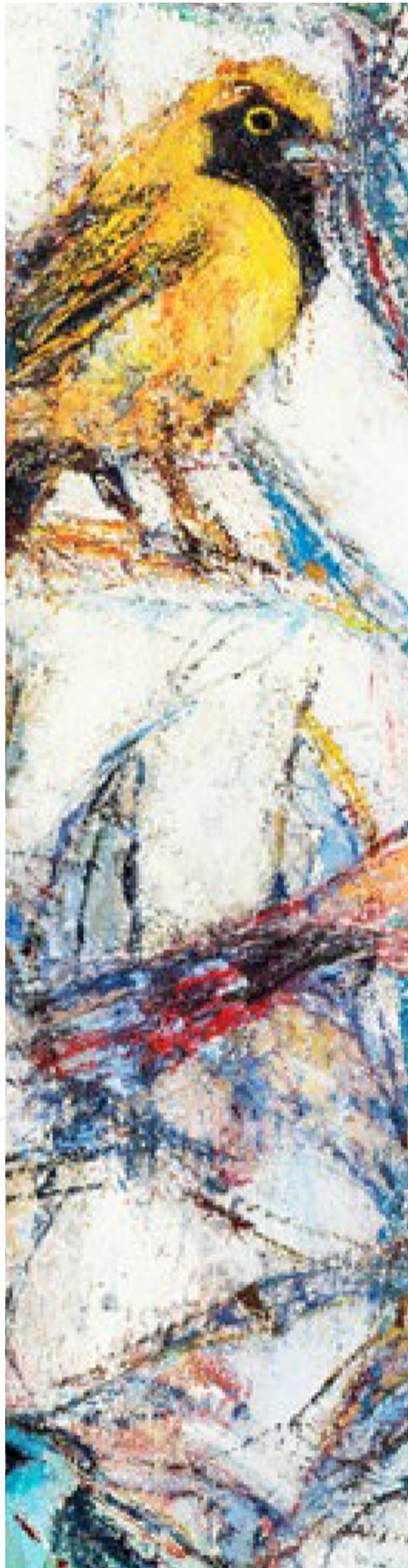
Palavras-chave: Psiquiatria. Psicanálise. Corpo. Gozo. Psicofarmacologia.

ABSTRACT

To analyze the way in which the body is affected by medicalization in the field of psychopharmacology, we developed a critical reading of the modern Psychiatric Clinic, highlighting its progressive distancing from the language and speech, with consequent rapprochement to adaptive therapies and biological interventions without history or symbolic meaning, resulting in the erasure of all possible subjectivity. Based on this criticism, we stress the relationship between drugs and the desiring body based on the psychoanalytic concepts of jouissance and repetition.

Keywords: Psychiatry. Psychoanalysis. Body. Jouissance. Psychopharmacology.

O presente texto/exposição traz em si o perigo, a contradição e o mal-entendido. Convidado para este colóquio de analistas, me coloco como um discreto corpo-estranho, uma pequenina farpa epistemológica no grande olho da psicanálise. Psiquiatra clínico, passei a minha vida acadêmica e profissional oscilando por entre as largas falésias e o vale profundo que separam as neurociências da psicanálise. Nesta, a minha formação é estritamente acadêmica, logo: não sou um analista, o que me franqueia a abordagem do campo minado da aproximação/interseção entre a psicanálise e as neurociências com o cuidado de quem admira e respeita o legado de Freud e Lacan,



mas com a impertinência dos que se apropriam de alguns dos seus conceitos com leves deslocamentos nos seus sentidos canônicos. Assim, o “simbólico” e mais problematicamente o “real” e o “gozo” parecerão, no uso que faço, conceitos estranhos aos ouvidos *averties* dos analistas lacanianos. Utilizo-os como alicerce teórico e instrumental crítico visando uma clínica que reintroduza a linguagem e, com esta, a palavra, no deserto da psiquiatria contemporânea, cooptada por uma ciência sem sujeito, sem história e sem palavras.

Aproximar a psicofarmacologia, instrumento maior da terapêutica psiquiátrica, ao gozo, conceito consagrado da psicanálise laciana, já pode nos parecer extravagante ou surpreendente, mas ao amalgamá-lo aos de repetição, pulsão e real, corremos o risco de nos apresentar como arautos de alguma exótica antropofagia epistemológica. Espero, no entanto, rapidamente dissipar tal impressão ao estabelecer um ponto comum, uma intercessão incontornável às abordagens médicas e psicanalíticas: o corpo vivo, “máquina” desejante e saturada de instintos e pulsões.

Um corpo, diferentemente de uma coisa, é saturado de sentidos. É objeto destacado e pregnante, recortado pelo imaginário e significado no simbólico. Quando excluído da simbolização e das fronteiras do imaginário, deixa um resto, um não recortado, um não significado naquilo que, com Lacan, denominamos de real. Mesmo se entendermos que o real não se resume à coisa em si, ao concreto ou ao orgânico, o corpo humano, com as suas carnes ossos e vísceras, quando não envelopado pelos significantes ou imaginarizado pela fantasia, encontra-se no domínio do real.

Freud nos revelou que um corpo não se define unicamente pela sua anatomia e que as históricas remodelavam os seus a partir da libidinização discursiva guiada pelas pulsões, transformando a topografia anatômica em uma topologia do desejo.

O conceito de *jouissance*, gozo, veio se colocar sobre o hiato existente entre um corpo animal, ávido por suprir as suas necessidades e regido pelo princípio de prazer ou de constância e o corpo fantasmático,

¹ Trabalho apresentado no Fórum de Intercâmbio do Espaço Moebus, em março de 2023.

² Doutor em memória e linguagem (UESB). D.E.A. em Psychanalyse et Psychopathologie (Université Paris VII). Master in Psychopharmacology (NEUSA). Mestre em Medicina (Neuropsiquiatria/UFBA). Especialista em Psiquiatria (ABP). Especialista em Neurociências e Comportamento (PUCRS).

envolvido pelas pulsões distribuídas segundo a insaciabilidade do desejo.

A partir da introdução conceitual da pulsão de morte, estrangeira tanto ao princípio do prazer quanto ao da constância, o gozo se tornou, para a psicanálise, um operador de satisfação insatisfeita, uma comichão inquietante de vida que escapa da pacificação simbólica e nos remete a um certo vitalismo em que a vida é definida como o conjunto de forças que resistem à morte, como afirmava Xavier Bichat (1771-1802).

Na pulsão de morte, vida e morte se imbricam em dialética perfeita, confundindo os primeiros leitores de Freud que viam em tal princípio uma dissonância com o evolucionismo darwiniano, base paradigmática das ciências biológicas, esquecendo-se todos eles que são diversos os exemplos de autodestruição programada na natureza, como no caso das apoptoses, nas neoplasias, nas doenças autoimunes e no próprio envelhecimento.

As neurociências, distanciadas da psicanálise pelos seus preconceitos recíprocos, semeados ao longo do último século e meio e cuidadosamente regados pelos corporativismos de toda ordem, tornaram-se, no universo psiquiátrico, onipresentes e hegemônicas. Elas servem de base para uma clínica muda, de sofrimento existencial traduzido em disfunções neuronais ou desregamentos cognitivos que, segundo esse modelo, impediriam a adaptação positiva e otimista a um universo capitalista tomado como a natureza última da vida.

O que é um corpo humano e o que, para além da forma, o diferencia de outros corpos animais e dos corpos físicos concretos? Freud, no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), nos apresenta o modelo fisicalista de um sistema nervoso que, por mecanismos estritamente naturais e materiais, produz uma mente dotada de memória, capacidades cognitivas e de interação com o ambiente, fazendo emergir uma consciência em primeira pessoa, bem como o seu contraponto inconsciente. Para tal prodígio, apresenta o modelo neuronal como elemento atômico da consciência.

Esse primeiríssimo Freud não se furtou ao desafio de abordar o hiato, o desfiladeiro heurístico da transição entre o corpo e a subjetivação, fronteira também entre o orgânico e a cultura. Mas, desde aqueles seus primeiros passos, já ressaltava o papel da linguagem como a pedra angular de toda abordagem possível da consciência e do que mais tarde viria a denominar de Inconsciente.

Aqueles que desejam fazer a aproximação entre o sistema nervoso, objeto das neurociências e da psicofarmacologia, e a vida psíquica no seu sentido largo, alvo da psicanálise e das abordagens dinâmicas, devem se aventurar nessa terra de ninguém, verdadeiro “campo minado” epistemológico que é a transição entre a biologia do corpo, com os seus códigos naturais - despidos de qualquer teleologia ou sentido, desenvolvidos segundo os princípios da seleção natural - e o advento de um código recursivo e reverberante, que é a linguagem e as suas línguas naturais. A passagem de um campo ao outro configura a transição entre a natureza e a emergência da subjetivação e da cultura humanas. Ao emergir do código biológico estereotipado à linguagem recursiva das línguas naturais, os humanos se tornaram mestres e escravos de um universo simbólico que progressivamente se destacou da sua plataforma natural e biológica, o que lhes deu autonomia em relação ao mundo das coisas para “navegar” no mundo das representações e dos significantes (LEDO, 2015).

Freud, em momentos distintos, e por vezes simultaneamente, se interessou pelos dois lados da fronteira. Convencionou-se dizer que os seus textos anteriores à *Interpretação de Sonhos*, de 1900, seriam pré-psicanalíticos. Entre eles, encontramos aqueles que terão uma clara continuidade epistemológica com o desenvolvimento da psicanálise, como os *Estudos sobre a Histeria*, de 1895, em parceria com Breuer.

Para o nosso propósito, cabe-nos destacar dois surpreendentes e comumente desconhecidos trabalhos que hoje poderíamos denominar de neurocientíficos e revolucionários. Em 1891, Freud escreve *Sobre a concepção das afasias* (FREUD, 2013 [1891]) o que seria uma síntese do que então se considerava a melhor ciência neurológica, a partir das descobertas de Paul Broca (1861) e Carl Wernicke (1875) e estabelecidas por Ludwig Lichtheim (1845-1928) e Theodor Meynert (1833-1891), professores de Freud na Universidade de Viena.

Surpreendentemente, mais que um resumo do conhecimento estabelecido até então, Freud desenvolveu uma crítica a tais modelos biológicos estritos, apresentando em paralelo uma nova proposição para o mesmo tema, na qual introduz o papel das representações de palavras e propõe a existência de um aparelho de linguagem, no qual o funcionamento do sistema nervoso não se daria a partir do localizacionismo estrito, proposto por Meynert e o *mainstream* acadêmico, mas de uma integração dinâmica e codificada de múltiplas regiões

do cérebro, destacando a autonomia das palavras em relação à representação de coisas. Com sessenta anos de antecedência, ele antecipou o modelo biológico de um suposto órgão de linguagem, proposto por Noam Chomsky (2016), bem como a existência de um processamento codificado e dinâmico para o funcionamento do sistema nervoso, como desenvolvido no modelo computacional digital e incorporado às neurociências a partir da cibernética dos anos 50.

Ainda mais surpreendente foi a proposta para um modelo de funcionamento psíquico integralmente materialista e fisicalista, desenvolvido no seu texto abandonado e recuperado cinquenta anos mais tarde: o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895. Esse texto guarda em si as contradições heurísticas por que passava Freud naquele final de século. Apesar de alicerçado em modelo e instrumental da neurologia, nele encontramos o embrião de conceitos que farão parte da base teórica da psicanálise, como o de pulsão, repetição, recalque e do próprio inconsciente.

Revelador do imbricamento de interesses freudianos entre a biologia e a psicanálise foi a coincidência de datas: no mesmo ano em que desenvolvia tais especulações biologicistas sobre o que denominava de aparelho mental, publicava com Breuer os *Estudos sobre a histeria* (Freud; Breuer, 1895) trabalho no qual já apresentava o modelo dinâmico e econômico que viria a explicitar na *Interpretação do Sonho*, em 1899.

Seguindo os passos de Freud, não recuamos diante do biológico, reconhecendo a sua relevância incontornável, mas denunciando os limites da má ciência que pauta o discurso da psiquiatria e os seus modelos de patologias mentais.

O desafio a que nos propomos é o de reincorporar a linguagem e o inconsciente em uma clínica psiquiátrica que, ao longo dos séculos XX e XXI, calou a voz dos seus pacientes, apagando as suas histórias e narrativas de sofrimento e privilegiando uma taxonomia sindrômica de sinais e sintomas, pretensamente ateorética, bem adaptada ao modelo psicofarmacológico de medicações para sintomas e dissociados de subjetividades, discursos e sentidos.

O CORPO VIVO E A SUA EXISTÊNCIA EM-SI

Para entendermos a relação entre os fármacos e o corpo devemos primeiro refletir sobre o que é um corpo vivo. Quando procuramos entender um organismo que sofre, já nos encontramos do universo simbólico em que os significantes se apresentam

como o instrumental do pensamento, introduzindo-nos em um universo desnaturado onde o código ganha autonomia sobre a concretude das coisas. Porém, a existência desse universo simbólico não faz desaparecer a sua plataforma orgânica e natural da qual emerge. Há algo lá fora da linguagem, como pensava Wittgenstein (1961) e onde alguns localizam o real lacaniano. Dentro do envelope de linguagem, por sob a cadeia significante que pacifica o corpo falado, escrutinado e catalogado, subjaz a coisa, aquilo que existe sem intencionalidade, que não fala, mas “grita” sem significantes ou sentidos.

Freud, no *Projeto*, já ressaltava o papel das células, nas suas necessidades e metabolismo cego, produtoras da *Triebfeder*; as “molas propulsoras”, ancestrais teóricas do conceito das pulsões, espécie de “clan vital” que impulsiona a biologia à sobrevivência da coisa orgânica. Esse corpo como que experimentado em-si, “visto” desde dentro, se desvanece a cada tentativa de descrição, uma vez que ao descreve-lo já o perdemos no universo simbólico onde “a palavra mata a coisa”. Lampejos dessa existência em-si emerge na experiência da angústia, afeto e emoção sem símbolo, incômodo mudo do puro existir sem teleologia ou sentido pacificador.

Ocorre que as intervenções farmacológicas se propõem precisamente a interferir nesse universo de coisas orgânicas funcionantes: neurônios que disparam, vias nervosas que se alentecem ou se aceleram para além da homeostasia e do silêncio dos órgãos. A ação dos bloqueios de recaptção de neurotransmissores, de drogas agonistas ou antagonistas, dos neuromoduladores ou dos estimuladores ou depressores do sistema nervoso seriam os elementos cegos e supostamente eficazes para o controle das dores do espírito. Em tal modelo terapêutico, toda escuta e toda palavra de sofrimento são supérfluas e mesmo indesejadas na pressa contemporânea, no culto à alegria e na inflação egóica dos textos de autoajuda ou no cognitivismo adaptativo.

Se tensionarmos o modelo apresentado, não nos parece absurda a aproximação do funcionamento orgânico, carente da cobertura simbólica, como origem e fonte da repetição de alguma forma de gozo. Tal modelo heurístico, despido de significantes, é explicado pelas interferências dos fármacos, produzindo efeitos terapêuticos e colaterais. Estes últimos (colaterais), são parte paradoxal dos primeiros (terapêuticos) quando entendemos o mal-estar como promotor e amplificador do efeito placebo e das suas eficácias. Se tal suposição comporta alguma verdade, o incômodo farmacológico seria um agenciador

do gozo, despertando o corpo do silêncio dos seus órgãos.

O efeito placebo é parte conhecida e integrante dos benefícios dos mais diversos fármacos e intervenções terapêuticas não farmacológicas. Considerada parte licitamente integrante de tais efeitos, colabora com parcela não negligenciável dos bons resultados de medicamentos consagrados pela eficácia, como os antibióticos, os quimioterápicos ou os analgésicos. É consenso entre os farmacologistas que nos pareceriam frustrantes as ações da maioria dos produtos farmacêuticos, caso fôssemos capazes de eliminar totalmente os seus efeitos placebo. No caso dos psicofármacos, e em particular nos antidepressivos, estudos recentes questionam mesmo se estes apresentariam efeitos outros que não o placebo (KIRSCH, 2009) (LEDO, 2015), amplificado por um sem-número de rituais e expectativas associados ao marketing e ao imaginário estabelecido sobre as maravilhosas e infinitas possibilidade da ciência e tecnologia modernas, supostamente capazes de manipular ao seu bel prazer as emoções e as capacidades humanas, como nos mostram os atuais modismos das drogas de *enhanced*.

Ainda mais intrigante é a observação de que essa eficácia se associa em curvas convergentes com o grau de efeitos colaterais e interferências no funcionamento habitual dos corpos. Contradizendo a máxima de Bichat, para quem a saúde é o silêncio dos órgãos, os efeitos terapêuticos dos psicofármacos guardariam uma relação com o paradoxal bálsamo do despertar dos órgãos, com uma hipotética vivificação no incômodo de um intestino que se alentece, de uma boca que resseca ou de uma sonolência que repetidamente parecem nos lembrar e gozar de um corpo até então mortificado no silêncio. Tais efeitos são magnificados se complicados rituais médicos são mobilizados para a sua execução, como na electroconvulsoterapia ou na estimulação magnética transcraniana.

Um exemplo surpreendente da importância dos efeitos adversos na determinação dos efeitos terapêuticos é o conjunto de recentes publicações de pesquisas sobre os antidepressivos. Tidos como marcos revolucionários na história dos tratamentos psiquiátricos e na compreensão da depressão como uma “doença do cérebro”, a eficácia destas drogas se encontra, segundo tais estudos, em estreita correlação com os efeitos colaterais que produzem, em flagrante desacordo com o senso comum alardeado pela própria indústria (KIRSCH, 2009). A consequência de tais observações é que mais

uma vez encontramos o paradoxo apontado por Freud: muito dos nossos mais caros atos, desejos e comportamentos não se encontram de acordo com o princípio do prazer, mas misteriosamente nos pressionam à repetição de um sofrimento, um “futucar” de feridas e reavivar de incômodos que, apesar da sua frequente banalidade e onipresença nas nossas vidas cotidianas, sempre nos surpreendem pelo irracionalismo da sua eficácia.

Apesar da concretude muda das intervenções farmacológicas que agem na “máquina” orgânica apagando as palavras, não podemos negligenciar a eficácia simbólica das narrativas explicativas do funcionamento farmacodinâmico e farmacocinético, também usado para modelar discursos sobre a suposta fisiopatologia das doenças mentais. Explicações diversas sobre o funcionamento biológico do psiquismo, com simplificações entre a má-fé e a ingenuidade, contribuem para a pacificação simbólica dos sintomas, embora escamoteiem com ficção alguma possível verdade que emerge no sofrimento.

SAÚDE COMO ADAPTAÇÃO AO CAOS

Sabemos que o projeto neurocientífico não é limitado pelas intervenções biológicas. Associado a um modelo simplificado de funcionamento mental - no qual os desregramentos de vias nervosas específicas explicariam sintomas singulares - surgiu a esperança de se desenvolver uma clínica, com as suas terapêuticas complementares, culminando no desenvolvimento das terapias cognitivas-comportamentais com as suas técnicas algorítmicas de performance e adaptação à sociedade capitalista tomada como uma força da natureza. Nesse modelo, a explicitação quantificada da inadaptação visa a adaptação progressiva. De base racionalista, supõe que a consciência da disfunção seria o caminho reto e seguro para a conformidade entre emoção, cognição e comportamento, vértices paradigmáticos das diversas gerações de terapias cognitivistas.

Desenvolveu-se assim uma clínica pragmática, congruente com a pressa contemporânea. Uma terapia contábil de pensamentos disfuncionais e crenças centrais, de acordo com a métrica de eficácia dos psicofármacos. Os questionários estandardizados nos perguntam: “o quanto, em porcentagem, você acha que é capaz?”, “o quanto, agora, você ainda acredita que...?”, guiando-nos na gramática adaptativa do neoliberalismo, segundo a qual o sujeito saudável emergiria de uma racionalidade alegre e concordante com “o mundo como ele é”.

O casamento entre a psicofarmacologia e o cognitivismo revela a congruência de ambas na ritualização das formas de gozar: a repetição estereotipada dos atos terapêuticos, como os horários precisos para a ingestão de comprimidos, as formas corretas de preparação de injeções ou suspensões orais, os questionários e escalas com pontuações progressivas configuram formas de repetição parasitadas pelo gozo. São vetores e carreadores de pulsões desviadas dos seus fins e capturadas nas estereotipias de atos rítmicos, sem significantes ou sentido. Nesse processo, se confundem as repetições dos atos, dos efeitos terapêuticos e dos efeitos colaterais. Todos são a materialização do gozo de um corpo dissociado de qualquer pacificação em cadeias significantes.

No universo das neurociências, o simbólico não diz respeito ao sujeito. A palavra não é parte da terapêutica, mas antes o seu empecilho. Nessa clínica surda e muda, a linguagem se apresenta como complemento externo: estrangeira ao sujeito, faz parte do simbólico da ciência. Os seus significantes sem sujeito avançam sobre os dados empíricos, narram o progresso do conhecimento sobre o caos do real. Assim, as palavras já não recobrem o sofrimento desde a perspectiva do sofredor, mas se limitam a descrever a dinâmica dos modelos explicativos, frequentemente de desconcertante ingenuidade, das supostas fisiopatologias das doenças mentais, da farmacologia dos psicofármacos, ou de pensamentos disfuncionais em desacordo com a lógica aristotélica formal, das terapias cognitivistas.

PSICOFARMACOLOGIA E MANEJO DO GOZO.

Praticamente a totalidade dos dramas humanos é produzida a partir da dialética entre narrativas ancoradas no corpo-próprio. Também as patologias relacionadas aos conflitos existenciais gerados e traduzidos nas narrativas não podem ser entendidas ou abordadas fora do universo da linguagem. Tal constatação expõe a enorme fragilidade da neurobiologia, no que toca aos seus modelos de desregramentos e patologias mentais.

Muito baseada nas localizações cerebrais das funções psíquicas elementares, como audição, visão, sensações tácteis, etc., a neurobiologia identificou outras regiões cerebrais que estariam implicadas na produção e controle das emoções, como o núcleo *accumbens* e a amígdala; da memória, como é o caso do hipocampo; mas também da coordenação sobre a ação dessas diversas regiões no controle da vontade, da atenção, da cognição, bem como do humor e da

modulação ética do comportamento, no caso das regiões pré-frontais. Nesse modelo foram testadas as consequências do aumento ou diminuição da atividade neural de cada região, resultando em hipóteses psicopatológicas baseadas em intensidades e tonos de atividades localizadas. Assim, por exemplo, a depressão estaria relacionada a uma diminuição da atividade dos neurotransmissores, sobretudo do trio composto pela hoje famosa serotonina, pela dopamina e a noradrenalina.

O simplismo de tal modelo, revelador da maximização das formas de gozo, permite supostamente explicar os diversos desregramentos do humor: o aumento da neurotransmissão levaria a uma excitação, resultando nos estados de hipomania e mania, e a redução, na depressão com o seu cortejo de tristeza, anedonia e lentidão. Da mesma forma, aumentos de dopamina nos circuitos mesolímbicos seriam responsáveis pelas alucinações e delírios nas esquizofrenias e baixas de glutamato em circuitos frontais provocariam o embotamento afetivo das psicoses (STAHL, 2014).

Tais modelos, pela sua simplicidade e linearidade causal, coadunam à perfeição com a psicofarmacologia que busca substâncias que ora aumentam, ora diminuem a atividade em cada região. Se baseiam no mesmo modelo localizacionista de estimulação ou inibição de regiões corticais e subcorticais, supostamente modulando a ação patogênica dos extremos da atividade neuronal.

Tal modelo se revela de uma fragilidade maior, quando entendemos que cada região realiza um sem-número de processamentos, a maior parte deles ainda desconhecidos e muitos potencialmente danosos quando alterados. Assim, se aumentarmos a transmissão serotoninérgica, supondo produzir um aumento de atividade no córtex pré-frontal dorsolateral - ele mesmo implicado em muitos outros processos conhecidos e desconhecidos além do controle do humor - alteramos também o processamento de informações de todos os neurônios que utilizam esse neurotransmissor em múltiplas áreas do córtex cerebral, ignorando as suas funções e possíveis desregramentos. Mesmo diante de tais limitações e incertezas e com resultados terapêuticos frequentemente marginais, quando comparados ao placebo, toda a atual psicofarmacologia se baseia nesse tosco modelo heurístico. Muito dependente dos fundos de pesquisa da indústria farmacêutica, a neurobiologia estacionou nas intensidades analógicas e ainda não foi capaz de incorporar o processamento digital gerador de código, de linguagem e de narrativas sobre o si mesmo e o mundo.

Na verdade, poder-se-ia argumentar que aqui tratamos de campos de estudos distintos e que não caberia à psicofarmacologia, responsável pelo estudo das drogas e suas interações com o sistema nervoso, explicar os sutis meandros da formação de palavras, discursos, narrativas e conflitos existenciais. Não dirijo desse argumento, no entanto, no simplismo das hipóteses que ajudaram a construir toda uma suposta fisiopatologia das doenças mentais - onipresente nos livros textos de farmacologia, clínica psiquiátrica e introdução às neurociências - encontramos modelos explicativos nos quais tal pretensão supostamente se concretiza. Neles identificamos, como se de conhecimento adquirido e seguro se tratasse, os mecanismos biológicos que nos fazem sonhar, entristecer, delirar, alucinar, amar etc., todos baseados no modelo analógico das intensidades de atividades neuronais em núcleos e regiões específicas, onde se encontram eludidos tanto o código de disparos neuronais quanto a linguagem que dele emerge.

Trata-se de um modelo sem mente e sem entendimento dos conflitos conscientes e inconscientes que caracterizam o universo simbólico em que vivemos e padecemos. Alicerçados sobre a epistemologia da hoje denominada psicologia evolutiva, os resultados empíricos que os alimentam são frequentemente fonte de conflitos, uma vez que servem de base, supostamente neutra e científica, para argumentos eugenistas que justificam as diferenças entre raças, gênero e sociedades, confundindo privilégios com melhor adaptação evolutiva (HERRNSTEIN, R. & J. MURRAY, C, 1996).

O primarismo dessa má ciência é certamente um dos obstáculos epistemológicos para o diálogo das neurociências com campos correlatos no estudo da mente, da consciência e do inconsciente.

NEUROPSICANÁLISE?

Um projeto de aparência alvissareira, iniciado na Inglaterra durante os anos noventa, parecia um portal de aproximação entre as neurociências, com os seus modelos analógicos de intensidades, e a psicanálise, com foco no inconsciente e na linguagem. Tal movimento, denominado de neuropsicanálise, foi capitaneada por Mark Solms (2002), neurocientista e psicanalista, e contou com o apoio de nomes de peso tanto das neurociências como da psicanálise ligada à *International Psychoanalytical Association* (IPA), como Eric Kandel, António Damásio, Oliver Sacks, Charles Brenner, André Green, Otto Kernberg e Daniel Widlöcher.

A neuropsicanálise buscaria criar pontes de conexão entre os saberes, respeitando as suas características irredutíveis e facilitando um diálogo crítico que permitisse às neurociências incorporar conceitos dinâmicos como o de inconsciente, deformação, deslocamento, resistência, recalque, dentre outros. A importância de tal projeto residiria na chance dada pela psicanálise para “que as neurociências não se tornem um admirável mundo novo, mas sim uma forma de expandir a autoconsciência e escolha” (KANDEL, 2005, p. 382).

O projeto para se estabelecer um campo de pesquisa para a neuropsicanálise foi explicitamente defendido por Eric Kandel. Através dos seus estudos sobre os mecanismos de armazenagem da memória de curto e longo prazo, das alterações estruturais dos circuitos neuronais e da expressão gênica provocada pela aprendizagem, Kandel, Prêmio Nobel de Medicina que desde a faculdade se interessava pela psicanálise, se qualificou como um protagonista maior para aproximações pouco ortodoxas entre a neurobiologia e a metapsicologia. Supondo poder contribuir para o fim do divórcio entre a psicanálise e a biologia e afirmando que o componente genético está sempre presente, mesmo nas alterações psíquicas adquiridas, suas pesquisas foram uma importante contribuição para o progressivo acúmulo de evidências da relação entre cognição, emoção, funções mentais diversas e o funcionamento do cérebro, bem como da relação causal entre o desregramento neuronal e as doenças mentais.

Entre 1998 e 1999, ele publicou, no *American Journal of Psychiatry*, uma sequência de dois textos nos quais propõe uma reaproximação entre a psicanálise e as neurociências (KANDEL, 1998, p. 457-469) (KANDEL, 1999, p. 505-524). Nesta sequência de publicações, Kandel fundamenta a reaproximação da psicanálise com a biologia, sem reducionismo ou incorporação de uma à outra. Ele pretende servir-se de uma bússola metodológica para que a psiquiatria transcenda os limites da mera catalogação diagnóstica e da farmacologia de sintomas que ao longo da segunda metade do século XX nos levaram à miragem e ao impasse.

Essas publicações se transformaram em manifesto e guia para aproximação das abordagens biológicas e dinâmicas, mas ao mesmo tempo fonte de polêmicas e mal-entendidos. No campo da psicanálise, muitos interpretaram suas propostas como uma tentativa cientificista de se apropriar do campo do psiquismo, reintroduzindo um organicismo mecânico na psiquiatria e na psicanálise (LAURENT, 2014); outros, no interior da própria



psiquiatria, argumentam que as neurociências ainda não acumularam conhecimento suficiente para a construção de modelos plausíveis sobre o funcionamento do psiquismo.

Em exame detalhado dos seus textos, observamos que Kandel na verdade não nos propõe o abandono da escuta, do encontro ou da transferência por nenhum método neurobiológico de abordagem propedêutica ou terapêutica, mas sim um entendimento do que subjaz como infraestrutura biológica dinâmica com influências recíprocas sobre a subjetividade. Nos parece que a fragilidade das proposições de Kandel não se encontra no suposto risco de invasão organicista do campo da palavra na psicanálise, e ele é cristalino ao negar tal pretensão:

Uma crença frequentemente alardeada

diz que a abordagem neurobiológica da psicanálise iria reduzir os conceitos psicanalíticos a conceitos neurobiológicos. Se assim fosse, a psicanálise estaria privada da sua textura essencial e da sua riqueza e características terapêuticas. Tal redução não é apenas indesejável, mas impossível. As agendas para a psicanálise, psicologia cognitiva e ciência neural se entrecruzam, mas não são idênticas. As três disciplinas têm diferentes perspectivas e alvos que podem convergir em certos temas críticos” (KANDEL, 2005, p.382).

Na verdade, ao propor a identificação das relações entre a neurobiologia e a psicanálise, Kandel, tal como Solms, o faz eludindo por completo a principal característica da psicanálise que é a sua relação com a palavra, a linguagem e o seu universo simbólico como instrumento de estruturação e perquisição do sujeito, capaz de acompanhar os passos da formação do *traço* como primeira marca de memória e linguagem sobre o corpo, do código biológico neuronal, da linguagem que dela emerge e da memória narrativa que armazena e associa sentidos, conflitos e criações conscientes e inconscientes.

Fascinados pelo funcionamento neuronal e com as descobertas de áreas especializadas em funções específicas, os neurocientistas criaram modelos sofisticados de controle neural da vigília, comportamento, memória, motricidade, visão, audição e mesmo da consciência alerta e do sentimento do self, mas não perceberam que a linguagem é a costura e o arremate que permite aos *sapiens* relatar eventos, contar história, criar ficções, tudo isso em uma suposta primeira pessoa, criando narrativas sobre o si mesmo e ligando a permanência de um corpo próprio a identificações imaginárias e simbólicas que fundam a subjetivação.

Os próprios princípios norteadores para uma neuropsicanálise, publicados por Solms, objetivavam identificar as relações entre conceitos psicanalíticos, como o inconsciente, as pulsões ou a transferência com lesões e disfuncionamentos em áreas cerebrais específicas, de acordo com a neuropsicologia desenvolvida por Luria (1902-1977) (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2002, p. 26 – 43). O próprio Solms nos dá o exemplo:

Sobre a base desse tipo de investigação psicanalítica, é possível determinar se uma função particular do aparelho mental foi afetada por uma lesão cerebral, e de que maneira- por exemplo- a função de inibição pelo processo secundário. Nós podemos então correlacionar as mudanças observadas com a parte do cérebro que foi lesionada, o que revela a sua contribuição

na organização dessa função mental. Se por exemplo nós observamos que os pacientes com lesões na parte ventromedial do lobo frontal sofre de uma diminuição quase total da inibição pelo processo secundário, então poderemos razoavelmente concluir que esta função psicanalítica está ligada às funções neuropsicológicas da região frontal ventromedial (SOLMS & TURNBULL, 2015, p.347-348).

De tão natural e ubíqua, a linguagem passa despercebida por aqueles que lidam com os complexos modelos da interação mente corpo, afirmando ou combatendo a heurística dual onipresente ao longo do último século. Ocorre que na língua se encontra a singularidade humana e a possibilidade de emergência do sujeito. Todas as demais características biológicas relacionadas aos estados de alerta e vigília, memória sem narrativas, funções sensoriais e motoras e controle de emoções são compartilhadas com boa parte do reino animal. Na linguagem e nas suas vicissitudes reside o sujeito e a cultura.

Em um projeto de reconquista do campo psiquiátrico, a bússola que poderá guiar a elaboração de uma nova clínica será também aquela que, devolvendo a palavra ao sujeito, reconstitua o papel do inconsciente e determine nas terapêuticas associadas os limites da farmacologia, admitindo o seu interesse na justa medida das suas eficácias como bálsamos do sofrimento, seja através das suas ações farmacocinéticas e farmacodinâmicas ou dos seus efeitos placebos e sugestivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, Noam. *Que Tipo de Criaturas Somos Nós?* Petrópolis: Vozes, 2016.

FREUD, Sigmund [1891] *Sobre a concepção das afásias: um estudo crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. [1895] *Projeto para uma Psicologia Científica* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 335-454.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. [1893] *Estudos Sobre a Histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. II, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p.11-350.

FREUD, Sigmund. [1900] *A Interpretação dos Sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV- V, Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HERRNSTEIN, Richard J.; MURRAY, Charles. *The Bell Curve*. New York: Free Press, 1996.

KIRSCH, Irving. *The Emperor's New Drugs, Exploding the Antidepressant Myth*. Basic Books, 2009, Kindle Edition.

KANDEL, Eric. *A New Intellectual Framework for Psychiatry*. In: *Am. Journ. of Psychiatry*. Vol. 155, N 4, 1998, p. 457-469.

_____. *A New Intellectual Framework for Psychiatry Revisited*. In: *Am. Journ. of Psychiatry*. Vol. 156, N 4, 1999, p. 505-524.

_____. *Psychiatry, Psychoanalysis, and the New Biology of Mind*. Arlington, American Psychiatric Publishing, Inc., 2005.

LAURENT, Éric. *Lost in Cognition: Psychoanalysis and Neurosciences*. London: Karnac Books, 2008/2014.

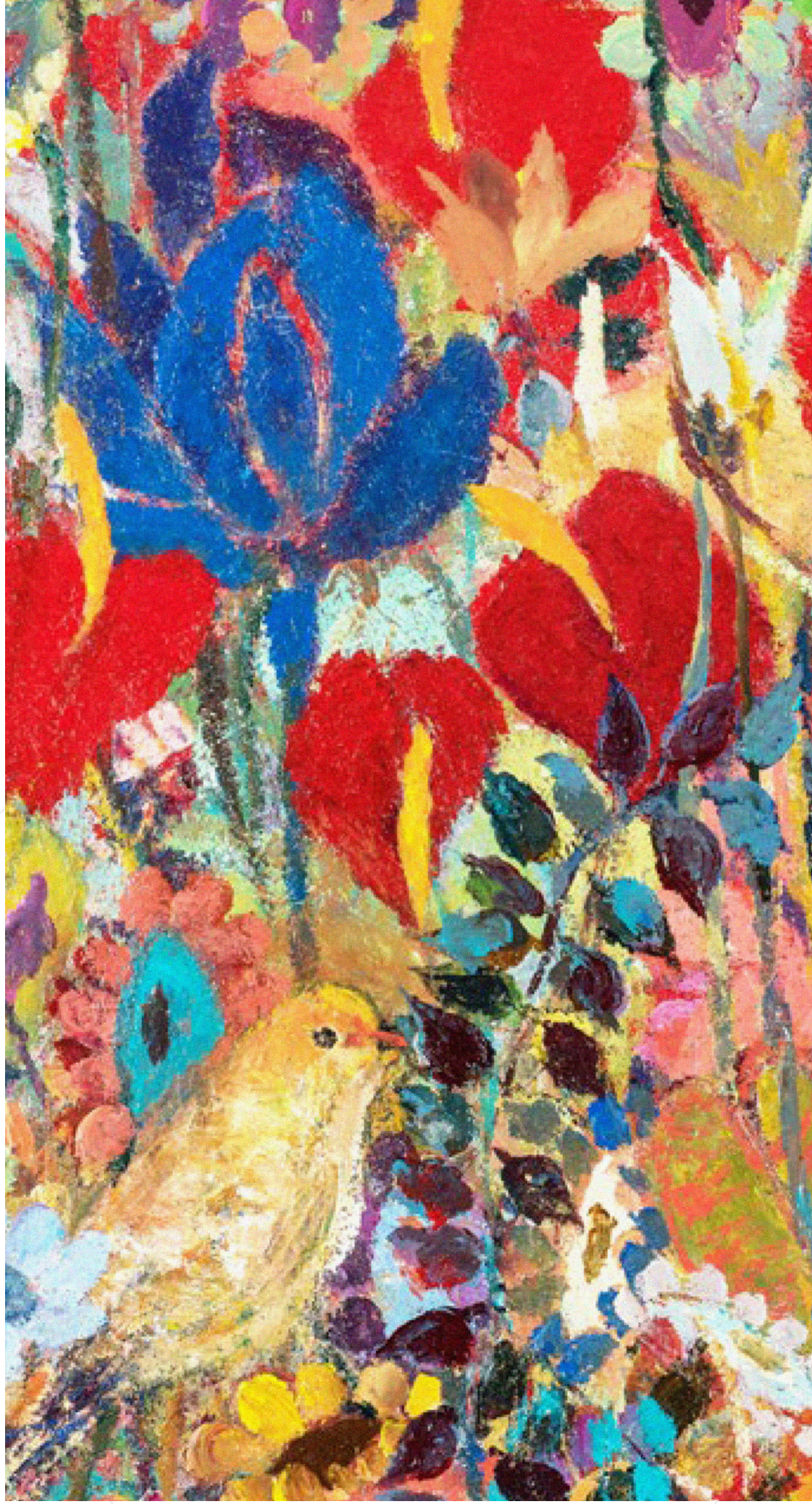
LEDO, Eduardo. *Diálogos do Impossível: Psiquiatria, Psicanálise e Ciência*. Salvador: Atualiza, 2015.

SOLMS, Mark ; TURNBULL, Olivier. *Le cerveau et le monde interne*. Paris: PUF, 2015.

SQUIRE, L. R.; KANDEL, E. R. *Memória: da mente às moléculas*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

STAHL, Stephen. *Psicofarmacologia: Bases Neurocientíficas e Aplicações Práticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Paris: Tel Galimard, 1961.



MUNIR-SE DO IMAGINÁRIO NARRATIVO PARA SE SEPARAR

CORINNE TYSZLER

MUNIR-SE DO IMAGINÁRIO NARRATIVO PARA SE SEPARAR¹

Corinne Tyszler²

Durante o primeiro confinamento da pandemia da Covid-19 participei de uma experiência inédita, aquela de uma “plataforma de acolhimento” batizada de C19, reunindo médicos clínicos, por um lado, e de outro, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas. Tratava-se de receber as mensagens escritas por pessoas atingidas, ou não, pela Covid, sofrendo em sua maior parte de diferentes sintomas psíquicos. O meio dessa troca era, portanto, o “chat” que podia, em certos casos, desembocar numa conversação telefônica.

“Bom dia, eu perdi meu pai... eu não o tinha visto há cinco anos, na data em que eu entrei com processo judicial contra ele por pedofilia...”

“Eu tenho medo de estar só”.

“Eu não saio há três semanas, tenho medo de ser contaminada”.

“Eu saí de minha casa para fugir da violência de meu irmão”.

“Eu tenho vontade de fazer uma besteira”.

“Ele não me olha mais e não quer mais me tocar”.

Mensagens escritas, às vezes em fonética, às vezes bem articuladas, as quais lançavam, todas, um grito de desespero, de vazio ou de socorro. Difícil passar por esse tipo de mídia, o chat, para entrar em contato com alguém que não se vê nem se ouve... E, contudo, alguma coisa produzia um encontro e permitia, na maior parte do tempo, transformar o grito em apelo. *“Há alguém aí?”*, indagava quase todos os dias um rapaz solitário e deprimido, que contactava cada um de nós no site. Há alguém aí, como a presença além das palavras desajitadas, rascunhadas no chat, e isso respondia do lado da equipe de psicólogos e de psiquiatras voluntários que nos constituímos.

PRESENÇA ANTES DA TRANSFERÊNCIA

Não se tratava, nessas trocas, de transferência no sentido ortodoxo. Era alguma coisa outra que seria preciso poder nomear, que não era do amor de transferência, mas simplesmente um contato. No

começo não era o amor, nem o endereçamento... mas, o contato. Parece que cada uma e cada um dentro de nós, à sua maneira, no site, tinha proposto uma oferta de escuta analítica, que consistia em fazer ressoar nossa presença, e a encarná-la pelas palavras. Olivier Douville fala disso assim: “antes da transferência, o contato”³, quando ele relata seu trabalho com jovens exilados.

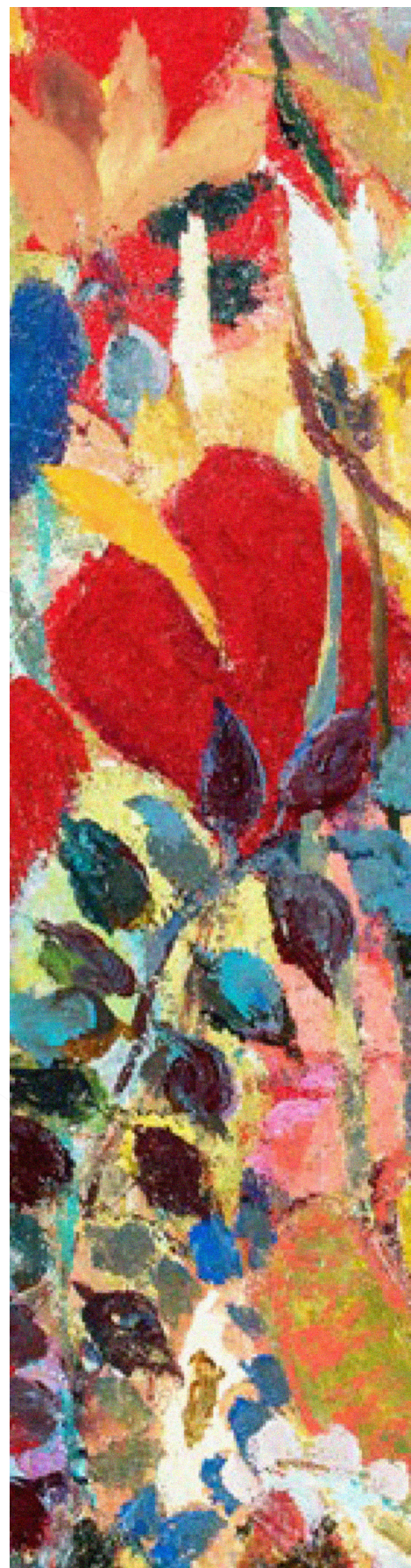
DAR OUVIDO, É PODER ESTENDER UMA MÃO QUE NOSSO INTERLOCUTOR SEGURARÁ OU NÃO.

Nós não iniciamos o trabalho terapêutico com aquelas e aqueles que frequentavam o site. Frequentemente alguns demandantes colocavam uma questão da qual eles consideravam que nós conhecíamos a resposta. Desde que um de nós tentava desenvolver a proposição, eles reiteravam, junto a outro voluntário, a mesma demanda mágica. E, contudo, por ter podido propor em várias situações um distanciamento nas palavras, abriu-se, para alguns, um outro espaço onde o confinamento psíquico ampliava seu alcance. Assim, a esse jovem que repetia incansavelmente sua solidão, eu pude fazer-lhe considerar que em inglês há duas palavras distintas para dizê-lo. Uma está do lado do isolamento, e a outra do lado da solidão. Isso provocou uma reviravolta...

Aquela jovem que se surpreendia com a dor por seu pai, que tinha acabado de morrer, enquanto ela tinha prestado queixa contra ele, por violência, foi sensível à diferenciação que nós lhe propusemos entre a função paterna que um pai ocupa, e aquela de ter sido batida por seu próprio pai.

O LUGAR DA POESIA

Tantas palavras para descrever o espaço restrito, a monotonia, a morosidade, a repetição morna nos dias de confinamento; letras rabiscadas, rasuradas, às vezes sem pontuação. Para essa mulher que tropeçava em seu universo pálido, sem relevo e sem cor, nós lhe propusemos escrever de outro modo o que ela dizia. Ela consentiu, talvez o espaço dessa troca apenas, ao escutar a primavera que nesse momento ali explodia,



¹ No original: *Séparer de l'imaginaire narratif pour se séparer.*

² Psiquiatra. Psicanalista. Membro da Association Lacanienne Internationale (ALI). Médica Responsável pelo CMP-CATTP para Adolescentes: Hospital de Saint-Maurice, Paris.

³ DOUVILLE, Olivier. *Avant le transfert, le contact.* In: *Transfert Adolescent.* Paris: Editions Érès, 2002.

lá fora, numa vida quase insolente. A conversação se aproximou de um poema de Victor Hugo que ela muito apreciou. Esse parêntese poético permitiu um esburacamento numa temporalidade que tinha sido suspensão pela Covid.

Nesse período onde o vírus invadia tanto o espaço psíquico como físico, as próprias palavras estavam contaminadas por ele, deixando-as sem cor, turvas e como que inanimadas. Nós nos esforçamos em lhes dar cor, em refazer-lhes um toquezinho de vida. Nós fazemos aqui referência àquilo que foi nomeado “Imaginário narrativo”, por um de nossos colegas⁴. Poder fazer relato do que nos chega nos impede de ser engolido. Um relato se decifra, ele não é dado a ler imediatamente: aqui nós incitamos os demandantes a se colocarem também no lugar do artesão que, pacientemente, através de uma pintura, de um mosaico, constrói uma narrativa. Demos como exemplo esses maravilhosos capítulos do palácio dos normandos em Palermo, onde se descobre Adão e Eva enxotados do paraíso: o primeiro trabalha duro na terra, enquanto a segunda, o olha aborrecida. Lembremos que as gerações futuras descobrirão como, varridos pelo real, nós temos tentado fazer disso uma narrativa.

PALAVRAS COMO PENSAMENTOS COMPARTILHADOS

Julian escreve seu medo: aquele do vírus naturalmente, mas também aquele da incerteza que para ele se tornou insuportável. Ressoando sobre esse termo, depois que ele pode, a pedido nosso, se desdobrar um pouco, nós pudemos compartilhar com ele uma citação de Edgar Morin que nos tinha tocado: *“A incerteza tornou-se nossa bússola. Tentamos nos acertar com um máximo de certezas, mas viver é navegar no mar de incertezas, através de ilhas e arquipélagos de certeza nos quais a gente se revitaliza”*⁵.

É também isso, fazer ato de presença indicando que o real é o mesmo para todo mundo; sem esquecer que nós temos uma tarefa imensa, a de permanecer vivo... na vontade.

A incerteza aguçada pelo confinamento tornou-se, mais do que nunca, nosso quinhão comum. Para nós mesmos, no trabalho inédito com os convocantes da plataforma do C19, nós extraíamos algumas ilhotas de certeza ao lado dos utensílios da psicanálise. O fantasma, a pulsão, o imaginário narrativo, sobre os quais nós nos acotovelamos, não devem nos fazer esquecer que tudo não é nunca completamente lisível. A singularidade desse período nos forçava a claudicar na doutrina. Trabalho de equilibrista que mais uma vez nós experimentamos com os

convocantes. A incerteza é talvez para se colocar em abismo com a incompletude da qual Lacan fez uma das vigas mestras de seu ensino. Essa última não nos permitiria atravessar a incerteza?

CAMINHAR NO NEVOEIRO

Tanta aflição murmurada, gozos também lançados para pasto através do *chat*. Interlocutores que se sucediam, sem nunca se intercambiar. Ao contrário, cada um de nós, retomando o fio de uma conversação, se dá conta do que seus colegas responderam. Nós não sabemos, nós não saberemos os efeitos de nossas intervenções. Aceitar essa incerteza, como nós dizíamos mais acima é, sem dúvida, também nosso leme. Nós tomamos cuidado de nunca nos substituir aos voluntários já consultados antes do confinamento. Nossas intervenções eram, às vezes, ditadas por uma necessidade talvez superegoica de se engajar assim na crise sanitária. Mas, como sempre, nós aprendemos com toda situação, e o imprevisto vinha aguçar, até revelar para nós o que era importante.

ANGÚSTIAS

A Covid vem cristalizar a angústia: palavra tantas vezes repetida como um precipitado que amalgamava todos os medos, todos os cagaços, as inquietudes. O vírus assim nomeado era tudo isso ao mesmo tempo: *“Meu marido é diabético e recusa fazer isolamento e eu tenho, de imediato, imagens ruins; eu o imagino em reanimação se ele pegar o vírus, ou mesmo pior, que ele morra com isso. Ele tem trinta e oito anos”*. Por trás do agente patogênico se misturavam registros diferentes, dizeres não sabidos. Trabalho minucioso do consultante que tenta desemaranhar, diferenciar. O traumatismo recobre o fantasma, temos o hábito de professor. Através do *chat* era, às vezes, possível não abrir a pequena janela do fantasma... mas, convidar os que solicitavam, a desdobrar, numa rememoração, um significante escutado no desvio da mensagem escrita. Nós não estávamos no quadro de um processo analítico ou de uma terapia. O tempo do *chat* era diferente, o silêncio era rebatido sobre contingências técnicas; não se tratava também de fazer escanções, de trapacear com equívocos; outro tempo, outro dispositivo. A Covid nos esvaziava de nossos hábitos e nos empurrava para reinventar.

HERÓIS

Camus já colocava a questão em *A Peste*⁶: o que é que é um herói? Ele faz seu personagem, o Dr. Rieux, responder que não pretende ser um santo, apenas um homem: *“Eu digo apenas que há sobre essa terra flagelos e vítimas, e que é preciso, tanto quanto seja possível, recusar estar no flagelo”*

Uma enfermeira demandante dizia claramente do seu embaraço por não estar nessa postura heroica, esperada socialmente: *“Bom dia, eu me permito lhe escrever porque eu sou enfermeira, em serviço hospitalar, e eu estou muito angustiada desde o início desse confinamento e mais amplamente dessa crise... Eu coloco a expressão “serviço hospitalar” no plural porque meu serviço tendo fechado, eu vou rodar de serviço em serviço, ao passo que eu não conheço nem as especialidades, nem os funcionamentos, sem nada a dizer, prevenida no último momento sobre meus dias de trabalho... E, nós não temos as proteções necessárias para se proteger e proteger nossa família, cada dia eu tomo conhecimento que me ocupei de um paciente que, finalmente, se verifica ser positivo para Covid, enquanto que nós não tínhamos os equipamentos adequados para nos proteger. Tudo isso não ameniza nada quanto a minha angústia inicial, eu que já sou muito ansiosa de base... Eu tenho muita vontade de mudar de trabalho e me culpabilizo por ressentir isso enquanto que as imagens enviadas pelas mídias são dos cuidadores fatigados, mas confiantes de contribuir com o combate. Pessoalmente eu tenho exatamente vontade de me proteger, fisicamente e psicologicamente... E de ficar em casa. Veja, vocês não terão provavelmente soluções, mas, ao menos, eu expressei meu estresse. Obrigada, pelo que vocês propõem! “Coragem para vocês. E.”*

Que coragem, sobretudo, da qual dá provas essa demandante que ousa bater em retirada diante da imagem de Épinal⁷ dos cuidadores, afrontando bravamente as massas mortais do vírus para vir em ajuda àquelas e àqueles que são sua presa! Essa mensagem permaneceu para nós como uma pérola encontrada na massa de todos os escritos. É preciso também sublinhar a simplicidade como a nudez: não! eu não sou uma heroína, e eu não me reconheço nessa injunção.

O que responder diante desse grito do âmago do ser? Que sua posição é honrosa por querer proteger inicialmente sua família e depois a si mesma.

Acrescentamos que nós mesmos estávamos sobre a injunção superegoica de “fazer alguma coisa”. Não estando na primeira linha, como nossos colegas nos serviços de reanimação, nos termos dado o propósito de assumir estar em segunda linha, e na plataforma C19, foi também uma oportunidade. “Recusar estar no flagelo”, era encontrar o meio de contorná-lo e de combatê-lo a nossa altura, sem sobressalto narcísico. A esse respeito, nós devemos precisar que os aplausos

⁴TYZSLER, Jean-Jacques. *L'imaginaire qui colle, l'imaginaire qui nous*. In: La Citébataire n° 10, Paris: Editions EDK, 2005.

⁵MORIN, Edgar. *Nous devons vivre avec incertitude*. In: lejourmal.net.fr - Paris, 06/04/2020.

⁶CAMUS, Albert. *La peste*. Paris: Nouveaux Classiques Larousse, 1965. Épinal refere-se a uma representação tradicional e ingênua, que mostra apenas seus aspectos positivos.

que eram ritualmente expressados cada dia, em honra dos cuidadores, davam relevo ao que nós podemos chamar o narcisismo simbólico: não são heróis que nós festejamos, mas mulheres e homens que faziam pacto simbólico na cidade, pela cidade. Nós teríamos mesmo o dever de aplaudir todas aquelas e aqueles, que nas lojas de alimentação, os técnicos ou nas ruas, nutriam essa solidariedade que pode apenas fazer o cimento de uma nação.

CLÍNICA DO DESATAMENTO

O que foi chocante, ao longo dessa experiência inédita, foi descobrir uma outra clínica. Outros quadros que, ao sabor de um confinamento forçado, desvelava uma outra arquitetura com escoras (*arc-boutants*) frágeis. Trabalhando em um serviço de psiquiatria nós pudemos observar que alguns psicóticos “estabilizados” atravessavam suavemente esse período: aqueles que estavam em permanente confinamento psíquico não ficaram perturbados com essa medida que, de acréscimo, lhes dava razão de um “perigo” no exterior. Nós não pudemos, também, observar descompensações psicóticas no âmbito de uma perda de referências acarretadas pelo confinamento.

Sobre o site C19 desvelou-se, pouco a pouco, num grande número de demandantes, uma clínica que nós propomos nomear como a aquela do desatamento fantasmático. Não são psicóticos onde o fantasma faz defecção, mas, sobretudo, situações onde essas pessoas não tem recurso ao imaginário narrativo desenvolvido mais acima. Nenhum grande relato também à sua disposição sobre os quais se apoiar, sem devaneios...

A solidão torna-se então uma interdição implacável, o “ficar em casa” torna-se um adocimento indubitável. É como se na casa de muitos deles, o que Freud chama o *Heim*, fosse desconstruído. Esse domicílio “subjetivo” é tecido, por cada um de nós, pelos significantes que tem acompanhado o nosso nascimento, por uma língua materna, ou melhor ainda, pelo que Lacan designou por “*lalangue*”, pelos devaneios.

Diante do real da Covid 19 e de suas consequências sociais, esse abrigo é quase pouco significativo para alguns. As fundações aí estão, mas alguma coisa afrouxou e transformou esse *Heim* em lugar precário. Nós observamos, durante esse período, crianças autistas possuidoras da linguagem construindo no próprio interior de seu apartamento cabanas para nelas se refugiarem. Dobrando em dois seus colchões, elas se davam o prazer, ao mesmo tempo que era uma

necessidade para elas, de aí se aquecer para com isso evitar, no sentido próprio, o vírus. Mas, para esses demandantes adultos, como ajudá-los a construir metaforicamente uma cabana, como incitá-los a reconstruí-la mais solidamente? Era um trabalho de fôlego longo, onde os materiais indicados subrepticiamente pelos demandantes, em suas palavras, são novamente oferecidos pelos voluntários: uma solicitante que não saía absolutamente de sua casa e que resmungava da solidão, havia confiado, ao final de um certo tempo, consequentemente, “que antes”, quando ela era jovem, ela passeava no parque de Versalhes. Pacientemente, convidada a se lembrar, ela consentiu em recolocar em palavras suas impressões visuais, olfativas. O que era interessante é que a temporalidade, que para ela era como estava, como em suspenso, pode se animar no prazer dessa rememoração. Ela não reconstruiu o castelo, nem os luxos passados, mas rebateu sensorialmente essas pequenas aventuras que se revestiam com um tecido precioso para ela. A partir desse rascunho, eu lhe propus escrever; essa era também a cabana, o relato de suas escapadas infantis. Para outros, não fora possível suscitar esse tecido com a temporalidade, nem marcar um objeto qualquer que fosse suscetível de animá-los: “*Bom dia! Eu estou só durante esse confinamento, eu tenho estresse vendo as informações e eu me entedio*” larga B. no site. “*Como é que você gosta de se ocupar?*”, tínhamos lhe perguntado. “*Eu olho a TV ou vídeo, é tudo*”. À sugestão que lhe fora feita de tentar escrever o que ele vê, ele opõe uma recusa tácita: “*Não gosto de escrever, eu escrevo mal*”. Todas as nossas tentativas de relançar se esbarravam em um descaso que não deixa saída. “*Eu não tenho amigos, eu não tenho confiança em mim*”. Nada nele, lhe diz sim à vida... O que Freud nomeou pulsão de morte encontra aqui seu esclarecimento: a destrutividade é sempre enganadora no humano, nos tinha prevenido o pai da psicanálise. B. parece se votar a isso, enquanto que nós nos esgotamos para tirá-lo disso.

Nós poderíamos dar ainda mais exemplos, mas pensamos que essa experiência, nessa plataforma C19, reabriu o horizonte de possíveis e nosso exercício de psicanalistas. O *a posteriore* nos indica que nós mesmos temos permanecido há muito tempo confinados em nossa prática, sem questioná-la antecipadamente. Alguns consideram que se trata aí de uma psicanálise em extensão. Nós preferimos aqui falar de plural: a psicanálise, mesmo rigorosa, deve poder apresentar vários rostos. Lembramos, como Delphine Horvilleur fez em uma emissão da França Cultura, que em hebreu o rosto é um plural. Imaginar-se que a psicanálise não teria senão um rosto, força levar à idolatria. Do mesmo modo a palavra vida, sendo um plural, nos inspira a dizer que nossa disciplina tem belos dias diante dela, ela

deve ter vários rostos e não uma máscara uniforme e congelada.

Que poderíamos dizer dessa experiência à luz da alienação - separação? Aqui nós temos sujeitos que têm uma relação especular com a imagem, que estão divididos pelo significante. Lembremos, a partir do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que Lacan define uma concepção propriamente psicanalítica do termo “alienação” fazendo-o aparecer como um processo conjugado com o que ele designa como “separação”. O desenvolvimento dessa concepção conclui-se no seminário *A lógica do fantasma*. “*A separação é isso pelo qual o sujeito encontra, se se pode dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significativa*”⁸. Lacan chama a representação subjetiva dessa falta estrutural S(A) – significante da falta do Outro, ou da castração do Outro, “*o fantasma sendo a resposta formulada pelo parletre à interpelação que provoca a castração do Outro*”⁹. Retomemos... Nós teríamos aqui a ver com um Outro com qual o sujeito esbarra, não em seu significante da falta, mas com um Outro onde a figura da falta não é imediatamente representável? Um Outro que não faria abrigo, onde o sujeito não pode se sustentar por um fantasma? Um Outro que não permitiria mais a questão do *Quevoui?* Um Outro, enfim, que não tem rosto, senão aquele de um vírus? As palavras terríveis de “*Y’a quelqu’un?*” (*Tem alguém aí?*) escritas incansavelmente na plataforma vêm fazer escutar não uma demanda, mas um grito, na espera de uma resposta de um Outro útil... como em todos os primeiros tempos em que, justamente, não há sujeito sem resposta do Outro, que pode então tomar um rumo onipotente...

Parece-me que uma outra maneira de caminhar é visualizar a alienação - separação à luz do nó borromeano. Coloquei uma questão sobre isso a Henry Cesbron Lavau, e ele me respondeu isso: “*o nó RSI é para ser tomado não como enunciado, mas em sua enunciação, e é para construí-lo, em sua própria construção, que se pode marcar um tempo de alienação - separação...*”

Construção, o significante é primordial... Ele evoca que o *punção* do fantasma é uma construção sempre a trabalhar, nunca concluída senão no cruzamento do íntimo e do social. Construção também no trabalho da análise (mas aqui, trata-se do esboço no sentido de relançamento transferencial), onde se trata de propor o imaginário narrativo como meio de tecedura para fazer reemergir à triplicidade do nó. Essa forma

⁸ LACAN, Jacques [1966-67]. *La logique du fantasma*. Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale, 2004.

⁹ *Ibid.*

de praticar tem a vantagem de pensar as coisas de uma maneira diferente do que em termos de desfalecimento do simbólico e de guardar no espírito que o enodamento da trança valerá como Nome do Pai. O exemplo dado mais acima, dessa jovem que aceita fazer um trabalho de rememoração sensorial de suas lembranças de infância, tem um efeito de reencantamento do devaneio que era brutalmente estancado com o significante da morte invadindo o social. Nossa sociedade se petrifica com seus votos de transparência, de performance de todo tipo, onde a cifra se torna onipotente declarando com força a norma, com essas injunções de avaliação em todos os campos, quer seja na escola, no hospital... Deixemos de lado. Estamos ainda atravessados pelo que causa mistério, estamos ainda petrificados por grandes relatos, sabemos ainda escrevê-los? Aceitamos que o devaneio das crianças seja apenas distúrbio de atenção?

Lacan colocou bem antecipadamente a questão da incompletude cujo significante da falta no Outro é uma das bordas. É um ponto importante para nossa práxis, sobre a qual Marcel Czermak insistiu muito: enodar o nome, a dimensão da imagem e o objeto causa do desejo...¹⁰ Essa operação pode-se fazer pelo viés desse imaginário narrativo que toma uma paleta de nuances em função das diferentes culturas...

Assim, todos esses jovens que nós temos recebido depois do confinamento estavam num desatamento psíquico, numa errância, não podendo mais se segurar numa sociedade que os acolhe e que, por certo tempo, não encontrou como resposta senão refeições por um euro? Esses adolescentes têm todos testemunhados o vazio e, sobretudo, a impossibilidade de imaginarizá-lo. A experiência do tempo distendido, do espaço retocado, por um bom número deles, tornam difícil, até impossível, inventar uma maneira de habitá-los. É nesse contexto, que alguns vão afundar literalmente em uma supercompensação nas telas, que não têm nada a ver com o imaginário narrativo, mas com o imaginário que os engole. Adornar-se com o imaginário narrativo para se separar do objeto conectado, do objeto mensurável, a fim de reabrir o fantasma se for possível?

Nós já tínhamos evocado a importância do teatro no acolhimento desses jovens que temos recebido no CMP (Centro Médico-Psicológico). Mais do que

teatro, insistimos sobre o jogo teatral, ou ainda, sobre o gesto. Antonin Artaud dizia isso: “*O teatro é mais fortemente significante que a vida e que a psicologia, que é seu comentário*”¹¹. O teatro não é monstração; nós todos fomos saturados por informações indigestas durante o confinamento, jornais televisivos que, para alguns, equivaleria a uma quase exibição de infelicidades. Propor um espaço, um tempo de jogo com os adolescentes, tornou-se mais operante do que uma interlocução clássica. O jogo teatral é um tempo de anúncio que permite antes de tudo a dialetização: não se trata de um tempo para ver, aquele que segue para o passado, e que é posto adiante; é o tempo de dizer através de um texto que escapa... Do mesmo modo, colegas tinham inventado durante o confinamento pequenas cenas no Zoom, onde os atores se transmitiam um objeto; evidentemente o acento era posto no gesto, mas também na imagem do gesto. Nós sabemos, como o próprio Winnicott nos legou, das observações sobre o gesto e o infantil. Em nosso exemplo, o gesto tornava-se coreografia, corpo e grafia... outra forma do imaginário, que faz apoio entre o real e simbólico, entre jogo e realidade, entre imitação e identificação...

Lacan nos *Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, seminário de 1964, na Lição IX, nos faz ouvir de uma maneira magistral o que se entende por “gesto”, em resposta a uma questão de Michel Tort:

“O que é um gesto?”... “O que é notável – se vocês assistiram a à última Ópera de Pequim – é a maneira como nela eles lutam. Lutam como se lutou de todo o sempre, bem mais com gestos do que com golpes. Certamente, o próprio espetáculo se acomoda por uma absoluta predominância dos gestos. Nesses balés, não se colide jamais, desliza-se por espaços diferentes onde se expandem séries de gestos que têm, no entanto, no combate tradicional, seu valor de armas”... “Nossas armas atuais, podemos também considerá-las como gestos. Queiram os céus que elas se possam manter nesse estatuto!” (LACAN, Jacques [1964] (2), 1988, p.113).

O gesto muralha última, imaginário último, contra a destruição, o muro do Real!

E não há senão um passo, entre o gesto e a gesta... A gesta¹² e o mito...

Para retomar a hipótese de Henri Cesbron-Lavau (2020)¹³: “O nó RSI é para ser tomado não como enunciado, mas em sua enunciação, e é ao construí-lo, em sua própria construção, que se pode marcar um tempo de alienação-separação...”

A passagem pelo imaginário narrativo em todas

as suas modalidades, na condição de que ela venha reabrir a triplicidade, vem reiniciar uma tecedura... Essa tecedura é, ela mesma, construção e vem fazer esburacamento numa temporalidade que tinha ficado congelada, congelando ao mesmo tempo o sujeito sobre o julgo de uma incerteza portadora de morte. Fazer relance desse imaginário permite, além disso, não ler as coisas do lado do todo traumático e deixar lugar para o “não todo” caro a Lacan, não todo traumático, portanto, abrindo uma distância onde a alienação – separação pode se entrever. Na hora em que escrevo essas linhas, fomos mergulhados novamente numa incerteza imensa, engendrada pela invasão da Ucrânia pelo exército russo... É-nos preciso recomeçar...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. *Le théâtre et son double*. Paris: Gallimard, Coll “Idées”, 1964.

CAMUS, Albert. *La peste*. Paris: Nouveaux Classiques Larousse, 1965.

CESBRON-LAVAU, Henri. *Des rapprochements possibles entre psychanalyse et science*. In: *Réel de la psychanalyse*. Paris: Éditions Érès, 2020.

CZERMAK, Marcel. *Passions de l’objet*. Paris: Éditions de l’Association Lacanienne Internationale, 2003.

LACAN, Jacques [1964](1). *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, leçon IX. Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques [1964](2). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 113.

LACAN, Jacques [1966-67]. *La logique du fantasme*. Paris: Éditions de l’Association Lacanienne Internationale, 2004.

MORIN, Edgard. *Nous devons vivre avec incertitude*. In: *lejournal.cnrs.fr*. Paris: 06/04/2020.

DOUVILLE, Olivier. *Avant le transfert, le contact*. In: *Transfert Adoléscent*. Paris: Éditions Érès, 2002.

TYSZLER, Jean-Jacques. *L’imaginaire qui colle, l’imaginaire qui noue*. In: *La Célébataire n° 10*, Paris: Éditions EDK, 2005.

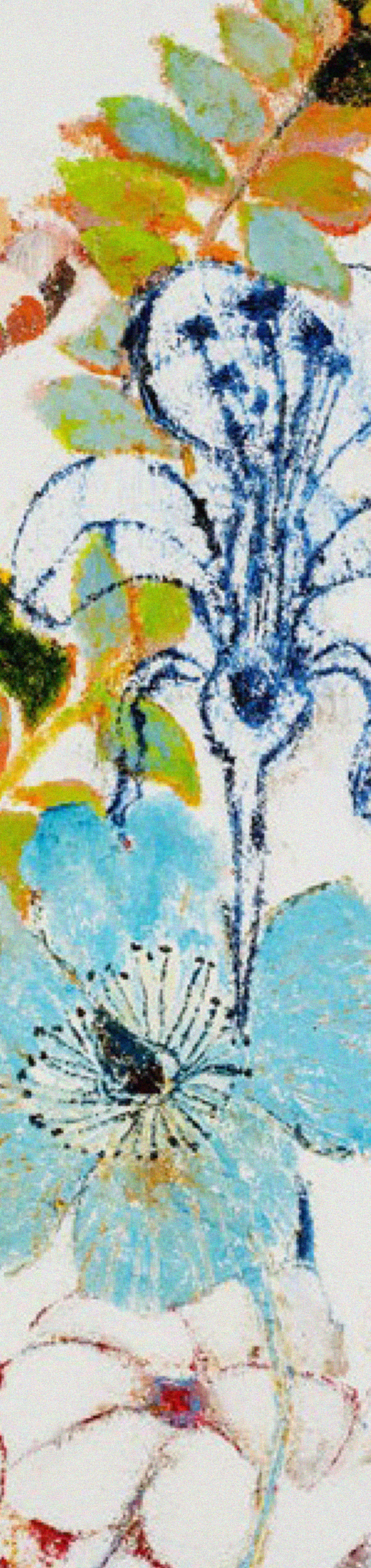
Tradução: Letícia Patriota da Fonseca
Revisão: Luiz Alberto Tavares

¹⁰ CZERMAK, Marcel. *Passions de l’objet*. Paris: Éditions de l’Association Lacanienne Internationale, 2003.

¹¹ ARTAUD, Antonin. *Le théâtre et son double*. Paris: Gallimard, Coll “Idées”, 1964.

¹² Gesta: tem o sentido de feito memorável, heróico; façanha, proeza; em literatura, refere-se à composição poética, em forma de canção, que narra esses feitos, indicando o conjunto dessas composições. N.T.

¹³ CESBRON-LAVAU, Henri. *Des rapprochements possibles entre psychanalyse et Science*. In: *Réel de la psychanalyse*. Paris: Éditions Érès, 2020.

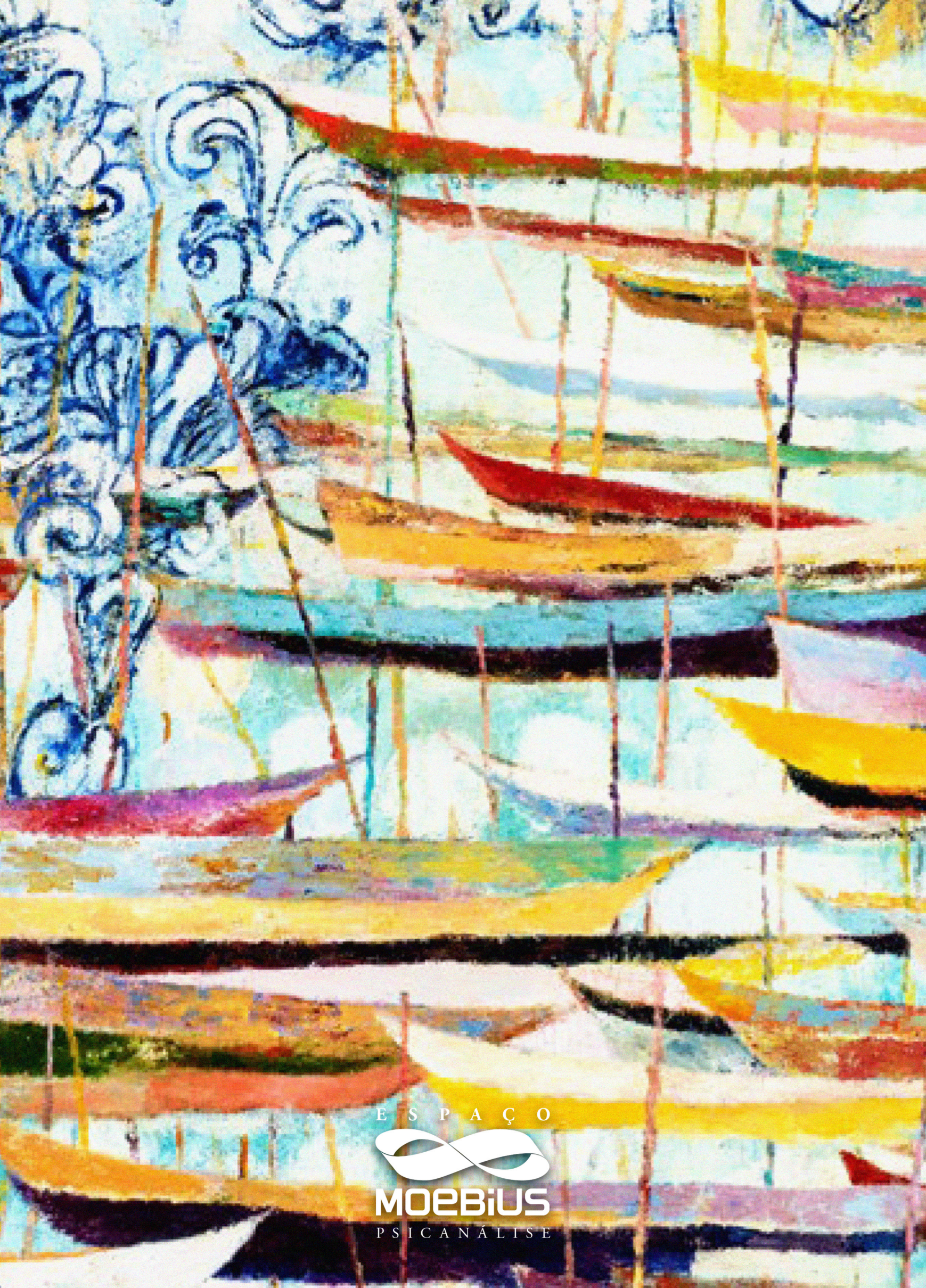


NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Serão publicados na Revista Topos trabalhos de Psicanálise, que deverão ser inéditos, salvo exemplos de traduções ou textos cuja importância se faça necessária por avaliação da Comissão Editorial;
2. Poderão ser publicados trabalhos escritos pelos membros do Espaço Moebius Psicanálise, bem como trabalhos de convidados pela Comissão Editorial e de outros colaboradores interessados.
3. Serão aceitos trabalhos publicados em língua portuguesa ou espanhola. Ficará a cargo do autor a tradução para o português dos trabalhos enviados em outro idioma.
4. Poderão também ser publicados Resenhas, Entrevistas e outros escritos que articulem a Psicanálise com outras áreas do conhecimento.
5. Os textos deverão seguir as normas técnicas da APA e alguns critérios abaixo estabelecidos:
 - 5.1. O autor deverá enviar o texto no seguinte padrão: máximo 10 páginas (incluindo referências bibliográficas), com no máximo 20 mil caracteres, aproximadamente, incluídos os espaços; formato A4, documento tipo Word for Windows, fonte Times New Roman, tamanho 12;
 - 5.2. Nome do autor ou autores, após o título; afiliação institucional, endereço de e-mail e créditos em nota de rodapé na primeira página;
 - 5.3. Título em Português e em Inglês; Resumo em Português e em Inglês (de cinco a dez linhas); Palavras-chave em Português e em Inglês devem ser sugeridas pelo autor (em torno de seis); Quanto aos trabalhos em outros idiomas, também deverá constar o Título, Resumo e Palavras-chave no idioma do autor;
 - 5.4. Relativo às resenhas e entrevistas, sugerimos não ultrapassar o limite de 5 páginas, seguindo a mesma formatação descrita acima;
 - 5.5. As citações deverão estar acompanhadas de sua fonte, com a(s) página(s) respectiva(s);
 - 5.6. As notas de rodapé deverão ser numeradas, consecutivamente, no texto.
 - 5.7. As palavras-chave deverão ser separadas por ponto final. Exemplo: Psicanálise. Sintoma. Sexualidade infantil.
6. A seleção e revisão dos artigos ficarão a cargo da Comissão Editorial, e os mesmos serão submetidos à apreciação do Conselho Editorial da revista, o qual emitirá um parecer favorável ou não favorável à publicação, e poderá solicitar ou sugerir ao autor eventuais modificações no seu texto. A Comissão enviará, por e-mail, o parecer final ao autor acerca da publicação ou não do material recebido, reservando-se o direito de não publicar os trabalhos que não se enquadrem nas normas estabelecidas ou na linha editorial da revista.
7. O período para recebimento dos artigos será divulgado, a cada ano, por meio do site do Espaço Moebius e outros meios de divulgação: e-mail, facebook etc.
8. Os artigos deverão ser encaminhados para e-mail topos.espacomoebius@gmail.com, aos cuidados da Comissão Editorial.
9. As dúvidas e outras informações também deverão ser encaminhadas para o e-mail da Revista. topos.espacomoebius@gmail.com

ESPAÇO MOEBIUS PSICANÁLISE

Av. Antônio Carlos Magalhães, nº 811, Sala 1304, Centro Empresarial Joventino Silva.
Itaigara. Salvador. Bahia. Cep. 41825-000 (71) 3358-2051
www.espacomoebius.com.br



E S P A Ç O



MOEBIUS

PSICANÁLISE